A PANDEMIA E O PANDEMÔNIO

ensaio sobre a crise da democracia brasileira

pandemia e pandemonio livro.indd 1 13/08/2020 18:30:25

A PANDEMIA E O PANDEMÔNIO

ensaio sobre a crise da democracia brasileira

André Duarte

1ª edição
Rio de Janeiro, 2020

VV

pandemia e pandemonio livro.indd 3 13/08/2020 18:30:25

Copyright@ViaVérita

Todos os direito reservador e protegiso pela Lei nr. 9610 de 12.2.1998.
É proibido a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Esse livro foi revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

EDITORA Via Verita LTDA

EDIÇÃO Monica Paape Casa Nova

CAPA E PROJETO GRÁFICO Giovana Paape e Arthur Rocha

DIAGRAMAÇÃO Alexandre Sacha Paape Casa Nova

Dados internacioas para catalogação na publicação (CIP)

D812p

Duarte, André
A pandemia e o pandemônio : ensaio sobre a crise da democracia brasileira / André Duarte. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Via Verita, 2020.
173 p. ; 21 cm.

Bibliografia: p. 166-172.

ISBN 978-65-

1. Democracia – Brasil. 2. Brasil – Política e governo – 2019- 3. Neoliberalismo. 4. Biopolítica. 5. Necropolítica. I. Título.

CDD – 320.981

Roberta Maria de O. V. da Costa – Bibliotecária CRB-7 5587

VIA VERITA EDITORA
www.viaverita.com.br
editorial@viaverita.com.br
@via.verita

André Duarte [1]

"Agora, ... em meio à desolação, construo pequenos arrimos para enfrentar o vendaval. Como quem edificasse, absurdamente, muralhas cada vez mais precárias para conter a enchente do rio que o ameaça e vai inundando as defesas, uma por uma, depois de transbordar do leito e arrasar tudo."

Ricardo Piglia

1. Professor do Departamento de Filosofia e dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia e em Educação da Universidade Federal do Paraná. Bolsista de produtividade do CNPq, autor dos livros *O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia no pensamento de Hannah Arendt*. São Paulo: Paz e Terra, 2000; e *Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: GEN/Forense Universitária, 2010, além de diversos artigos e capítulos de livro no Brasil e no exterior.

Para Maria Rita, sempre e novamente.

DIRETOR CULTURAL

Marco Antonio Casanova (UERJ)

CONSELHO EDITORIAL

Marco Antonio Casanova (UERJ)

Robson Ramos dos Reis (UFSM)

André Duarte (UFPR)

Alexandre Marques Cabral (UERJ)

COMISSÃO EDITORIAL

João Carlos Brum Torres (UFRS)

Giorgia Cechinatto (UFMG)

Marco Antonio Casanova (UERJ)

Robson Ramos dos Reis (UFSM)

Marcos Gleizer (UERJ)

Michael Steinmann (Stevens Institut for Technology)

Marlene Zarader (Universidade de Montpellier)

Irene Borges Duarte (Univ. de Évora)

Roberto Novaes de Sá (UFF)

Ernildo Stein (PUC-RS)

Cristine Mattar (UFF)

Índice

Prefácio (Marco Casanova)	12
Introdução	22
1. Sobre trajetória teórica desta reflexão	32
2. Crise da democracia e biopolítica	46
3. Crise da democracia e neoliberalismo	68
4. *Bacurau*, um filme para pensar o Brasil	82
5. Crise da democracia e necropolítica	96
6. A pandemia e o pandemônio político brasileiro	106
7. Da democracia sem *demos* ao poder da democracia	136
8. O bolsonarismo como ideologia	154
Referências bibliográficas	168

PREFÁCIO

A PANDEMIA E O PANDEMÔNIO

ensaio sobre a crise da democracia brasileira

Da perplexidade produtiva

A imagem comum do pensamento nos leva a tomar a atividade pensante como marcada por um exercício reflexivo que traz como consequência inevitável um distanciamento do campo prático e até mesmo uma alienação das questões humanas mais imediatas. É essa imagem vulgar que se encontra, por exemplo, presente na velha anedota contada por Diógenes Laércio sobre Tales de Mileto e uma certa escrava trácia que ri do filósofo que cai em um buraco, dizendo: "Eis o filósofo! Tão preocupado com as coisas do céu, que não olha para o próprio chão à sua frente e cai no buraco"[2]. Não há, contudo, nada mais distante da radicalidade do pensar do que a suposição de tal alheamento da vida. Há na origem de todo acontecimento de pensamento uma perplexidade, um espanto, uma admiração como diziam Platão e Aristóteles. Tal perplexidade, contudo, não envolve de maneira alguma um efeito letárgico de contentamento e a construção subsequente de uma existência coerentemente devotada às nuvens. Ao contrário, o que caracteriza a perplexidade própria ao pensar é justamente a violência com que ele não apenas medita sobre as coisas e os estados de coisas, mas também e principalmente com a qual destrói suas respectivas dimensões calcificadas. É assim que o filosofar se apresenta desde a origem como um movimento contínuo de combate à doxa, à religião, à política em sua dimensão institucional e mesmo à "verdade" em suas tendências estruturalmente dogmáticas. Pensar envolve precisamente assumir, portanto, uma perplexidade produtiva, que jamais se esgota em uma mera consideração desinteressada dos problemas em geral, mas que incessantemente luta pelas coisas mesmas e em nome das coisas. Para usar uma expressão de Michel Foucault, há em todo pensar a presença de uma "coragem para a verdade". Mas

2. Diógenes Laércio, *Vida e obra dos filósofos ilustres*, Rio de Janeiro: Editora Mestre Jou, 1987.

pandemia e pandemonio livro.indd 12 13/08/2020 18:30:25

isso não significa dizer, claro, que o pensamento se confunde com um ativismo político qualquer, com uma intervenção direta no próprio campo de realização das estruturas de poder e domínio. Por mais que possa haver intelectuais engajados e por mais que se possa mesmo apontar a necessidade do engajamento intelectual, não é neste âmbito que se revelam as potências propriamente ditas da violência pensante. É a própria atividade de pensar em si mesma que possui um poder transformador. Bem, mas por que estou dizendo tudo isso em um prefácio sobre um livro que se dedica antes de tudo a considerar em suas mais diversas faces o que poderíamos chamar de desastre brasileiro? Qual a relação entre a dita perplexidade produtiva e as análises empreendidas por André Duarte sobre a crise da democracia no Brasil?

Não deve causar nenhuma estranheza a alguém que se encontre no Brasil de hoje a afirmação de que todos nós nos vemos atualmente diante de um governo disfuncional e autoritário, o qual não apenas instabilizou todas as instituições democráticas nos últimos dezoito meses, mas também se mostrou absolutamente incapaz de conduzir com o mínimo de coerência e lucidez os rumos do país em meio à gravíssima situação sanitária, à qual todos nós fomos expostos por meio da pandemia do novo coronavírus. Não há qualquer ação orquestrada em qualquer âmbito do governo federal, houve duas demissões de ministros da saúde durante a semi-quarentena experimentada nas grandes cidades brasileiras e o presidente chega mesmo a boicotar de maneira expressa toda e qualquer tentativa de outras instâncias de organização social de assumir o vácuo deixado pelo poder central. Mesmo o uso de máscara é brindado por ele com a frase lapidar: "máscara é coisa de viado"[3]. A política, um dia pensada como a atividade voltada para a requisição organizada de todas as ações particulares no interior da cidade, torna-se, com isso, campo de supressão imediata de todo bom senso, de instauração da loucura como princípio de governo, de defesa de interesses maximamente particulares desprovidos eles mesmos de grande coerência e coesão. Vemos,

3. Afirmação retirada de edição de 08 de julho de 2020 do jornal Folha de São Paulo.

pandemia e pandemonio livro.indd 13 13/08/2020 18:30:25

em suma, uma população largada à experiência do salve-se quem puder, como puder e se puder, assim como um país disperso em um conjunto infinito de questões que nada têm a ver com os dilemas com os quais nos vemos inexoravelmente confrontados aqui e agora. Nunca é demais lembrar que, em meio ao avanço vertiginoso da pandemia, passamos semanas discutindo a interferência escandalosa do presidente na autonomia da polícia federal, os atos antidemocráticos, a corrupção dos Estados da federação, a prisão de um assessor de um dos filhos do presidente etc. Isso com um número de mortos que já passa hoje de 66000. Diante de tal cenário de subversão da lógica política mais básica, de destruição da política como atividade centrada no bem comum e mesmo de suspensão dos cálculos políticos estabelecidos com vista à possibilidade de ascensão e manutenção do poder, o pensamento, então, é convocado a empreender algo mais do que o simples acompanhamento desse estado de coisas em suas estruturas essenciais. Para o pensar, a perplexidade diante do desgoverno e do pandemônio que se segue à pandemia não se confunde com um convite a assistir de camarote o circo pegar fogo – com as consequências obviamente trágicas de se estar sentado em um camarote dentro do circo, enquanto o circo pega fogo. Ao contrário, ele abre uma oportunidade para que possamos nos haver uma vez mais com o caráter propriamente dito de nossa condição existencial e com as modulações pelas quais essa condição passa em nossa terra. Dito de maneira mais direta: a pandemia escancara as estruturas sórdidas de nosso tecido social, na mesma medida em que arranca a nossa máscara de Narciso sem qualquer dó e piedade. Em meio ao pandemônio, no qual agora nos encontramos, o Brasil se vê completamente nu diante do Brasil. E é exatamente aqui que a exposição empreendida acima se encontra com o poderoso livro de André Duarte. O que temos a chance de acompanhar no livro não é uma mera análise de autores importantes para considerar a condição política contemporânea, autores como Foucault, Arendt, Mbembe, Butler, Rancière entre outros; nem tampouco o diálogo sempre buscado com leituras atuais convergentes e divergentes, como as que têm lugar com figuras como Leonardo Avritzer,

pandemia e pandemonio livro.indd 14 13/08/2020 18:30:25

Fatima Lima, Slavoj Zizek, Marcos Nobre e Vladimir Saflate. Ao contrário, todas as considerações sobre tal condição e tais autores visam antes de tudo a abrir o espaço para um descortinamento do caso brasileiro e para a possibilidade daí emergente de não apenas compreendermos o que está acontecendo com todos nós, mas também criar linhas de fuga e resistência em relação aos modos de aprisionamento no qual todos corremos sempre o risco de incorrer. Três são, de qualquer modo, os conceitos chave que vão propiciar e conduzir, então, a leitura duartiana de nossa crise: biopolítica, neoliberalismo e necropolítica.

No que concerne aos dois primeiros conceitos, por mais que Duarte dialogue constantemente com pensadores contemporâneos como Agamben e Esposito, as leituras empreendidas no livro vão se centrar em torno claramente da obra de Michel Foucault, ainda que vez por outra surja uma menção ao caráter pouco desenvolvido da noção de biopolítica no interior dos textos de referência foucaultianos. Necropolítica, por outro lado, é um conceito que remete expressamente aos esforços pioneiros do filósofo camaronês Achille Mbembe. O que nos importa aqui, contudo, não é obviamente sintetizar de maneira introdutória o emprego empreendido por André Duarte desses conceitos originariamente estabelecidos em contextos situativos bastante diversos, mas antes discutir de maneira sucinta a originalidade do modo como o autor se vale desses contextos para pensar o que está acontecendo com todos nós agora. É sempre um indício de um procedimento artificial transplantar conceitos oriundos de um campo conceitual muito diverso para um campo de fenômenos marcado por especificidades impassíveis de serem abstraídas sem consequências fatais para a análise. Adaptar os conceitos, levando a termo pequenos ajustes, por sua vez, também não é suficiente para escapar desse risco sedutor em toda consideração de novos contextos, ou seja, para escapar do risco de simplesmente amoldar os fenômenos aos conceitos, sem se preocupar às últimas consequências com o que há de propriamente único nos fenômenos. O decisivo no modo de realização da leitura duartiana, porém, aponta na direção de uma estratégia completamente diversa de

pandemia e pandemonio livro.indd 15 13/08/2020 18:30:25

lida com os conceitos. Por mais que procure expor de maneira sucinta os conceitos-matriz para a sua análise, André Duarte faz antes com que os conceitos emerjam da particularidade de nosso campo social e político, apropriando-se dos conceitos e testando sua validade a partir do solo mesmo de seu enraizamento no Brasil. Nós não temos aqui um modo neoliberal de gerir recursos vitais e de produzir como consequência derivada dessa gestão da vida vulnerações de grupos populacionais particulares. Nosso neoliberalismo está intrinsecamente ligado a um caráter predatório que acirra a condição dos vulnerados, na mesma medida em que garante por meio da assunção tácita de desigualdades históricas a condição já de antemão decidida daqueles que podem suportar o que aí se apresenta como princípio seletivo. Trata-se de um jogo sórdido de cartas marcadas, no qual já se definiu antes mesmo do lance de dados aqueles que são os perdedores e aqueles que são os vencedores, de tal modo que o jogo é apenas um mecanismo de confirmação glorificadora. E não importa o que aconteça: o princípio neoliberal de condução das coisas econômicas e sociais já é sempre assumido como a essência não apenas de uma possível condução, mas também e principalmente do próprio jogo. Esse, no entanto, não é o elemento central que precisa ser considerado aqui, um certo caráter injusto na implementação mesma das políticas neoliberais no Brasil. O decisivo não é o fato de que, em nosso país, os vencedores e os perdedores já se acham de antemão definidos enquanto tais, mas antes o fato de o neoliberalismo incontornavelmente estabelecer o campo social a partir da ideia de vencedores e vencidos, de vitoriosos e de fracassados. O caráter biopolítico próprio ao neoliberalismo não vem à tona apenas em campos de desigualdade sociais extremas, mas se revela inversamente em sua essência por conta da exclusão constitutiva que de um modo ou de outro ele traz consigo. Tal caráter biopolítico, então, se junta como que por extensão imediata com a noção mbembiana de necropolítica. E aqui uma vez mais a situação brasileira exige um enraizamento do termo em um solo histórico diverso.

Assim como acontece com o termo neoliberalismo e com a leitura foucaultiana do termo em sua determinação origi-

pandemia e pandemonio livro.indd 16 13/08/2020 18:30:25

nariamente biopolítica, a noção mbembiana de necropolítica também emerge com caracteres muito particulares, quando se gera essa noção a partir do modo brasileiro de gestão da vida e de produção da morte, para me valer de uma expressão cara a André Duarte. Ao mesmo tempo, se a política de invisibilização do sofrimento e do luto de uma parte considerável da população tomada literalmente como não enlutável já se fazia presente nas grandes cidades brasileiras em meio à política de invasão de comunidades, de enfrentamento bélico do tráfico e de domínio territorial extorsivo por parte de milícias paramilitares, ou seja, se ela já se mostrava como parte de uma lida imunológica das políticas estatais em nossas terras, que condenava parcelas inteiras da população à condição de cidadãos matáveis em nome da manutenção das garantias de permanência de privilégios e direitos exclusivistas de certos grupos sociais, a pandemia elevou tal situação à sua máxima potência. Com a pandemia, tudo se viu repentinamente alçado a um nível de (des)governo, no qual o Estado passou a deixar simplesmente de funcionar a partir da definição de quem poderia ou não morrer, para colocar toda a população imediatamente sob o risco de morte – ainda que, como Duarte não se cansa de lembrar e como é evidente a partir de uma análise mais atenta da situação pandêmica no mundo, as populações previamente vulneradas continuem sempre em uma condição mais precária e, com isso, mais intensamente expostas ao perigo próprio à pandemia. Com isso, os efeitos neoliberais de implementação de estruturas de poder biopolítico se ampliaram de tal modo que repentinamente veio à tona o paradoxo de um modo de governança, que transforma literalmente a todos e a todas em seres aptos para morrer a qualquer hora e plenamente esquecíveis em seguida. Em uma cova coletiva e sem choro, todos nós perdemos até mesmo essa parte mínima que nos cabe nesse latifúndio. Deixamos, em suma, uma situação em que se preserva a vida de alguns e se toma como necessário para tanto que outros tantos possam ou mesmo precisem morrer, para a reformulação do princípio em um: "todos ao cadafalso". E é aqui que a pandemia se encontra precisamente com o pandemônio. O que se espera de

pandemia e pandemonio livro.indd 17 13/08/2020 18:30:25

um governo qualquer é antes de tudo que ele seja capaz de lidar ordenadamente com os diversos elementos do campo social, de tal modo a produzir em circunstância sócio-históricas específicas um arranjo desses elementos com vistas a determinados fins. No interior do que poderíamos chamar de racionalidade política em sentido amplo, esses fins podem ser mais ou menos abrangentes, podem se mostrar como mais ou menos democráticos, como impregnados pelos interesses de classe mais excludentes ou como voltados para o bem comum etc. Mesmo quando se fala que um governo busca o poder pelo poder, ainda assim se está acentuando um télos estrutural do movimento – por mais autocontraditório que possa se pensar esse télos. No interior do pandemônio em que se tornou o Brasil na lida com a pandemia, porém, os cálculos mais imediatos do que se poderia chamar de racionalidade política foram suspensos, apesar de tal suspensão não poder e não dever ser confundida com uma ausência completa de estratégia e de plano mesmo de condução da governança. Neste sentido, uma pergunta como que se impõe por si mesma: se não se deve subestimar o (des)governo de Jair Bolsonaro, atribuindo-lhe algo assim como um caráter simplesmente estulto e patológico, qual o sentido propriamente dito do projeto político em curso com o surgimento do bolsonarismo? Como se pode coadunar em uma mesma frase burrice, loucura e projeto político? Deixando a pergunta ressoar ainda mais: como a burrice e a loucura se transformam em projeto de mundo?

Com essa pergunta chego ao final de minha pequena apresentação do grande livro de André Duarte. De acordo com o autor, o que se tem em meio ao dito projeto político bolsonarista é por um lado a tentativa de alcançar algo assim como uma democracia sem demos, expressão que Duarte retira de uma leitura apropriativa bastante rica de Jacques Rancière. Ou seja, uma democracia sem articulação plural e complexa de *todos e todas* em torno do bem comum e consequentemente sem nenhuma consideração propriamente dita pelas parcelas mais vulneradas da população, assim como a manutenção, por outro, de uma gama percentualmente pequena, apesar de extremamente

pandemia e pandemonio livro.indd 18 13/08/2020 18:30:25

combativa, de indivíduos fanatizados e desprovidos de qualquer experiência social conjunta como base de apoio constante de todas as posições mais esdrúxulas do Líder. As consequências, tão bem acompanhadas por Duarte, ainda estão longe de se revelarem em toda a sua periculosidade estrutural e em todo o seu poder destrutivo. À perplexidade produtiva do pensamento, contudo, cabe justamente acompanhar o fenômeno em sua diversidade de facetas, reconstruindo sua origem, destruindo as camadas calcificadas que impedem a sua plena visualização e indicando os riscos daí emergentes para todos nós hoje e amanhã. É assim que não apenas se produz nos outros perplexidade, mas se convida também os outros a retirar de tal perplexidade um caminho de transformação. Que todos tenham na leitura desse livro o prazer que tive e pude ter.

Rio de Janeiro, 08 de julho de 2020

Marco Casanova

pandemia e pandemonio livro.indd 19 13/08/2020 18:30:25

"Não importa nada:
Nem o traço do sobrado
Nem a lente do fantástico,
Nem o disco de Paul Simon.
Ninguém, ninguém é cidadão."
Haiti (Caetano Veloso e Gilberto Gil)

INTRODUÇÃO

Este ensaio nasceu da necessidade de pensar uma situação de emergência, uma urgência excepcional, isto é, o mau-encontro entre a pandemia do novo Coronavírus e o pandemônio político do (des)governo de Jair Bolsonaro. Falar em (des)governo não é mero artifício retórico, pois desde que o atual presidente assumiu o Executivo temos testemunhado a aparição de uma figura governamental híbrida: por um lado, trata-se de um 'projeto' de esvaziamento e de perversão do sentido da democracia; por outro lado, esse projeto se faz acompanhar de um desatino político que beira a incompreensibilidade. Como se já não fosse crescente a insatisfação e mesmo a aversão de parte da população brasileira diante dos rumos assumidos pelo país nos últimos anos, eis que a chegada da pandemia tornou ainda pior o que já era suficientemente ruim. As ações, discursos e omissões do (des)governo atual simultaneamente deixam entrever seus objetivos antidemocráticos, ao mesmo tempo em que chocam e desnorteiam pelo amadorismo inconsequente com que procura implementar tais metas.

A chegada da pandemia ao Brasil instaurou entre nós uma situação completamente desesperadora, transformando a vida cotidiana de milhões de brasileiros em um filme de terror sem fim. Ninguém sabe como sairemos dessa situação caótica, produzida pelo descontrole político diante de uma crise sanitária também descontrolada: e isso é apavorante. A bem dizer, ninguém sabe no Brasil como será o dia de amanhã e nem mesmo se haverá dia de amanhã para milhões de brasileiros, seja para aqueles que não encontrarão leitos de UTI nos hospitais, seja para aqueles que terão de se haver com a gigantesca crise econômica que sobreveio e que se avolumará. A pandemia pôs às claras a crise já vigente de nossa democracia, agravando-a com máxima intensidade. Ela também explicitou as falácias e fragilidades do projeto de neoliberalismo desabrido que por aqui tentam emplacar, bem como desvelou o enraizamento entre nós de certo *ethos* autoritário, descomprometido com a preservação de laços de solidariedade, dependência mútua e civilidade, até o ponto em que as próprias autoridades se descomprometeram com a preservação da vida da população brasileira.

pandemia e pandemonio livro.indd 22 13/08/2020 18:30:25

Uma vez na terra *Brasilis*, a pandemia escancarou nossas crônicas deficiências no plano ético, político, econômico, cultural, social, sanitário, de tal modo que agora já não é mais possível continuar vivendo por aqui sem tentar propor um acerto de contas, um exercício de pensamento visando a compreender, tanto quanto possível, a estranha realidade que nos cerca e envolve cotidianamente. Este ensaio é minha contribuição inicial para começar a pensar e diagnosticar o que nos está acontecendo agora como país e como povo. É também uma maneira de ajustar minha formação intelectual e as pesquisas que venho desenvolvendo ao longo dos últimos anos às exigências de pensar o Brasil, assunto que abordo no capítulo 1. Bem entendida, a tarefa filosófico-política deste ensaio permanece no nível da formulação e explicitação conceituais, arriscando-se aqui e ali a indicar a pertinência destes conceitos para elucidar algumas ações, discursos e omissões do (des) governo Bolsonaro diante da pandemia, sem pretender apresentar análises empíricas exaustivas, de caráter historiográfico ou nos moldes da ciência política. O que proponho neste ensaio é criar algumas categorias, bem como moldar outras noções e conceitos vindos de alhures, adaptando-os às circunstâncias aqui vigentes, a fim de verificar quanta luz podem lançar sobre as trevas hoje imperantes em nosso país. Mais precisamente, este livro busca traçar uma relação entre a crise contemporânea da democracia brasileira e o modo como tem se dado entre nós a gestão da vida e a produção da morte da população, focando a atenção, sobretudo, no contexto da pandemia do novo Coronavírus. Parto da ideia de que cabe à filosofia pensar o presente e, para mim, isto agora significa pensar e avaliar os impactos diversos que a pandemia tem provocado na democracia e na organização social brasileira, afetando a vida da população em um sem número de maneiras.

Proponho examinar duas hipóteses conexas: a hipótese de que a chegada da pandemia ao país terá explicitado a natureza de um complexo dispositivo político em que se congregam, desde há muito entre nós, diferentes tecnologias de governo da população brasileira, analisadas a partir das noções foucaultianas de biopolítica

pandemia e pandemonio livro.indd 23 13/08/2020 18:30:25

e neoliberalismo[4] e pela noção de necropolítica formulada por Achille Mbembe[5], assunto abordado ao longo dos capítulos 2, 3, 4 e 5. Em segundo lugar, proponho também examinar a hipótese de que o advento da pandemia, ao encontrar-se com o pandemônio do (des)governo atual, terá provocado um deslocamento no interior daquele dispositivo de governamento da população, de sorte que o vetor da necropolítica assumiu precedência e primazia, assunto abordado no capítulo 6.

Biopolítica, necropolítica e neoliberalismo são noções já bastante difundidas, com ampla circulação além do público acadêmico especializado, e assumiram grande centralidade na discussão política mundial e brasileira durante a pandemia do novo vírus. De acordo com as teorizações de Michel Foucault, biopolítica e neoliberalismo dizem respeito a duas tecnologias distintas de governamento, destinadas a produzir a intensificação da vida da população por meio de mecanismos estatais e não estatais. A despeito de independentes, tais tecnologias de governamento podem se mostrar articuladas entre si, como ocorre em nosso país. Ao mesmo tempo em que visam a melhorar e intensificar as condições de vida da população, ambas tecnologias também podem produzir exclusão e morte. Isto pode se dar tanto por causa da debilitação das infraestruturas sociais e econômicas de proteção da vida da população precarizada, no caso do neoliberalismo, quanto pela promoção de políticas públicas e demais ações governamentais de caráter discriminatório, orientadas pela consideração de que a vida de uma parcela da população se encontra ameaçada pela existência de outras parcelas da população, as quais devem ser vigiadas, controladas e, no limite, mesmo aniquiladas, como se dá no caso da biopolítica.

Como se deixa perceber, ainda que distintos, biopolítica e neoliberalismo são fenômenos fronteiriços. Do mesmo modo,

4. Cf. Foucault, Michel. *História da sexualidade. Volume I – A Vontade de Saber.* 13ª ed. Rio de Janeiro, 1999. Tradução de M. T. da Costa Albuquerque e J. A. G. de Albuquerque; *Em defesa da sociedade.* SP: Martins Fontes, 2000. Tradução de Maria Ermantina Galvão; *Nascimento da Biopolítica.* SP: Martins Fontes, 2008a.

5. Mbembe, Achille. *Necropolítica.* Tradução de Renata Santini. SP: N-1 editora, 2018.

pandemia e pandemonio livro.indd 24 13/08/2020 18:30:25

tampouco é surpreendente constatar a íntima proximidade existente entre neoliberalismo, biopolítica e necropolítica, uma vez que a produção de efeitos letais sobre a vida de parte da população é subjacente a essas três tecnologias distintas de governamento. Contudo, cabe observar que, quando se trata da necropolítica, as prioridades se invertem por completo, já que não se trata mais de produzir e incentivar quaisquer formas de vida, mesmo que ao custo da morte de outras formas de vida, mas de produzir a morte de milhares como condição primeira e necessária para a manutenção e incremento da vida de uns poucos. Por certo, não se pode perder de vista que essa inversão de prioridades não se limita ao plano das sutilezas conceituais, pois seus efeitos práticos são imediatos e bastante visíveis em termos do aumento do sofrimento e das taxas de mortalidade da população.

Pois bem, parece-me que foi justamente isso o que aconteceu durante o mau-encontro entre a pandemia viral e o pandemônio bolsonarista: neste momento, operou-se um deslocamento no dispositivo de poder em que se encontravam entrelaçados biopolítica, neoliberalismo e necropolítica e esta última assumiu posição de primazia. Foi assim que chegamos à marca de mais de 55 mil mortos pela pandemia no final do mês de junho de 2020, ao passo que projeções matemáticas preveem números ainda mais assustadores até o final de agosto. Por certo, o advento da pandemia não fez com que as tecnologias biopolíticas e neoliberais subitamente desaparecessem ou perdessem vigência no cenário brasileiro. Pelo contrário: sob a pandemia os perversos efeitos colaterais de exclusão social e de exposição ao risco da morte, próprios às tecnologias biopolíticas e neoliberais de governamento da vida da população, viram-se ainda mais intensificados e agravados a partir do momento em que foram recobertos e ressignificados pelo vetor necropolítico, do qual somente podemos esperar a produção da morte e demais efeitos de destruição. Neste sentido, a pandemia terá revelado de que maneira a necropolítica veio a constituir a marca registrada do pandemônio político que é o (des)governo Bolsonaro. Em outros termos, o mau-encontro entre a pandemia viral e o pandemônio político abriu as portas para uma generalização sem precedentes dos

pandemia e pandemonio livro.indd 25 13/08/2020 18:30:25

efeitos de morte, até o ponto em que agora todos nos encontramos, ao menos potencialmente, expostos ao risco de morrer à espera de atendimento hospitalar. Evidentemente, isto não significa negar que a população brasileira sujeita a processos históricos de precarização seja exatamente aquela que mais tem sofrido, e de maneira mais intensa e imediata, com os efeitos mortíferos do novo vírus e do pandemônio político, econômico e sanitário que acompanham o desenrolar da pandemia no Brasil.

Pandemônio vem de *pandemonium*, substantivo criado pelo poeta inglês John Milton (1608-1674) para designar o palácio de Satã em *Paraíso Perdido*.[6] Se o pandemônio designa o palácio luciferino ou a capital imaginária do inferno, há que se imaginar que seja um local inóspito, confuso, obscuro, pleno de intenções malignas, destrutivas, mortíferas. [7] Ao transpor o pandemônio poético para a situação política brasileira atual, meu propósito não é aludir a qualquer comparação entre o príncipe das trevas e o primeiro mandatário do país. Isto, convenhamos, seria conceder demais ao presidente. No entanto, devemos começar a pensar seriamente a situação infernal em que ele colocou o país, assim como as implicações teológico-políticas de seus discursos, em parte oportunistas, em parte recendentes a fanatismo religioso de

6. Milton, John. *Paraíso Perdido*. E-booksBrasil. Clássicos Jackson. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc., 1956. Tradução de Antonio José de Lima Leitão. O termo Pandemônio aparece ao final do Canto I:

"Lá foi arremessado de cabeça
Com todo o bando seu, fértil de indústrias,
Para erguer torres no profundo inferno.
Os arautos alígeros no entanto,
Cumprindo as ordens do infernal monarca,
Ao som pregoam de canoras tubas,
E em préstito pomposo, um grão conselho
Que logo deve em Pandemônio unir-se,
Paços imensos do tirano do Orco."

7. Acaba de sair uma publicação coletiva que também estabelece uma associação entre pandemia e pandemônio no Brasil. Cf. *Pandemias e pandemônio no Brasil*. Organizado por Cristiane Brandão Augusto e Rogério Dultra dos Santos. Instituto Defesa da Classe Trabalhadora, São Paulo: editora Tirant lo Blanch, 2020.

pandemia e pandemonio livro.indd 26 13/08/2020 18:30:25

baixa extração, com os quais Bolsonaro logra despertar intenso furor entre seus apoiadores mais radicais. Não nos esqueçamos de que estamos diante de um presidente que transforma versículos bíblicos em lema de propaganda política.

Se recorro à figura do pandemônio para descrever metaforicamente a terrível situação política e econômica em que se encontram a população e a democracia brasileira em meio à pandemia, detenho-me aqui no sentido prosaico que o substantivo adquiriu em português.[8] Com tal restrição semântica, por certo não perco de vista o caráter diabólico deste (des)governo e todas as obscenidades, obscuridades e perplexidades que daí se derivam e que merecem ser devidamente pensadas e compreendidas segundo uma perspectiva filosófico-política. Trata-se, pois, de lançar alguma luz no interior sombrio do complexo dispositivo de poder sob o qual padecem a população e a democracia brasileira neste momento crítico da pandemia viral, explicitando as formas pelas quais se articulam entre nós biopolítica, neoliberalismo e necropolítica, com seu triste cortejo de funestas e imprevisíveis consequências éticas, políticas, econômicas, sanitárias e culturais.

Quando observamos as ações, os discursos e as omissões do (des)governo Bolsonaro diante da crise pandêmica, percebemos que eles se orientam pelo lema macabro da necropolítica, que assim poderia ser formulado: fazer morrer e deixar morrer, aspecto que discuto no capítulo 6. Essa mutação ou recobrimento do eixo da produção da vida pelo eixo da produção da morte se deixa perceber na infame manifestação presidencial diante da escalada exponencial do número de mortos por causa do novo vírus no país: "E daí? Quer que eu faça o quê?". Eis, portanto, o que se trata de pensar: o que significa esse explícito descaso das autoridades políticas, econômicas e sanitárias diante da vida e da morte dos brasileiros? O que significa que aquela declaração, dentre tantas outras mais, possa ser feita sem maiores consequências, e

8. O *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* traz as seguintes definições: "S.m. **1.** Capital imaginária do Inferno; **2.** Reunião ou conluio de pessoas com o fito de fazer o mal ou armar desordens; **3.** Tumulto, balbúrdia, confusão." Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986, p. 1256.

pandemia e pandemonio livro.indd 27 13/08/2020 18:30:25

que milhares de mortes possam continuar a se multiplicar diante da indiferença quase ostensiva dos poderes públicos? Arrisco uma hipótese: um presidente que opera politicamente segundo o critério da eliminação daqueles que não vivem à sua imagem e semelhança não poderia senão sentir desprezo por qualquer outra vida que não a sua própria e a de seus familiares, os filhos em primeiro lugar. Não seria este o sentido mais profundo do 'E daí?' presidencial? E se o mesmo presidente afirma reiteradamente ser um defensor da democracia e da liberdade, caberá, então, perguntar: qual democracia? Liberdade para quem? Ao longo do capítulo 6, também caracterizo o 'projeto' político do (des) governo Bolsonaro em termos do esvaziamento e da perversão do liame crucial entre democracia e lutas coletivas populares pela conquista e defesa de direitos de cidadania, tendo em vista instaurar entre nós o que denominei como uma democracia sem *demos*.

No capítulo 7, inspirando-me em Rancière, Arendt e Butler, proponho uma interpretação político-performativa da democracia, a fim de repensar o liame entre a democracia e o *demos*. Segundo essa perspectiva, a democracia se renova e se fortalece no decurso das demandas coletivas que visam a redefinir os limites institucionais e jurídicos da noção de cidadania, de maneira a englobar novos cidadãos e cidadãs. Segundo essa interpretação político-performativa da democracia, o que ocorre nas lutas políticas democráticas é que aqueles e aquelas que se encontram privados de direitos e de cidadania começam a exercê-los em atos e palavras, publicamente, de modo que aquela condição de privação se vê transformada em fonte de poder capaz de se traduzir na conquista efetiva daquilo de que se carece.

Finalmente, para tentar compreender como um governo de clara orientação necropolítica pode ainda receber o apoio de considerável parcela dos eleitores, argumento no capítulo 8 que algumas noções de Hannah Arendt podem esclarecer aspectos importantes sobre o fenômeno do fanatismo político que graça em nosso país. Penso, sobretudo, nas considerações arendtianas acerca da ideologia, bastante adequadas para se compreender a natureza de um movimento político de fanáticos, como o bolsonarismo.

pandemia e pandemonio livro.indd 28 13/08/2020 18:30:26

Agradeço pela leitura atenta e pelas sugestões de Margareth Rago, César Candiotto, Marco Casanova, Eduardo Jardim, Pedro Duarte Andrade, Benjamim Brum Neto, Thiago Fortes Ribas, Daniel Verginelli Galantin, Cassiana Lopes Stephan, Carolina Langnor e Isabela Bueno. Vocês formaram uma pequena comunidade de leitores que muito me ajudou a dizer, mais e melhor, aquilo que eu vinha tentando dizer.

Também não posso deixar de agradecer a todas e todos cujos textos, palavras e modos de viver me fizeram compreender a centralidade do combate às violências de gênero, orientação sexual, raça, religião e classe social como aspecto decisivo para pensar e enfrentar a crise da nossa democracia.

pandemia e pandemonio livro.indd 29 13/08/2020 18:30:26

Sobre trajetória teórica desta reflexão

Este livro foi redigido durante o mês de junho de 2020, embora tenha começado a ser composto, sem que eu o soubesse, ao longo de 2019, e mesmo desde um pouco antes. O primeiro impulso veio da elaboração de meu projeto de pesquisa para a renovação da bolsa de pesquisador financiado pelo CNPq. A ideia central surgiu em fevereiro de 2019, já depois da posse do novo presidente, mas o texto somente se concluiu em julho. Com o projeto intitulado "Democracia em crise: violência biopolítica e gestão neoliberal da vida de populações" pretendo dar prosseguimento a pesquisas e publicações anteriores, nas quais vinha discutindo as relações entre vida, política, violência e resistência desde antes mesmo da publicação de meu último livro.[9]

Já sob o impacto da campanha presidencial de 2018 e de seu catastrófico resultado eleitoral, considerei que era preciso operar um desvio nas pesquisas precedentes, focadas tanto na discussão das relações entre vida, política e filosofia na obra de Judith Butler, quanto na formulação da noção de comunidades plurais, com a qual pretendi definir um conjunto de critérios teóricos destinados a compreender as condições de constituição de espaços políticos comuns, de caráter alternativo em relação às instituições democráticas formais, visando a renovar e potencializar a experiência democrática contemporânea. Tais análises desembocaram na publicação de textos que discutiam a potência das formas de atuação política de coletivos autônomos, bem como procuraram compreender as armadilhas identitárias que os espreitavam. Assim, conjuntamente às discussões teóricas acerca do legado dos chamados "pensadores da comunidade" (Maurice Blanchot, Jean-Luc Nancy, Giorgio Agamben e Roberto Esposito), os quais propuseram uma radical interrogação ontológico-política a respeito do ser-em-comum, também procurei relacionar suas teses ao contexto histórico da aparição mundial dos coletivos autônomos, distintos dos movimentos sociais tradicionais.

Foi no âmbito daquela exigência por articular a reflexão filosófico-política a certas experiências políticas singulares, que

9. Cf. Duarte, *Vidas em Risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: GEN/Forense Universitária, 2010.

pandemia e pandemonio livro.indd 32 13/08/2020 18:30:26

iniciei minha aproximação com a obra de Judith Butler. Observei que, a despeito da riqueza das reflexões ontológico-políticas dos pensadores da comunidade, as quais permitiam pensar novas formas de convivência comunitária, imunes ao perigo da homogeneidade identitária, elas não pareciam suficientes para evidenciar de que maneira tal aporte teórico poderia se articular àquelas experiências políticas contemporâneas, nas quais os agentes políticos não se definiam de maneira exclusiva por qualquer forma de identidade substancializada. Numa palavra, os questionamentos ontológico-políticos dos chamados pensadores da comunidade pareciam afastar-se demasiadamente do campo das lutas do presente, restando excessivamente abstratos. Diante dessa avaliação, considerei que o pensamento de Butler ofereceria formulações éticas, políticas e ontológicas mais interessantes para se pensar as relações entre vida, filosofia e política no mundo contemporâneo. De fato, Butler articula suas reflexões teóricas a certas formas de ação política próprias de nosso tempo, como aquelas levadas a cabo por coletivos políticos não-identitários de minorias, mas também por movimentos sociais de amplo espectro, a exemplo dos movimentos contra as guerras e o terror, pela extensão da cidadania a migrantes ilegais, contra a violência estatal discriminatória e genocida, movimentos ecológicos e contrários aos efeitos destrutivos da globalização, por exemplo.

À luz deste contexto teórico prévio e das transformações políticas regressivas que, pelo menos desde 2015, se abateram sobre o país, impôs-se a mim a exigência de começar a investigar a crise da democracia contemporânea, a qual parece encontrar-se à beira de seu esvaziamento ou colapso. Em um texto apresentado em um colóquio internacional organizado em agosto de 2019 por Pedro Pagni, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP, em Marília, e posteriormente aceito para publicação em Dossiê aprovado pela revista *Educação e Filosofia*[10], propus a hipótese de que esta crise da democracia se manifestaria, sobretudo, a partir de dois fenômenos políticos contemporâneos, entrevistos a partir de algumas noções e teorizações foucaultianas: a) a disseminação

10. Cf. Duarte, A. "Democracia em crise: biopolítica e governamento neoliberal de populações". In *Revista Educação e Filosofia*, Universidade Federal de Uberlândia, n. 68, v. 33, 2020.

pandemia e pandemonio livro.indd 33 13/08/2020 18:30:26

crescente de atos e discursos de violência, ódio e preconceito contra populações vulneradas, obedecendo à lógica biopolítica da proteção da vida de alguns ao custo da exposição à morte de vastas parcelas da população; b) a disseminação de políticas neoliberais para a gestão da vida da população.

A ideia de base, agora retomada e aprofundada neste livro, é a de que a lógica biopolítica manifesta nos discursos e atos de ódio, preconceito e violência contra populações sujeitas a longos processos históricos de vulneração, quando associada à proposição massiva de políticas neoliberais para a gestão da vida desta mesma população, contribuem decisivamente para acentuar a crise e o esgotamento da democracia. A resultante da confluência destas duas forças hegemônicas no mundo contemporâneo seria a figura paradoxal de uma democracia sem *demos*, no sentido do enfraquecimento da cidadania em função da marginalização das lutas políticas coletivas por direitos e melhores condições de vida. No curso deste processo de esvaziamento do sentido da democracia, os agentes coletivos da luta por direitos passam a dar lugar a indivíduos isolados, enfraquecidos e despolitizados, tornados responsáveis por seu sucesso ou fracasso socioeconômico, segundo o crivo do neoliberalismo.

O segundo impulso para a realização deste livro brotou após assistir ao magnífico filme de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, *Bacurau*. Desconcertante e provocativo, o filme pertence à nova onda do cinema nordestino, particularmente aquele produzido no Recife, mas também é herdeiro de uma vasta tradição cultural brasileira que passa pelo Cinema Novo de Glauber Rocha, pelo Cinema Marginal de Rogério Sganzerla, por mestres da literatura como João Guimarães Rosa e também pelo Tropicalismo de Caetano Veloso, Gilberto Gil e companhia. *Bacurau* é um filme complexo, cujas apostas estéticas e políticas se voltam simultaneamente para o cinema brasileiro de hoje e de ontem, visando a refletir sobre o passado, o presente e o futuro do Brasil. Nele, o tema da violência e da morte é uma constante da abertura ao final, mas sofre modulações no transcorrer da história, de maneira a nos impactar diferentemente a cada momento da

pandemia e pandemonio livro.indd 34 13/08/2020 18:30:26

película. Da cena inicial em que um caminhão-pipa, ao desviar dos buracos na poeirenta estrada de terra que cruza o interior do sertão nordestino, se choca com um objeto não identificado, jogado no canto da estrada, ao qual se sucedem outros, todos em formato de urnas mortuárias, à cena final em que o vilão é enterrado vivo, a morte e a violência ocupam posição central ao longo do filme, mas apresentam sentidos muito distintos de um ponto a outro do percurso. Foi refletindo sobre este filme que a categoria de necropolítica assumiu pleno sentido e justificativa como um operador para pensar a realidade nacional contemporânea, no contraponto com nosso passado colonial escravocrata que resiste tenazmente a passar.

Bacurau não é um filme de ficção científica de caráter distópico, situado em uma região indeterminada e num tempo futuro impreciso, mas uma apurada reflexão estético-política sobre dilemas do Brasil e do mundo contemporâneo, assim como sobre a posição do Brasil no mundo contemporâneo. Mais que a representação imaginária de um não-lugar futuro onde as pessoas viveriam em condições ficcionalmente opressivas, este filme é a alegoria de violências já muito bem ancoradas no coração mesmo de nosso tempo presente, muito particularmente no próprio Brasil. Assim, no coração do sertão empobrecido do Nordeste brasileiro encontramos uma alegoria das violências que também transcorrem cotidianamente nos grandes centros globalizados e modernos: o abandono, a discriminação e a morte dos pobres, das mulheres, dos negros e negras, da população indígena, LGBTI+, das crianças.

Refletindo sobre o filme com Maria Rita de Assis César, decidimos apresentar um texto sobre ele no colóquio internacional *Vie, Violence et Politique*, organizado por Philippe Sabot na Université de Lille, no marco do projeto de pesquisa internacional *Travailler avec Foucault*: *approches contemporaines* (TaFac), que estabelecemos com pesquisadores de universidades europeias e brasileiras, com financiamento francês. Foi então que surgiu o texto "*Le sertão au coeur du monde actuel: vie, violence et resistance dans Bacurau*", publicado em 13 de outubro de 2019 na revista de

pandemia e pandemonio livro.indd 35 13/08/2020 18:30:26

cinema francesa *Désbordements*.[11] *Bacurau* é um filme demasiado provocativo e exigente, dá muito o que pensar, e por isso propus a Vladimir Vieira e a Patrick Pessoa, editores dos Cadernos de Estética Aplicada VISO, da Universidade Federal Fluminense, a organização de um dossiê reunindo as reflexões de outros colegas sobre o filme. Nesse dossiê, eu e Maria Rita retrabalhamos o texto que havia sido apresentado e publicado na França, mas mantivemos a ideia de que a história narrada no filme poderia ser iluminada a partir de uma apropriação livre dos conceitos de biopolítica, necropolítica e neoliberalismo.[12]

Finalmente, com a chegada da pandemia ao Brasil, aquelas duas fontes iniciais de reflexão convergiram para uma tentativa de nomear aquilo que nos atordoa e nos deixa cada dia mais e mais perplexos e aterrorizados, isto é, o encontro de uma emergência sanitária global com o pandemônio político brasileiro. Aos poucos a reflexão sobre esta trágica convergência foi ganhando forma, sobretudo a partir de algumas solicitações para que eu participasse de conversas virtuais, já em pleno confinamento. A primeira dessas conversas veio de um convite feito a mim por Thiago Fortes Ribas para o site "Conversas sobre Foucault", que ele criou para discutir e conversar com os participantes do Colóquio *Michel Foucault e os modos de vida outros*, que ele havia organizado e que deveria ter acontecido no mês de abril de 2020 na Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas que a pandemia o levou a cancelar.[13] Dois dias depois chegou um convite feito pelo *Instituto Dasein,* com o qual já havia colaborado algumas vezes no passado.[14] Logo na sequência, no dia 22 de abril, participei de uma

11. Cf. Duarte, A. *Revue Débordements*. Disponível em https://www.debordements.fr/Le-sertao-au-coeur-du-monde-actuel

12. Cf. Duarte, A.; César, Maria Rita de Assis. "O sertão entre as margens e o centro do mundo atual: notas sobre Bacurau." In VISO, Cadernos de Estética Aplicada, n. 26, 2020.

13. "Foucault e os diagnósticos do presente", conversa ocorrida em 15.04.20 e disponível em https://www.youtube.com/watch?v=dEGpkCnTx1c

14. "Crise e Crítica: Solidão, Abandono e Violência", conversa ocorrida em 17.04.20 e disponível em https://www.youtube.com/watch?v=EYfWTVsSKPk&feature=youtu.be&app=desktop

pandemia e pandemonio livro.indd 36 13/08/2020 18:30:26

conversa com amigos de longa data, sócios do escritório de advocacia trabalhisa LBS, Eduardo Surian Matias e José Eymard Loguércio, na qual fui provocado a pensar em que medida Hannah Arendt nos ajudaria a compreender alguns aspectos da crise política brasileira atual. No dia 19/05 foi a vez de conversar com Caio Souto em seu site "Conversações Filosóficas", e o tema sobre o qual me dispus a falar foi "Sobre as relações entre vida e política no Brasil contemporâneo."[15]

Este livro ganhou forma após minha intervenção no site "Razão Cega, Faca Amolada", animado por Marco Antonio Casanova e Alexandre Cabral, no dia 17.06.20, com o tema "Do governo da vida à produção da morte durante a pandemia no Brasil".[16] Logo após a nossa conversa, Marco Casanova propôs que eu estendesse aquela intervenção e a transformasse em um pequeno livro, ei-lo aqui. Agradeço imensamente a ele por sua generosidade e imensa disposição de trabalho intelectual, que tanto tem contribuído para aprimorar o debate acadêmico e a formação intelectual de jovens pesquisadores. Entre a primeira e a última *live* fui também convidado por Eduardo Jardim e Ana Cecília Impellizieri Martins para publicar um pequeno ensaio no Blog da editora *Bazar do Tempo*, que intitulei "A pandemia e o pandemônio".[17] Finalmente, agora sob o convite de Pedro Duarte Andrade, editor da revista de Filosofia da PUC-RJ, *O que nos faz pensar*, enviei um texto para o Dossiê Filosofia e Pandemia, o qual constitui a base de apoio a partir da qual dei forma a este ensaio maior.[18]

Eis que, dos confins do meu confinamento, vi como subitamente algumas *lives* se transformaram em textos que se transformaram em livro, algo inesperado e que dificilmente teria ocorrido em circunstâncias distintas.

---

15. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=MR9hR-j73Oug

16. Disponível em https://www.facebook.com/razaocegafacaamolada/videos/290644222067056

17. Disponível em https://bazardotempo.com.br/a-pandemia-e-o-pandemonio-por-andre-duarte/

18. Duarte, A. "E daí?' Governo da vida e produção da morte durante a pandemia no Brasil". In: *O que nos faz pensar*, v. 29, n. 46, 2020.

pandemia e pandemonio livro.indd 37 13/08/2020 18:30:26

***

A experiência da pandemia do novo Coronavírus nos confrontou com o inédito, nos pôs diante de uma experiência de choque, frente à frente com aquilo para o quê ainda não temos um nome: o que nos está acontecendo agora? Como será o amanhã? Pandemias não são novidade na história humana, mas nenhum de nós presenciou qualquer uma delas, nem tampouco pôde observar em tempo real todos os seus desdobramentos mundiais: somos espectadores de nossa tragédia. Por certo, temos os relatos da peste negra do 1300 e de seus sucessivos surtos ao longo da história; temos também os relatos da *influenza* que assolou o mundo logo após a primeira guerra mundial, mas nós mesmos, hoje, não temos palavra para apreender o que se nos impôs e o que nos advirá no mundo pós-pandemia. Diante do inominável e sob pena de sucumbir em meio ao desespero de quase nada saber, não podemos nos eximir do exercício de tentar encontrar alguns nomes, conceitos e explicações para dar sentido ao que parece absurdo. Em meio a tantos medos e incertezas parece-me urgente pensar a tarefa da filosofia e colocá-la em ação, isto é, fazer da filosofia um ensaio, um exercício de pensamento.

Por certo, entre os filósofos sempre haverá quem considere que caiba à filosofia somente alçar voo quando o jogo estiver jogado e as cartas estiverem sobre a mesa: para eles, a filosofia somente poderá esclarecer aquilo que já aconteceu. Mas há também aqueles que, de índole pós-hegeliana, não pretendem aguardar a conclusão do voo da coruja de Minerva e procuram, desde já, entrever o que nos aguarda no escuro do futuro. Não por acaso, inúmeros filósofos se pronunciaram imediatamente acerca da pandemia e de seus possíveis efeitos futuros, já desde fevereiro e março de 2020. Faço aqui breve menção a alguns dos ensaios contidos na coletânea que porta o curioso e adequado título de *Sopa de Wuhan. Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias.*[19] Ali

19. Cf. *Sopa de Wuhan. Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias* Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020, disponível *online*. No Brasil a editora N-1 criou a coleção *Pandemia Crítica*, na qual tem reunido e disponibilizado *online*

pandemia e pandemonio livro.indd 38 13/08/2020 18:30:26

se encontram reunidos, dentre muitos outros, alguns dos textos em que Giorgio Agamben denunciou a suposta invenção da pandemia como oportunidade para a expansão do pânico coletivo e para a normalização do estado de exceção[20]; o texto em que Slavoj Zizek vislumbrou na catástrofe coletiva ("estamos todos no mesmo barco")[21] as possibilidades de um comunismo solidário e cooperativo por vir, numa sociedade alternativa situada além do Estado-nação; as reflexões em que Franco Berardi argumentou que o vírus enquanto fator "extra-sistêmico"[22] explodiu a bolha do crescimento supostamente incontrolável do capital ao impor a diminuição do frenesi global de produção e circulação de bens e imagens, o que pode ser o anúncio tanto da derrocada do capitalismo, quanto do recrudescimento da competição neoliberal; estão ali também as considerações de Alain Badiou enfatizando que, em termos políticos, nada há que aprender dessa pandemia, no sentido de que não devemos esperar que engendre qualquer novidade política, cabendo aos que desejam uma real transformação aproveitar-se da quarentena para imaginar novas figuras e novos lugares da política, em prol do "progresso transnacional de uma terceira etapa do comunismo"[23]; também se encontra ali o longo

toda uma série de interessantes ensaios a respeito da pandemia e do mundo que dela emergirá. Cf. https://n-1edicoes.org/textos-1

20. O blog da editora *Boitempo* dedicou especial atenção à polêmica em torno dos textos de Giorgio Agamben sobre a pandemia, tomando como ponto de partida as reflexões críticas de Yara Frateschi, "Giorgio Agamben sendo Giorgio Agamben: o filósofo e a invenção da pandemia" (2020). A este texto seguiu-se a réplica, "Agamben sendo Agamben: por que não?", escrito por Carla Rodrigues, Ana Carolina Martins, Isabela Pinho e Juliana Monteiro, bem como a tréplica de Frateschi, "Essencialismos filosóficos e a 'ditadura do corona': sobre Giorgio Agamben, mais uma vez." Cf. https://blogdaboitempo.com.br/dossies-tematicos/dossie-coronavirus/

21. Cf. Zizek, Slavoj. "El coronavirus es un golpe al capitalismo a lo Kill Bill", in *Sopa de Wuhan*, op. cit., p. 25.

22. Cf. Beradi, Franco 'Bifo'. "Crónica de la psicodeflación." In *Sopa de Wuhan, op. cit.,* p. 41.

23. Cf. Badiou, Alain. "Sobre la situación epidémica". In *Sopa de Wuhan, op. cit.* p. 77.

pandemia e pandemonio livro.indd 39 13/08/2020 18:30:26

ensaio no qual Byung-Chul Han conjeturou acerca da possível expansão das medidas chinesas (e orientais) de controle psicopolítico e biopolítico digital, com base no *big data*, como o horizonte provável do *day after* da pandemia no Ocidente[24], além de uma interessante reflexão de Judith Butler sobre os limites do capitalismo em meio à pandemia, à qual retornarei ao longo deste livro.[25]

Não pretendo discutir ou avaliar tais prognósticos filosóficos, embora reconheça sua importância e interesse especulativos. Meu motivo para não os discutir aqui é o seguinte: distintamente daqueles para quem caberia à filosofia olhar para o passado ou para o futuro, considero que caiba à filosofia focar a atenção e pensar o próprio presente. E quando me refiro à tarefa filosófica de pensar o presente, faço menção à exigência de pensar os efeitos políticos que a pandemia do novo Coronavírus já está disseminando entre nós brasileiros, atacando de morte a população brasileira e as instituições democráticas, com o auxílio voluntário e involuntário das ações e omissões do governo Bolsonaro. Diante desta tarefa parece-me que teríamos de recorrer a outras categorias filosóficas, distintas daquelas empregadas nos prognósticos acima mencionados. Pensar e diagnosticar o presente exige abrir mão dos gestos teóricos grandiloquentes, que procuram perscrutar a novidade do futuro (ou lamentar sua ausência) ou discernir a necessidade do processo histórico que nos levou até realidades imprevistas. Isto não significa que pensar e diagnosticar o presente signifique abrir mão de pensar os processos históricos, o que nos deixaria perdidos na superfície caótica do presentismo. Talvez o presente somente se descortine se pudermos deter o olhar na brecha entre o que já não é mais e aquilo que ainda não é, ou seja, se prestarmos atenção naquele intervalo temporal que, de acordo com Hannah Arendt, bem pode "conter o momento da verdade."[26] Pensar o presente é tentar aclarar e estabelecer relações entre aspectos

24. Cf. Han, Byung-Chul. "La emergência viral y el mundo de mañana". In *Sopa de Wuhan, op. cit.*

25. Cf. Butler, Judith. "El capitalismo tiene sus limites." In *Sopa de Wuhan, op. cit.*

26. Cf. Arendt, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro.* São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 36. Tradução de Mauro W. Barbosa.

pandemia e pandemonio livro.indd 40 13/08/2020 18:30:26

distintos de uma realidade multifacetada, é tentar compreender aquilo que já está aqui, diante de nossos olhos, mas que de tão próximo acaba por se encobrir e se tornar invisível. Trata-se, pois, de seguir a recomendação arendtiana e manter o pensamento vinculado aos "incidentes da experiência viva", tomando-os como os "únicos marcos por onde pode obter orientação."[27]

A partir de outra perspectiva teórica, Foucault também parece nos dizer algo semelhante. Para ele, importava exercer a filosofia como atividade destinada a estabelecer um diagnóstico capaz de problematizar o presente. Situando-se na esteira do pensamento de Nietzsche, Foucault afirmou em uma entrevista de meados dos 60 que "a filosofia tem por tarefa diagnosticar e não busca mais dizer uma verdade que possa valer para todos e para todo tempo."[28] Assim, diagnosticar o presente significa "dizer o que somos hoje e o que significa, hoje, que digamos o que dizemos."[29] Anos mais tarde, já em 1983, Foucault retomou o mote da filosofia como exercício de um diagnóstico do presente e associou àquela tarefa crítica e analítica a perspectiva ético-política da abertura de novos espaços de liberdade. Segundo essa formulação renovada da tarefa da filosofia como diagnosticadora do presente, caberia promover a desnaturalização da realidade a partir da investigação de suas consistências e fragilidades constitutivas. Assim, Foucault afirmou que estabelecer um diagnóstico do presente "não consiste em caracterizar simplesmente o que somos, mas, acompanhando as linhas de fragilidade do presente, em chegar a alcançar por onde isso que é e como isso que é poderia não ser mais isso que é. E é nesse sentido que a descrição [desse 'hoje'] deve ser feita sempre segundo essa espécie de fratura virtual que abre um espaço de liberdade, entendido como espaço de liberdade concreta, isto é, de transformação possível." [30]

---

27. Cf. Arendt, *Entre o Passado e o Futuro, op.cit.*, p. 41.

28. Cf. Foucault, Michel. *Dits et Écrits*. Vol. 1. Paris: Gallimard, 1994a, p. 606.

29. Idem.

30. Cf. Foucault, Michel. *Dits et Écrits*, vol. IV. Paris: Gallimard, 1994b, pp. 448-449.

pandemia e pandemonio livro.indd 41 13/08/2020 18:30:26

Apropriando-me um tanto livremente das trilhas abertas por Foucault e Arendt em seus modos distintos de interrogação do presente, considero que nos caiba, enquanto filósofos brasileiros, recorrer a categorias que nos permitam pertencer e estar à altura de nosso tempo e realidade nacionais, adaptando-as, em caso de necessidade, a fim de questionar e compreender os enigmas, desafios, perigos e brechas de liberdade e criatividade que nosso presente nos apresenta. Com o auxílio de Foucault e de Arendt pretendo focar a atenção naquilo que, no coração mesmo do presente, desafia nossa compreensão: a pandemia como evento que afeta e transforma as linhas de força constitutivas de nosso pandemônio político. Quais mutações, deslocamentos e rearticulações a pandemia terá provocado na dinâmica de exercício das tecnologias de governamento da população brasileira e de controle de seus corpos? Penso que as noções de "biopolítica" e de "neoliberalismo", de Michel Foucault, assim como a noção de "necropolítica" de Achille Mbembe, nos oferecem importantes ferramentas conceituais para pensar o que aconteceu entre nós quando o pandemônio político se associou à pandemia viral.

Uma última observação. Não pretendo oferecer uma abordagem extensiva, excessivamente técnica e aprofundada a respeito das noções de biopolítica, neoliberalismo e necropolítica, já bastante conhecidas entre nós. O que me interessa, sobretudo, é apropriar-me delas, a fim de verificar se nos permitem compreender em que medida e de quais maneiras a entrada em cena da pandemia viral afetou e agravou a natureza dos efeitos letais já postos em ação em nosso país a partir da implantação de políticas econômicas neoliberais selvagens, associadas à intensificação da clivagem biopolítica entre as vidas destinadas a ser incentivadas e as vidas destinadas a ser vigiadas, punidas ou eliminadas. Talvez não haja grande novidade aqui, salvo pelo fato de que procuro estabelecer distinções e conexões nem sempre evidentes entre essas noções, bem como adaptá-las ao cenário político nacional, a fim de verificar de que maneira elas podem nos auxiliar a compreendê-lo.

pandemia e pandemonio livro.indd 42 13/08/2020 18:30:26

pandemia e pandemonio livro.indd 43 13/08/2020 18:30:26

Crise da democracia e biopolítica

pandemia e pandemonio livro.indd 45 13/08/2020 18:30:26

O argumento que pretendo formular ao longo deste livro insere-se no quadro geral de um diagnóstico filosófico-político acerca da crise da democracia contemporânea e, ainda mais particularmente, acerca da crise da democracia brasileira. Decerto, não faltam boas análises a respeito da crise da democracia contemporânea, abordando-a a partir da discussão de inúmeros problemas sociais, econômicos e políticos tais como a crise global de representatividade que afeta o sistema político-partidário; a crise econômica e o desemprego em massa, decorrentes do processo de globalização financeira e da revolução tecnológica; a cultura da violência contra populações consideradas perigosas ou estranhas à comunidade nacional; a prática do encarceramento generalizado de certas parcelas da população com base em preconceitos raciais; as deficiências crônicas do sistema educacional e as manipulações políticas originadas de um sistema midiático concentrado, quando não oligopolizado; o predomínio sistêmico e estrutural da corrupção; a concentração de renda e o aumento da desigualdade social entre as classes etc. Por certo, em maior ou menor grau, todas essas deficiências caracterizam e afetam grande parte das democracias contemporâneas. A esse respeito, as análises de Manuel Castells oferecem um quadro preciso, sistemático e detalhado acerca do processo histórico que culmina nessa crise da democracia.[31] Ele argumenta que essa crise pode ser explicada, em linhas gerais, pelo fenômeno da ruptura do princípio da representação entre governantes e governados:

> A desconfiança nas instituições, em quase todo o mundo, deslegitima a representação política e, portanto, nos deixa órfãos de um abrigo que nos proteja em nome do interesse comum. Não é uma questão de opções políticas, de direita ou de esquerda. A ruptura é mais profunda, tanto em nível emocional quanto cognitivo. Trata-se do colapso gradual de um modelo político de representação e governança: a democracia liberal que se havia consolidado nos dois últimos séculos, à custa de lágrimas, suor e sangue, contra os Estados autoritários e o arbítrio institucional.[32]

31. Cf. Castells, Manuel. *Ruptura, a crise da democracia liberal.* RJ: Zahar, 2018. Tradução de Joana Angélica D'Avila Melo.

32. Cf. Castells, *op. cit.*, pp. 7-8.

pandemia e pandemonio livro.indd 46 13/08/2020 18:30:26

Castells retraça e analisa o processo histórico por meio do qual chegamos ao atual patamar da crise da democracia liberal, exemplificando-o nos seguintes termos: "Trump, Brexit, Le Pen, Macron ... são expressões significativas de uma ordem (ou de um caos) pós-liberal. Assim como o é a total decomposição do sistema político do Brasil, país fundamental da América Latina. Ou de um México vítima do narcoestado. Ou de uma Venezuela pós-Chaves em quase guerra-civil."[33] Outros exemplos poderiam ser multiplicados com facilidade: Coreia do Sul, Filipinas, Hungria, Itália, Polônia, Turquia, Rússia, dentre outros países cujo regime político também poderia ser caracterizado como uma "democracia iliberal"[34], para não mencionar regimes autoritários como a China ou as teocracias e ditaduras do Oriente Médio. Em sua reconstituição do processo que levou à crise de representação institucional da democracia liberal, Castells enfatiza diversos fatores que se "reforçam mutuamente"[35], tais como: a globalização da economia

33. Cf. Castells, *op. cit.*, p.8.

34. Sobre o conceito de "democracias iliberais" veja-se o ensaio de Zakarias, Fareed: "The rise of illiberal democracy". In *Foreign Affairs;* Nov/Dec 1997. Democracias iliberais são aquelas nas quais os governantes são eleitos democraticamente em eleições livres e justas, mas em que estes mesmos governantes pouco a pouco vão aumentando seus poderes ao custo do cerceamento de liberdades e direitos constitucionais dos cidadãos, impondo um divórcio entre democracia e liberalismo constitucional, tradições que são distintas entre si, mas que tinham convivido em relativa estabilidade após a segunda guerra mundial. Segundo o autor, aquele relativo equilíbrio está sendo cada vez mais rompido: "Regimes eleitos democraticamente, frequentemente os mesmos que foram reeleitos ou reafirmados por meio de referendos, estão ignorando rotineiramente os limites constitucionais acerca de seu poder e privando seus cidadãos de direitos e liberdades básicos." Cf. *op. cit.*, p. 22. O artigo de Zakarias foi premonitório: "Já não há mais alternativas respeitáveis à democracia; elas são parte do charme da modernidade. Portanto, os problemas da governança no século 21 muito provavelmente se encontrarão *no interior* da democracia. Isto faz com que tais problemas sejam mais difíceis de lidar, pois estão envolvidos no manto da legitimidade." *Op. cit.*, p.42.

35. Cf. Castells, *op. cit.*, p. 17.

pandemia e pandemonio livro.indd 47 13/08/2020 18:30:26

e da comunicação, que solapou identidades nacionais e promoveu, a título de forte reação, a "xenofobia" e a "intolerância", em um contexto de crise econômica e de desemprego massivo, aliado ao sentimento de desamparo da população mais pobre diante da quebra das políticas de Estado de bem-estar social pelas políticas de austeridade impostas a diversos países após a crise econômica de 2008[36]; a corrupção como aspecto sistêmico e característico de todas as democracias; "a ideologia do consumo como valor e do dinheiro como medida do sucesso que acompanha o modelo neoliberal triunfante, centrado no indivíduo e em sua satisfação imediata e monetizada."[37]; a constituição de uma "sociedade-rede" imersa no mundo virtual da informação imagética, a qual produz impactos emocionais imediatos nos cidadãos e reforça os fenômenos da "personalização da política" e da "política do escândalo", em vista da qual campanhas difamatórias visam a destruir reputações à custa de mentiras e manipulações.[38] Some-se ainda o crescimento e intensificação do terrorismo global e das políticas de medo que ele inspira, em vista das quais diversas democracias assumem medidas políticas excepcionais, mas que acabam se convertendo em regra[39]; a identificação dos deserdados do mundo neoliberal com as práticas terroristas e a própria transformação do terrorismo em instância de aferição do sentido existencial perdido para jovens, muçulmanos ou não[40]; o retorno do nacionalismo exacerbado e agressivo contra a agenda multicultural da promoção da tolerância e do acolhimento das diferenças, bem como a radical recusa da defesa dos direitos das minorias e do acolhimento a migrantes.[41] Segundo Castells, é no curso desse processo que se promovem discursos e políticas que incitam a "Voltar à nação como comunidade cultural da qual são excluídos os que não compartilham valores definidos como originários. Voltar à raça,

36. Cf. Castells, *op. cit.*, pp. 19-20.

37. Cf. Castells, *op. cit.*, p. 25.

38. Cf. Castells, *op. cit.*, pp. 26-27.

39. Cf. Castells, *op. cit.*, p. 29.

40. Cf. Castells, *op. cit.*, p. 34.

41. Cf. Castells, *op. cit.*, p. 35.

pandemia e pandemonio livro.indd 48 13/08/2020 18:30:26

como fronteira aparente do direito ancestral da etnia majoritária. Voltar, também, à família patriarcal, como instituição primeira de proteção cotidiana diante de um mundo em caos. Voltar a Deus como fundamento."[42] Num contexto complexo como este, Castells argumenta que se rompe a relação de confiança entre os cidadãos e seus governantes, a política é vista como um campo de interesses mesquinhos e corruptos, acentuando-se a crise de legitimidade de todo o sistema político até a ruptura do "vínculo entre o pessoal e o institucional."[43] Tal ruptura, por sua vez, abre as portas para uma "rejeição antissistêmica" que incita a uma "rebelião das massas contra a ordem estabelecida."[44]

Castells oferece uma análise bastante plausível e detalhada acerca do processo histórico ao longo do qual diversos elementos sociais, culturais, históricos, econômicos e políticos convergiram até o ponto de instaurar a crise que afeta gravemente as democracias contemporâneas. Não pretendo examinar ou reconstituir esse longo processo histórico que levou à crise atual das democracias, mas sim determinar, a partir da constatação dessa crise, e dentre os aspectos mencionados como responsáveis por essa crise, quais seriam os principais e decisivos fatores a partir dos quais ela pode levar ao próprio esfacelamento da experiência democrática. Quais fatores políticos tendem a aniquilar as democracias, destruindo o esteio a partir do qual elas podem se regenerar e florescer?

Portanto, quando me refiro à crise da democracia, penso aqui naqueles fatores políticos que podem colocá-la fundamentalmente em xeque, isto é, que ameaçam descaracterizá-la em sentido profundo, reduzindo-a a mero conjunto formal de rituais legais e institucionais, desprovidos de substância ético-política: a democracia como estrita defesa do direito de propriedade, do livre mercado e da realização de eleições consideradas livres e justas; ou, pior ainda, a democracia como regime que comporta facilmente procedimentos de exclusão e aniquilação das diferenças, em regimes de concentração de poder e de radicalização

42. Cf. Castells, *op. cit.*, p. 38.

43. Cf. Castells, *op. cit.*, p. 28.

44. Cf. Castells, *op. cit.*, p. 39.

pandemia e pandemonio livro.indd 49 13/08/2020 18:30:26

da unidade nacional a partir de processos de depuração interna acionados pela contraposição entre nós e eles. Afinal, como demonstraram Levitski e Ziblatt, as democracias podem morrer, e, quando isso acontece, o processo não se dá necessariamente por abruptos golpes de estado, mas, atualmente, quando isto ocorre, o processo se dá de maneira lenta e quase imperceptível, isto é, por meio do desvirtuamento das instituições democráticas e do acirramento de problemas políticos que brotam de dentro mesmo das próprias democracias. Para os autores: "O enfraquecimento de nossas normas democráticas está enraizado na polarização sectária extrema – uma polarização que se estende além das diferenças políticas e adentra conflitos de raça e cultura. (...) E, se uma coisa é clara ao estudarmos colapsos ao longo da história, é que a polarização extrema é capaz de matar democracias."[45]

Neste ensaio, portanto, a ideia de crise da democracia não pode ser confundida com a menção às suas instabilidades e deficiências conjunturais, remetendo-se, antes, ao perigo de sua grave desestabilização e descaracterização. Portanto, crise da democracia sinaliza aqui o risco de seu próprio esvaziamento e perda de sentido, quando não marca o risco de sua própria aniquilação, abrindo-se o caminho para formas políticas que se encontram num limiar antidemocrático. Ora, penso que não se pode analisar tal crise sem discutir mais extensivamente dois fenômenos contemporâneos: a disseminação de discursos e atos de violência, ódio e preconceito contra populações historicamente vulneradas, em seu intrínseco caráter biopolítico; e a proposição de políticas econômicas neoliberais para a gestão da vida dessas mesmas populações. Tal associação me parece agravar ainda mais a crise do projeto democrático no mundo atual, afetando muito especialmente a democracia em nosso país. Considero, pois, que o pensamento de Michel Foucault nos oferece ferramentas teóricas fundamentais para pensar esta crise da democracia. Por um lado, Foucault argumentou que um dos vetores da biopolítica consistia na ativação de uma lógica política peculiar, aquela em vista da

45. Cf. Levitsky, S.; Ziblatt, D. *Como as democracias morrem*. RJ: Zahar Ed., 2018, p. 20. Tradução de Renato Aguiar.

pandemia e pandemonio livro.indd 50 13/08/2020 18:30:26

qual o incentivo e proteção a determinadas formas de vida traria consigo a exposição de outras formas de vida ao risco da violência, da exclusão e de sua própria morte. Por outro lado, Foucault entendeu o neoliberalismo como uma racionalidade específica de governamento contemporâneo da vida das populações, a qual promove processos de subjetivação orientados pela normatividade inerente ao mercado concorrencial, que tende a se espraiar por todos os domínios da vida social. Cabe, então, perguntar: em que medida essa ideia de uma crise da democracia que ameaça colocá-la em risco de esvaziamento mantém relação com os fenômenos contemporâneos da biopolítica e do neoliberalismo? Como se estabelece a conexão entre o mecanismo biopolítico da proliferação de atos e discursos de ódio eivados de preconceito e de incitação à violência contra populações historicamente vulneradas, e a proposição generalizada de políticas neoliberais para a gestão da vida de populações? Neste capítulo abordarei a questão da biopolítica, reservando a discussão do neoliberalismo para o próximo.

***

Foucault tornou pública sua noção de biopolítica, ao introduzi-la no capítulo final do primeiro volume de sua *História da sexualidade*.[46] Com ela, procurou designar a forma geral de uma lenta mutação histórica no modo de exercício do poder estatal, a qual somente se consolidaria na passagem do século XVIII para o XIX: trata-se da mutação do antigo poder soberano, entendido como poder de gládio que detém o "direito de *fazer* morrer ou de *deixar* viver"[47], para o paradigma do biopoder enquanto multiplicidade de relações de poder cuja especificidade tem que ver com o governo e a administração da vida de populações, segundo o lema do "*fazer* viver ou *devolver* à morte".[48] Para Foucault, a mutação

46. Cf. Foucault, Michel. *História da sexualidade, op. cit.*

47. Cf. Foucault, *História da sexualidade, op. cit.*, p. 128.

48. Cf. Foucault, *História da sexualidade, op. cit.,* p.130, tradução corrigida. Não interessa aqui discutir o modo como Foucault concebeu a noção de "biopoder" enquanto instância de articulação das estratégias de disciplinamento e normalização de corpos

pandemia e pandemonio livro.indd 51 13/08/2020 18:30:26

manifesta pela noção de biopolítica diz respeito ao fato de que, a partir do final do século XVIII e, sobretudo, do XIX, o poder estatal soberano de matar já não se afirma ou se sustenta por si mesmo, na dependência da salvaguarda da vida do soberano, mas depende fundamentalmente da exigência de garantir e incentivar as condições de vida da população. Assim, ao compreender a biopolítica como um investimento sobre a vida, o qual já não visava a marcar seu "poder sobre a vida pela morte que tem condições de exigir", signo do poder soberano, Foucault afirmou que, "com isso, o direito de morte tenderá a se deslocar ou, pelo menos, a se apoiar nas exigências de um poder que gere a vida e a se ordenar em função de seus reclamos."[49] E ainda: "A velha potência de morte em que se simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida."[50] A despeito dessas formulações serem um tanto ambíguas, no essencial trata-se de indicar a reviravolta pela qual o poder estatal de dar morte passou a ter que se fundamentar na exigência da garantia e da melhoria das condições de vida da população, mutação que acirrou profundamente a capacidade estatal de produzir a morte em escala de massas, como veremos.

A partir da aula de 8 de fevereiro de 1978 do curso *Segurança, Território, População*, Foucault passou a denominar essas estratégias de gestão da vida da população com a noção de "governamentalidade"[51], com a qual designou diferentes modalidades do exercício da condução de condutas, abrangendo até mesmo tecnologias de governamento anteriores à constituição histórica do biopoder, como é o caso do "poder pastoral"[52], que se desenvolveu e se intensificou entre os hebreus na antiguidade. Portanto, para

individuais e dos mecanismos biopolíticos de gestão da vida da população, visto que considero que as estratégias modernas de disciplinamento de corpos se tornam cada vez menos importantes no mundo contemporâneo.

49. Cf. Foucault, *História da Sexualidade, op. cit.*, p.128.

50. Idem.

51. Foucault, M. *Segurança, Território, População*. SP: Martins Fontes, 2008b, p. 155. Tradução de Eduardo Brandão.

52. Cf. Foucault, *Segurança, Território, População, op. cit.*, p. 167.

pandemia e pandemonio livro.indd 52 13/08/2020 18:30:26

Foucault, a biopolítica não seria um traço metafísico, estruturador do exercício do poder político enquanto tal no Ocidente, mas um conjunto de tecnologias históricas modernas de exercício do poder e que têm seu denominador comum no fato de fazerem da vida da população o objeto de uma administração visando a majorá-la, incentivá-la, purificá-la, fortalecê-la, monitorá-la, conduzi-la. Seguindo as pistas deixadas ao longo dos seus cursos no *Collège de France*, lecionados entre os anos de 1976-1979, vemos que Foucault abordou diferentes figuras da governamentalização da vida da população. Ela pode se dar por meio de políticas públicas estatais voltadas para o alcance de objetivos mais ou menos abrangentes, como o controle e majoração da vida da população, aí se incluindo políticas públicas de corte higienista e eugênico, das quais o nazismo foi sua expressão paroxística.[53] Este processo de governamentalização da vida da população também se deu por meio da constituição de dispositivos de seguridade, que visavam a induzir os comportamentos da população, respeitando "os sujeitos de direito e a liberdade de iniciativa dos indivíduos,"[54] tendo em vista regulamentar o movimento livre e a adequada circulação das coisas, das pessoas e da riqueza, como no caso do liberalismo clássico. Finalmente, Foucault também discutiu os mecanismos de governamento da vida da população operados por meio de dispositivos descentrados, não-estatais, como o mercado de competição neoliberal, entendido como instância privilegiada de produção de verdades, cujos efeitos normativos orientam processos complexos de subjetivação a partir de critérios como os de empreendedorismo, flexibilidade, criatividade, conectividade etc.[55]

53. Vejam-se as análises contidas no capítulo final do primeiro volume de sua *História da Sexualidade*, op. cit., 1999; e na aula de 17 de março de 1976 do curso *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

54. Cf. Foucault, M. *Dits et Écrits*. Volume III. Paris, Gallimard, 1994c, p. 819.

55. Vejam-se, sobretudo, as aulas de 21 e 28 de março de 1979, do curso *Nascimento da Biopolítica*. op.cit.

pandemia e pandemonio livro.indd 53 13/08/2020 18:30:27

Cabe observar, contudo, que Foucault não chegou a se concentrar suficientemente sobre a noção de biopolítica, que permaneceu subdeterminada em seu pensamento, se a compararmos com as suas análises meticulosas dedicadas ao poder disciplinar.[56] Isto permitiu que diversos teóricos contemporâneos se apropriassem da noção de biopolítica e a desenvolvessem em diferentes sentidos, por vezes até mesmo contrários, como observaram Keck e Lemke.[57] Roberto Esposito caracterizou essa relativa maleabilidade da noção foucaultiana de biopolítica, ao mencionar que ela tornava possível explorar as implicações positivas de uma "política *da* vida", mas também as implicações violentas de uma "política *sobre* a vida."[58] De modo geral, portanto, pode-se dizer que, enquanto alguns autores tenderam a enfatizar as implicações violentas e mesmo mortíferas da noção foucaultiana de biopolítica, em sua capacidade de provocar a morte,[59] outros teóricos dedicaram-se a pensar as diversas modalidades positivas do governamento da vida, visando a protegê-la e incentivá-la a partir de políticas públicas e pesquisas científicas sobre bioética, biomedicina, genética etc.[60]

56. Cf. Foucault, M. *Vigiar e Punir. Nascimento da prisão.* Petrópolis: Vozes, 1984. Tradução de Ligia M. Pondé Vassalo. 3ª ed.

57. Cf. Keck, Fréderic. "Les usages du biopolitique". *L'Homme.* Révue française d'anthropologie. n. 187-188, 2008. Disponível em https://journals.openedition.org/lhomme/29305. Consultado em 10/05/20; veja-se também Lemke, Thomas. *Biopolitics. An advanced introduction.* Nova York e Londres: New York University Press, 2011.

58. Cf. Esposito, Roberto. *Bíos.* Biopolítica y Filosofía. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. Tradução de Carlo R. Molinari Marotto, p. 56 e p. 53.

59. Cf. Agamben, G. *Homo sacer. L'intégrale.* 1997-2015. Paris: Seuil, 2016; Esposito, Roberto. *Comunidad, Imunidad, Biopolítica.* Madrid: Herder, 2009. Tradução de Alicia García Ruiz. Mbembe, A. *Necropolítica, op.cit.*; Negri, A.; Hardt, T. *Imperio.* Barcelona: Paidós Ibérica, 2002. Tradução de Alcira Bixio. Ogilvie, B. *L'Homme jetable. Essai sur l'extremisme et la violence extreme.* Paris: Ed. Amsterdan, 2012.

60. Cf. Binkely, Sam.; Capetillo-Ponce, Jorge. *A Foucault for the 21st Century. Governmentality, Biopolitics and discipline in the new millennium.* Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2010. Veja-se também Agis, Domingo Fernández; González,

pandemia e pandemonio livro.indd 54 13/08/2020 18:30:27

Para os propósitos deste texto, contudo, o que importa observar é que Foucault não deixou de argumentar que essas diferentes formas de governamento da vida trazem consigo efeitos de violência, discriminação e morte de algumas parcelas da população, justamente aquelas percebidas como perigosas, nocivas ou prejudiciais à saúde de outras parcelas da população. Foucault mostrou que a proteção e a majoração das forças vitais de uma dada população desde sempre estiveram associadas à instauração de um crivo capaz de discriminar entre "o que deve viver e o que deve morrer".[61] Ele denominou como "racismo de Estado"[62] esse critério biopolítico de distinção entre as formas de vida que devem prevalecer e as formas de vida que devem ser assimiladas, controladas ou eliminadas do interior da comunidade, caso se julgue necessário. Trata-se aí de um "racismo interno, o da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais da normalização social".[63] Na "era do bio-poder"[64], diz Foucault, todos os Estados recorrem em graus variados a esse critério racista como justificativa para exercer seu direito de matar em nome da preservação, intensificação e purificação da vida da população.

Com a constituição do paradigma da biopolítica, "o princípio: poder matar para poder viver, que sustentava a tática dos combates, tornou-se princípio de estratégia entre Estados".[65] Assim, ali onde despontam intervenções políticas visando a incentivar, proteger, estimular e administrar o regime vital da população, ali também Foucault descobriu sua eventual contrapartida sangrenta, isto é, o reverso tanatopolítico dessa nova obsessão das políticas estatais pelo cuidado purificador da vida. A partir do momento em que

---

Ángela Sierra. (Orgs.) *La biopolítica en el mundo actual*. Barcelona: Laertes, 2012; e finalmente, Rose, Nikolas. *The politics of life itself. Biomedicine, Power and Subjectivity in the Twenty-First Century*. Princeton: Princeton University Press, 2007.

61. Cf. Foucault, *Em defesa da sociedade, op. cit.,* p. 304.

62. Cf. Foucault, *Em defesa da sociedade, op. cit.,* p. 73.

63. Idem.

64. Cf. Foucault, *História da Sexualidade*, *op. cit.*, p. 132.

65. Cf. Foucault, *História da Sexualidade*, *op. cit.*, p. 129.

pandemia e pandemonio livro.indd 55 13/08/2020 18:30:27

a vida passou a se constituir no elemento político por excelência, o qual tem de ser administrado, calculado, gerido, regrado e normalizado, o que se observa não é um decréscimo da violência estatal, mas o seu aumento, pois tal cuidado da vida pode trazer consigo a exigência contínua e crescente de produzir a morte, visto ser no contraponto da violência depuradora que se podem garantir mais e melhores meios de vida e sobrevivência a uma dada população. Desse ponto de vista, portanto, não haveria uma contradição fundamental entre o poder de gerência e incremento da vida e o poder de matar para garantir as melhores condições vitais possíveis: "Se a população é sempre aquilo sobre o que o Estado vela em seu próprio interesse, bem entendido, o Estado pode massacrá-la quando necessário. A tanato-política é o lado contrário da bio-política".[66] Assim, a partir do momento em que a ação do poder estatal buscou "fazer viver", as guerras se tornaram mais sangrentas e os genocídios e holocaustos se multiplicaram dentro e fora da nação:

> Jamais as guerras foram tão sangrentas como a partir do século XIX e nunca, guardadas as proporções, os regimes haviam, até então, praticado tais holocaustos em suas próprias populações. (...) As guerras já não se travam em nome do soberano a ser defendido; travam-se em nome da existência de todos; populações inteiras são levadas à destruição mútua em nome da necessidade de viver. Os massacres se tornaram vitais. Foi como gestores da vida e da sobrevivência dos corpos e da raça que tantos regimes puderam travar tantas guerras, causando a morte de tantos homens. E, por uma reviravolta que permite fechar o círculo, quanto mais a tecnologia das guerras voltou-se para a destruição exaustiva, tanto mais as decisões que as iniciam e encerram se ordenaram em função da questão nua e crua da sobrevivência.[67]

66. Cf. Foucault, M. *Dits et Écrits*, volume IV. Paris, Gallimard, 2004b, p. 826.

67. Cf. Foucault, *História da Sexualidade*, *op. cit.*, p. 129.

pandemia e pandemonio livro.indd 56 13/08/2020 18:30:27

Foucault argumentou que foi a partir de uma concepção biológico-racial do corpo social puro e unificado que se observou, a partir do século XIX, uma transformação decisiva na natureza do próprio racismo, que deixou de ser mera expressão de ódios e preconceitos para se transformar em doutrina política estatal, isto é, em instrumento de justificação e implementação da ação mortífera dos estados, aspecto que já havia sido observado por Hannah Arendt em sua análise do antissemitismo e do imperialismo em seu *Origens do Totalitarismo*.[68] O exemplo mais bem acabado desse racismo de Estado se encontra no nazismo, no qual confluíram a generalização absoluta dos mecanismos de regulação da vida da população por meio do racismo, da eugenia e da disciplina, aliados à extensão absoluta do poder soberano de matar, assumido por várias instituições sociais como médicos, polícia secreta, grupos de extermínio etc. O nazismo condensou e explicitou o caráter paradoxal da biopolítica, pois instaurou ao mesmo tempo o campo de uma vida que precisava ser cuidada, garantida, organizada e cultivada biologicamente e o "direito soberano de matar quem quer que seja – não só os outros, mas os seus próprios".[69] Se o nazismo elevou ao paroxismo a fusão entre o direito soberano de matar e os mecanismos biopolíticos de controle da vida da população alemã, esta conjunção se encontraria inscrita no "funcionamento de todos os Estados".[70]

Indo além dessas ideias seminais de Foucault, cabe esclarecer que a noção de racismo estatal como lógica biopolítica de discriminação entre quem deve viver e quem pode ou deve morrer não requer que tais mecanismos depuradores e hierarquizadores das formas de vida sejam operados apenas a partir do Estado, ou apenas com base em critérios biológicos. Afinal, a partir do antigo paradigma racial desenvolveram-se formas não-biológicas de racismo, amparadas em outros critérios e normas que visam a produzir a hierarquização e a discriminação daquelas formas

68. Cf. Arendt, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. Tradução de Roberto Raposo.

69. Cf. Foucault, *Em defesa da sociedade*, *op. cit.*, p. 232.

70. Idem.

pandemia e pandemonio livro.indd 57 13/08/2020 18:30:27

de vida marginais em relação aos padrões ideais que distinguem entre os sujeitos decentes e os sujeitos abjetos, entre os sujeitos inteligíveis e os sujeitos ininteligíveis, segundo a terminologia de Judith Butler.[71] Assim, a lógica contemporânea do racismo biopolítico opera por meio de tecnologias de governamento que promovem a hierarquização e a naturalização normalizadora das diferenças, da diversidade e das desigualdades, de maneira a fazer com que os marcadores sociais relativos a classe, gênero, etnia, religião e orientação sexual não sejam entendidos como efeitos contingentes de processos históricos determinados, orientados por ideais normativos que efetuam a partilha entre o aceitável e o inaceitável, entre o inteligível e o ininteligível. Na medida em que os mecanismos biopolíticos visam à preservação e intensificação da vida do vencedor, eles já não se expressam segundo a oposição antagônica entre dois partidos adversários, em conformidade com o binômio político do amigo-inimigo, visto que sob um paradigma biopolítico os inimigos deixam de ser opositores para se tornarem entidades perigosas a serem vigiadas, excluídas ou exterminadas.

Ora, sob o pano de fundo das análises precedentes compreendemos que a proliferação de atos e discursos de ódio, violência e discriminação contra populações vulneradas, venham eles de uma origem estatal ou não, está diretamente relacionada ao paradigma biopolítico que permanece vigente no mundo todo, mas que assume contornos especialmente agressivos entre nós, no Brasil. Em vista destes argumentos, cabe questionar se a democracia não se veria ameaçada pelo risco de seu exaurimento a partir do instante em que se intensificam discursos e atos que mobilizam afetos reativos, como o medo e o ódio, os quais incitam à violência efetiva ou simbólica contra populações vulneráveis, já marcadas por processos históricos de precarização, exclusão ou marginalização. Tais populações passam, então, a ser consideradas como inimigas ou como perigosas, sendo responsabilizadas por toda e qualquer mazela social, política, econômica ou cultural de uma dada sociedade. Este fenômeno político certamente não é

71. Butler, Judith. *Bodies that Matter*. On the discursive limits of 'Sex'. New York: Routledge, 1993.

pandemia e pandemonio livro.indd 58 13/08/2020 18:30:27

novo, mas, sempre que se manifesta com crescente intensidade, traz consigo o risco da descaracterização da democracia. Segundo Mbembe, "a percepção da existência do Outro como um atentado contra a minha vida, como ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria meu potencial de vida e segurança, é este, penso eu, um dos muitos imaginários de soberania, característico tanto da primeira quanto da última modernidade."[72] Assim, quando se agrava uma situação política em que o outro é visto como perigo iminente a ser combatido, parece-me que já não estamos mais apenas diante de graves problemas sociais que caracterizam as deficiências conjunturais de uma democracia. Por outro lado, parece abrir-se aqui o caminho para uma situação bastante mais grave e perigosa, aquela na qual campanhas orquestradas de discriminação e disseminação de preconceitos passam a conferir legitimidade a políticas ostensivas, visando a amedrontar, limitar, aprisionar ou mesmo eliminar certas parcelas da população em nome da segurança e da vida de outras parcelas da população.

Historicamente, sabe-se que a configuração de projetos políticos antidemocráticos sempre exigiu que certas parcelas da população fossem tomadas como alvo expiatório por meio de campanhas difamatórias sistemáticas e organizadas. Este é processo pelo qual se constitui a encarnação do estigma da abjeção indesejável, segundo o vocabulário proposto por Judith Butler.[73] A autora argumentou que a materialidade do corpo não pode ser pensada independentemente das regulações normativas pelas quais os corpos aparecem socialmente para outros corpos, isto é, segundo critérios normativos de regulação e avaliação em vista dos quais alguns corpos mostram-se como inteligíveis e aceitáveis, ou seja, aparecem como portadores de sinais de viabilidade social, ao passo em que outros corpos aparecem como inviáveis, isto é, tornam-se culturalmente ininteligíveis, encarnação de aberrações ou abjeções. O processo de materialização significativa do corpo é um processo de atribuição de sentidos e de classificação social hierárquica destes mesmos corpos, que se distinguem, então, entre

72. Cf. Mbembe, Achillle. *Necropolítica, op. cit.*, pp. 19-20.

73. Cf. Butler, *Bodies that matter, op. cit.*, 1993.

pandemia e pandemonio livro.indd 59 13/08/2020 18:30:27

os corpos viáveis e os corpos daqueles "que ainda não são 'sujeitos', mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas da vida social 'inóspitas' ('*unlivable*') e 'inabitáveis', as quais, entretanto, são densamente povoadas por aqueles que não desfrutam do status de sujeito, mas cuja vida sob o signo do 'inóspito' é requerida para circunscrever o domínio do sujeito."[74] Há aqui, portanto, uma dialética entre a produção do sujeito inteligível e viável e o não-sujeito da abjeção ininteligível, ambos sendo indissociáveis.

No âmbito específico das relações políticas, essa descrição proposta por Butler para o processo de produção, encarnação e reprodução de abjeções segue procedimentos discriminatórios bastante concretos. Hannah Arendt demonstrou em suas análises sobre o fenômeno totalitário que o processo histórico que levou à consolidação dos movimentos totalitários no totalitarismo como forma de governo sem precedentes dependeu, em primeiro lugar, de campanhas midiáticas voltadas para a detração de certas parcelas da população, seguidas de ações jurídico-políticas sucessivas e organizadas, as quais produziram a sua exclusão dos limites da cidadania, simultaneamente à sua explícita estigmatização. Em suas análises, Arendt ressaltou a importância do vácuo institucional produzido pela desestabilização das estruturas políticas, econômicas e sociais europeias após a Primeira Guerra Mundial, bem como a aparição de uma quantidade incalculável de migrantes, apátridas, refugiados e minorias destituídos de quaisquer direitos. Ao assumirem escala global, tais fenômenos prenunciaram a total ruptura do princípio da igualdade de todos perante as leis, tendo como consequência a dissolução da nação numa "massa anárquica de indivíduos super e subprivilegiados."[75]

Esse vácuo institucional também ensejou a aparição de indivíduos que já não compartilhavam quaisquer laços ou interesses comuns, condição que os transformou em uma massa indistinta e que, pouco depois, engrossaria as fileiras do movimento totalitário ou dos próprios campos de concentração e extermínio. Portanto,

74. Cf. Butler, *Bodies that Matter*, *op. cit.*, p. 3.

75. Cf. Arendt, *Origens do Totalitarismo*, *op. cit.* p. 324.

pandemia e pandemonio livro.indd 60 13/08/2020 18:30:27

para que se chegasse até a implementação da Solução Final, com sua produção de cadáveres em escala industrial, foi preciso dar livre curso a intensas campanhas midiáticas de detração dos chamados inimigos objetivos da nação, minando-se, assim, aquelas proteções jurídicas, políticas e morais que recobrem a nudez de ser simplesmente humano. Arendt observou que o início do processo de desmontagem da humanidade do humano, levado a cabo nas fábricas da morte, deu-se com a destruição da sua "pessoa jurídica", isto é, com a perda de todos os direitos civis, bem como com a criação de um sistema de punições em que o castigo aplicado independia da conduta assumida, porque o que se punia era uma condição ontológica, o mero fato de alguém ser quem é, e não aquilo que pudesse ter feito. Na perspectiva de Arendt, tanto o nazismo quanto o estalinismo procederam sistematicamente desta maneira com relação a diversas categorias sociais, tais como judeus, comunistas, pequenos proprietários, homossexuais, migrantes, refugiados, apátridas e minorias étnicas ou religiosas, as quais se viram marcadas com o estigma de uma alteridade insuportável e que caberia vigiar, confinar e eliminar.

Ora, o fato de já não vivermos sob a dominação totalitária não significa que o processo de produção de estigmas aplicados a populações inteiras tenha deixado de existir no interior de diversas democracias, como dão testemunho o feminicídio e o genocídio de populações negras, indígenas e LGBTI+, além da contínua e enfática rejeição às novas ondas mundiais de migrantes. De fato, as populações migrantes que chegam clandestinamente à Europa e aos Estados Unidos, venham de onde venham, são inequivocamente abordadas pela mídia sob o espectro da desconfiança e do temor, ao passo em que a polícia e demais autoridades estatais as recebem com o encarceramento em campos de concentração, isto quando já não se tornam vítimas letais de ação violenta no contexto da implementação de agressivas políticas anti-migratórias. Assim, um dos indícios de agravamento da crise das democracias contemporâneas se manifesta justamente quando quase nenhum país reconhece a tais populações o direito de hospedagem. [76]

76. No campo da filosofia que se faz no Brasil, a questão migra-

pandemia e pandemonio livro.indd 61 13/08/2020 18:30:27

Como afirmam Guillaume Le Blanc e Fabienne Brugère, se os povos antigos consideravam o estrangeiro como um hóspede, nós modernos fazemos desse hóspede um estrangeiro a ser combatido como inimigo.[77] Esse processo pode ser definido em termos do agravamento do emprego de mecanismos biopolíticos imunitários e auto-purificadores, os quais levam à intensificação dos processos de exclusão e violência contra aqueles 'outros' que parecem ameaçar a saúde da economia, da cultura e da identidade nacionais. Ao propor a noção de democracia imunitária, Esposito argumentou que a democracia moderna interiorizou uma exigência de imunização, que destrói as possibilidades de relação entre sujeitos que se exteriorizam.[78] Não por acaso, pensa o autor italiano, a filosofia política moderna condensaria em si uma exigência de imunização que neutralizaria tanto os perigos quanto novas possibilidades de relações políticas, assumindo como tarefa "imunizar todos em relação a todos",[79] protegendo cada um ao estimular o medo que todos têm uns dos outros. Por certo, os sistemas de imunização "são necessários, pois nenhum corpo individual ou social poderia evitá-lo, mas, quando crescem desmesuradamente, acabam por conduzir à completa explosão ou implosão do organismo."[80] Aquilo que salvaguarda o desenvolvimento de um corpo é também aquilo que pode impedir seu desenvolvimento livre, de modo que, em altas doses, a imunização leva ao "sacrifício do vivente", à morte de toda "forma qualificada de vida" em troca da "simples sobrevivência". Em suma, o perigo da imunização é o da "redução da vida à sua nua base biológica, a redução do *bíos* à *zoé*."[81] Se a imunização é um *phármakon* e tudo

tória tem sido analisada por César Candiotto. Cf. "Os indesejáveis do mundo: a relação entre migração e pobreza na atualidade." Instituto Ciência e Fé, v. 4, p. 33-36, 2020.

77. Cf. Le Blanc, G.; Brugère, F. *La fin de l'hospitalité*. Paris: Flammarion, 2017, p. 13.

78. Cf. Esposito, *Comunidad, Imunidad, Biopolítica*, *op. cit.*, p.83.

79. Idem.

80. Cf. Esposito, *Comunidad, Imunidad, Biopolítica*, *op. cit.*, p. 116.

81. Cf. Esposito, *Comunidad, Imunidad, Biopolítica*, *op. cit.*, p.115

pandemia e pandemonio livro.indd 62 13/08/2020 18:30:27

depende de sua dosagem, o problema que se coloca atualmente é o de que, no pós-11 de setembro de 2001, já não se sabe mais distinguir entre risco e perigo de risco, de modo que o sistema democrático de imunizações se retroalimenta a todo instante. Ora, na esteira de Esposito, considero que o elemento principal desse "paradigma imunitário" manifesta-se atualmente no acirramento e proliferação de discursos de ódio e de atos violentos contra parcelas da população definidas como abjeções indesejáveis, agravando-se, assim, a crise da democracia, já à beira de sua própria desfiguração. Como sintetiza Esposito, o dispositivo imunitário contemporâneo marca a "absoluta coincidência entre proteção e negação da vida."[82]

Finalmente, a fim de tornar a categoria foucaultiana de biopolítica adequada para pensar o problema da gestão da vida no Brasil contemporâneo, faz-se preciso acrescentar uma observação importante, não prevista nas reflexões de Foucault. Se os mecanismos biopolíticos de governamento da vida da população trazem consigo efeitos de violência derivados da clivagem que distingue e hierarquiza entre as vidas que merecem proteção e as vidas que merecem controle, vigilância ou morte, também é certo que em regimes políticos de caráter autoritário, ou em democracias iliberais ou imunitárias, esse crivo de distinção e hierarquização se aplica de maneira a produzir efeitos sempre mais intensos de purificação e imunização social, voltando-se de maneira violenta e deliberada contra determinadas parcelas da população, justamente aquelas que não se encaixam no ideal normativo do Homem de Bem, assunto ao qual retornarei adiante. Como observou Roberto Esposito, mais uma vez, existem formas de politização da vida e de biologização da política que levam a consequências dramáticas, pois invertem o vetor biopolítico numa tanatopolítica que associa a salvaguarda da vida ao assassinato em massa: "Esta questão, proposta por Foucault em seus termos mais crus, interroga-se – e ainda hoje nos interpela – acerca de uma política da vida que ameaça continuamente traduzir-se em prática de morte."[83] Em outras palavras, em regimes políticos

82. Cf. Esposito, *Comunidad, Imunidad, Biopolítica*, *op. cit.*, p. 130.
83. Cf. Esposito, *Comunidad, Imunidad, Biopolítica*, *op. cit.*, p. 129.

pandemia e pandemonio livro.indd 63 13/08/2020 18:30:27

autoritários ou em democracias de caráter iliberal ou imunitário, o princípio biopolítico da integração e assimilação de parcelas cada vez mais amplas da população no interior da dinâmica da proteção e do incentivo à vida dá lugar a um princípio imunitário que acentua os efeitos de desmundanização, isto é, de perda de contato com o mundo e com a alteridade, agravando os processos de exclusão e morte de vastas parcelas da população, em particular aquelas já historicamente submetidas a fortes efeitos de vulneração. Assim, parece-me crucial distinguir entre os efeitos do exercício da biopolítica em regimes de feição autoritária ou em democracias de caráter acentuadamente imunitário ou iliberal, daqueles derivados do seu exercício em democracias mais distanciadas daqueles modelos. Na ausência dessa distinção cria-se a ilusão de que os efeitos colaterais potencialmente violentos ou excludentes, inerentes ao incentivo biopolítico de determinadas formas de vida da população, não sofreriam qualquer impacto e seriam mesmo independentes do regime político a partir do qual se exerce o poder sobre a vida. Isto não significa, por certo, que democracias consideradas consolidadas não portem consigo elementos de imunização e violência. Também caberia estudar as relações diferenciais existentes entre a governamentalização neoliberal da conduta das populações, tal como posta em prática por estados autoritários, como o Chile de Pinochet, ou em estados de caráter mais ou menos democrático.

pandemia e pandemonio livro.indd 64 13/08/2020 18:30:27

Crise da democracia e neoliberalismo

pandemia e pandemonio livro.indd 67 13/08/2020 18:30:27

Consideremos agora como Foucault concebeu as estratégias neoliberais de governamento da vida da população, último capítulo de sua análise genealógica do poder na modernidade. Em seu curso *Nascimento da Biopolítica*, Foucault mostrou que tal tecnologia de condução de condutas tem no mercado de competição a sua instância privilegiada de produção de verdades, subjetividades e formas de vida. No decurso dessas análises derradeiras sobre a biopolítica, Foucault nos ofereceu alguns indícios importantes para pensar de que maneira vida e política se associam no mundo contemporâneo neoliberal, embora a exploração mais detida dessas implicações exija ir além do pensamento foucaultiano.

Depois de ter analisado a constituição do liberalismo ao longo dos séculos XVIII-XIX, Foucault discutiu como as linhas de força da governamentalidade liberal se desdobraram e se transformaram radicalmente no século XX, abordando, então, as correntes econômicas do ordo-liberalismo alemão dos anos 1948-1962 e do neoliberalismo norte-americano proposto pela Escola de Chicago. Tanto quanto o próprio liberalismo, também o neoliberalismo é entendido por Foucault não como programa estritamente econômico ou como ideologia assumida por governantes, mas como certa forma de governamentalidade, isto é, como uma racionalidade governamental entendida como conjunto de técnicas, de ações e de discursos cuja normatividade é capaz de se expandir e de estruturar diversos aspectos da vida social, englobando desde instituições estatais e paraestatais, até alcançar o cerne mesmo das condutas dos governados.

De acordo com Foucault, o neoliberalismo da Escola de Chicago é uma racionalidade governamental cuja normatividade é capaz de formatar a conduta dos governados por meio de sutis processos de subjetivação. O aspecto que define o neoliberalismo hoje prevalecente no mundo, aquele concebido pela Escola de Chicago, é a generalização do princípio da racionalidade competitiva do mercado para todos os domínios da vida social, motivo pelo qual a governamentalidade neoliberal constitui-se como a "nova razão do mundo", segundo a fórmula de Dardot e Laval, de clara inspiração

pandemia e pandemonio livro.indd 68 13/08/2020 18:30:27

foucaultiana.[84] Distintamente da tecnologia de governamento da biopolítica, com sua possível reversão na tanatopolítica; bem como distintamente da tecnologia de governamento que Achille Mbembe designou como necropolítica, o neoliberalismo não produz seus efeitos de governamento segundo o eixo dos exageros do poder soberano estatal, em sua ânsia por purificar e incrementar a vida da população ao custo eventual do assassinato em massa. Por outro lado, tal forma governamentalidade é mais ágil e sutil, pois vincula e subordina aqueles sobre os quais se exerce levando em conta sua própria adesão livre e voluntária a um quadro normativo que propõe e estimula condutas orientadas pelos princípios da competição, da produtividade, do consumo e do gozo instantâneo, disseminados a partir do eixo flexível do mercado econômico concorrencial. Em uma palavra, as tecnologias neoliberais de governamento da vida da população tornam-se operativas ao fazer do mercado um indutor e um regulador de comportamentos e sentimentos em escala global, e isso, de tal modo, que o governo dos outros passa a depender fundamentalmente de um governo de si mesmo orientado pelos princípios concorrenciais do mercado, os quais passam a invadir todos os domínios da vida social. Entretanto, como observou Wendy Brown, considerando mais de perto a racionalidade neoliberal de mercado é possível vislumbrar que ela somente exerce seus efeitos de governamento suave sobre a conduta de populações por meio da "explícita imposição de uma forma particular de racionalidade de mercado" sobre todas as dimensões da vida social, de tal modo que a eventual inadequação do comportamento a tal forma de racionalidade traz consequências desastrosas para a vida dos sujeitos.[85]

Para Foucault, o neoliberalismo da Escola de Chicago logra obter este efeito governamental sobre a vida dos indivíduos e das populações a partir dos seguintes vetores: "*homo oeconomicus*", "capital humano", "sociedade empresarial" (*societé d'entreprise*) e

84. Cf. Dardot, Pierre; Laval, Christian. *La nouvelle raison du monde. Essai sur la société néolibérale.* Essai sur la société néolibérale. Paris: La découverte, 2010.

85. Cf. Brown, Wendy. "American Nightmare: Neoliberalism, Neoconservatism, and De-democratization". In: Political Theory, vol. 34, n. 6 (Dezembro) 2006, p. 693.

pandemia e pandemonio livro.indd 69 13/08/2020 18:30:27

generalização da forma "mercado". Sob o impacto do neoliberalismo norte-americano do segundo pós-guerra predomina a compreensão do ser humano como *homo oeconomicus*, isto é, como agente econômico que responde aos estímulos do mercado de trocas, figura que passa a ocupar o lugar anteriormente central ocupado pelo sujeito de direitos, o cidadão. Mas isto ainda não é suficiente para caracterizar a especificidade da lógica da governamentalidade neoliberal em sua novidade quanto ao liberalismo clássico. O aspecto decisivo é a articulação dessa concepção do ser humano como *homo oeconomicus* com a teoria econômica neoliberal do "capital humano". A fusão desses dois vetores permite compreender que o *homo oeconomicus* não é apenas um agente econômico no mercado de trocas, mas, sim, um empreendedor de si mesmo, no sentido de que se torna responsável por produzir seus próprios rendimentos e capital. Foucault compreendeu que, sob o neoliberalismo, os sujeitos se constituem como agentes econômicos que precisam valorizar e amplificar continuamente suas capacidades e habilidades profissionais, a fim de se tornarem constantemente competitivos no complexo mercado de trabalho e de relações sociais e afetivas da sociedade empresarial. Para Foucault, portanto, a racionalidade neoliberal trata de "generalizar, de difundir, de multiplicar, tanto quanto possível, as formas 'empresa'", de maneira a fazer do "mercado, da concorrência e, por consequência, da empresa, aquilo que se poderia chamar de potência informante da sociedade".[86] Assim, ao submeter livremente suas condutas ao princípio neoliberal do auto-empreendedorismo, em sociedades nas quais a lógica normativa do mercado competitivo se tornou uma potência de formação e informação, indivíduos e a própria população tornam-se presas voluntárias de processos de subjetivação controlados flexivelmente pelas demandas e exigências normativas do mercado, que se materializa, então, como nova instância hegemônica de formatação da verdade e dos estilos de vida no mundo contemporâneo. Por isso, dando desenvolvimento às pesquisas de Foucault, Dardot e Laval consideram que o neoliberalismo constitui atualmente "a maneira pela qual nós vivemos, sentimos e pensamos. O que está em jogo

86. Cf. Foucault, *Nascimento da Biopolítica, op.cit.*, p. 154.

pandemia e pandemonio livro.indd 70 13/08/2020 18:30:27

não é nem mais nem menos que a *forma de nossa existência*, quer dizer, a maneira pela qual somos forçados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e conosco mesmos."[87] Numa palavra, o neoliberalismo define hoje uma "norma de vida" não apenas para todas as "sociedades ocidentais", mas para todas as sociedades que seguiram a via da "'modernidade'."[88] Sob o neoliberalismo, mesmo que o mercado permaneça como uma instância econômica singular e determinada, suas normas específicas de competição tendem a se expandir para além do seu campo econômico específico. Instaura-se, assim, uma mutação administrativa que alcança a gestão pública e os comportamentos mais ínfimos dos indivíduos: a fim de valorizar continuamente seu capital humano, cabe adequar-se aos critérios normativos de competitividade e desempenho, a fim de não se tornar descartável em todos os domínios da vida social: "A interiorização das normas de performance, a autovigilância constante para se conformar aos indicadores, a competição com os outros, são esses os ingredientes dessa 'revolução das mentalidades' que os 'modernizadores' querem pôr em operação."[89]

Cabe, então, perguntar: qual é a relação entre essa concepção neoliberal do agente econômico como capital humano empreendedor de si mesmo e as novas formas da impotência democrática contemporânea? Para responder a essa pergunta é preciso ir, com Foucault, para além do pensamento foucaultiano. Por um lado, pode-se argumentar que a constituição do mercado neoliberal transnacional como foco irradiador do enfraquecimento democrático contemporâneo se faz sentir a partir do bloqueio, desqualificação, segregação e mesmo aniquilação daqueles que se opõem a seus preceitos competitivos. Afinal, os indivíduos e populações que recusam o preceito normativo de conduzir-se segundo os parâmetros da competição e do desempenho, assim como aqueles que não podem se tornar empreendedores econômicos de si

87. Cf. Dardot, P; Laval, C. *La nouvelle raison du monde, op. cit.*, p. 5.

88. Idem.

89. Cf. Dardot, P; Laval, C. *La nouvelle raison du monde, op. cit.*, p. 398.

pandemia e pandemonio livro.indd 71 13/08/2020 18:30:27

mesmos, por causa dos déficits infraestruturais produzidos pelo próprio alastramento global das regras competitivas de mercado, que constantemente promovem desregulamentações e destroem direitos e proteções sociais, acabam por ter suas vidas precarizadas e tornadas supérfluas, condição primeira para que se vejam expostos ao risco de morte. A esse respeito, Butler observou que, "neste tempo em que a economia neoliberal estrutura crescentemente as instituições e os serviços públicos, incluindo escolas e universidades, um tempo em que as pessoas estão perdendo suas casas, suas aposentadorias e suas perspectivas de trabalho em números crescentes, somos confrontados de um novo modo com a ideia de que algumas populações são consideradas descartáveis."[90]

Ademais, no âmbito do neoliberalismo global, os indivíduos e as populações passam a ser entendidos como responsáveis por seu destino social, operando-se, assim, o princípio de uma despolitização e de um isolamento que tendem a moralizar e a individualizar aquilo mesmo que deveria ser objeto de análises e lutas políticas coletivas. Butler propõe uma interessante contribuição sobre esse aspecto do problema ao ressaltar que, "quanto mais alguém assume a exigência da 'responsabilidade' por tornar-se autossuficiente, tanto mais se torna socialmente isolado e tanto mais se sente precário; e quanto mais as estruturas sociais de apoio desabam por causa de razões 'econômicas', tanto mais as pessoas se sentem isoladas, num sentimento de angústia agravada e de 'fracasso moral'."[91] Ou, segundo a formulação de Wendy Brown, a racionalidade política do neoliberalismo produz um cidadão reduzido à sua capacidade de empreender e consumir, de modo que sua "autonomia moral é medida por sua capacidade de 'cuidar de si' – sua habilidade de prover suas próprias necessidades e assegurar suas próprias ambições ..."[92]

90. Butler, Judith. *Notes toward a performative theory of assembly*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2015, p. 11.

91. Butler, Judith. *Notes toward a performative theory of assembly, op. cit.*, p. 15.

92. Cf. Brown, Wendy. "American Nightmare: Neoliberalism, Neoconservatism, and De-democratization", *op. cit.*, p. 694.

pandemia e pandemonio livro.indd 72 13/08/2020 18:30:27

Cabe ainda ressaltar que estes efeitos de despolitização democrática não se limitam apenas àquelas populações que se veem excluídas do processo de expansão irrestrita da norma-mercado e da forma-empresa para todos os domínios da vida social, pois tais efeitos também alcançam em cheio aquelas parcelas da população incluídas na "fábrica do sujeito neoliberal".[93] Sob o paradigma neoliberal opera-se uma mutação no estatuto do sujeito, que se torna um sujeito-empresa ou sujeito-empreendedor, ao mesmo tempo em que se opera uma mutação no estatuto do cidadão, que se converte em consumidor de serviços, despolitizando-se, assim, a relação entre o cidadão e o Estado: "Esta prioridade concedida à dimensão da eficiência e ao rendimento financeiro elimina do espaço público toda concepção de justiça distinta da de equivalência entre aquilo que o contribuinte pagou pessoalmente e aquilo que ele recebeu pessoalmente."[94] Assim, o sujeito neoliberal é aquele que se desonera de qualquer responsabilidade política coletiva e de qualquer interesse para com o bem comum, limitando-se a cobrar serviços das esferas pública e privada. Ao mesmo tempo, o sujeito empreendedor neoliberal é aquele que, para manter seu precário status social, aceita submeter-se a condições agressivas de competitividade, incerteza, risco e medo. Se é certo que ninguém é obrigado a se engajar na fábrica da produção de sujeitos neoliberais, por outro lado não se pode desconhecer que esta livre adesão se dá num contexto de política do medo e de incerteza, ao mesmo tempo em que a própria adesão ao modelo do empreendedorismo produz efeitos limitadores e disciplinadores sobre as condutas dos indivíduos. Como ressaltam Dardot e Laval, a entrada no paradigma neoliberal não nos liberou da velha gaiola de ferro das limitações e constrições burocráticas weberianas, em nome de um mundo mais livre, flexível e criativo. Pelo contrário, o que agora acontece é que, num contexto hiper-competitivo, "cada um é levado a construir, por sua própria conta, sua pequena 'gaiola

93. Cf. Dardot, P; Laval, C. *La nouvelle raison du monde,* p. 409. Segundo os autores, "a racionalidade neoliberal produz o sujeito do qual necessita (...)." Idem.

94. Cf. Dardot, P; Laval, C. *La nouvelle raison du monde, op. cit.*, p. 400.

pandemia e pandemonio livro.indd 73 13/08/2020 18:30:27

de ferro' individual."[95] Wendy Brown é ainda mais enfática a esse respeito ao afirmar que a racionalidade neoliberal de mercado não apenas extravasa o campo estritamente econômico para alcançar todos os domínios sociais, mas seus efeitos de governamento da conduta derivam-se de uma "explícita imposição de uma forma particular de racionalidade de mercado sobre aquelas esferas."[96]

E se, como Weber já o pensara, o espírito do capitalismo requereu uma ética protestante que lhe fosse correspondente, então o desdobramento do capitalismo segundo a vertente neoliberal também exigirá sua própria ética, seu próprio *ethos*. Essa 'ética' será de todo avessa ao espírito do engajamento político em nome da justiça social e das solidariedades coletivas, será uma ética da autoajuda que será "preciso encarnar por um trabalho de vigilância exercida sobre si mesmo e que os procedimentos de avaliação se encarregarão de reforçar e de verificar."[97] Eis, portanto, como a forma-empresa perpassa o comportamento de instituições privadas e estatais, até imantar o comportamento de indivíduos e populações que se deixam governar pelas normas do mercado, na exata medida em que se governam a si mesmas. Sob o império do neoliberalismo, pensam Dardot e Laval, estamos diante de um processo constante de "*ultra*subjetivação que não tem por finalidade um estado último e estável de 'posse de si', mas que visa a um para-além *de* si sempre impulsionado, e que, ademais, é ordenado constitutivamente em seu próprio regime pela lógica da empresa e, para além dela, pelo 'cosmos' do mercado mundial."[98]

O primado inconteste e hegemônico da norma neoliberal do mercado competitivo como vetor de produção de subjetividades, comportamentos e afetividades põe em questão os princípios diretores da democracia, borrando continuamente quaisquer fronteiras entre o público e o privado, fazendo com que o direito

95. Cf. Dardot, P; Laval, C. *La nouvelle raison du monde*, *op. cit.*, p. 412.

96. Cf. Brown, Wendy. "American Nightmare: Neoliberalism, Neoconservatism, and De-democratization", *op. cit.*, p. 693.

97. Cf. Dardot, P; Laval, C. *La nouvelle raison du monde*, *op. cit.*, p. 413.

98. Cf. Dardot, P; Laval, C. *La nouvelle raison du monde*, p. 437.

pandemia e pandemonio livro.indd 74 13/08/2020 18:30:27

privado prevaleça sobre o direito público, operando suspensões *ad hoc* da legalidade, bem como desinvestindo a cidadania de seu interesse pelo bem público, em nome da adesão ao dispositivo da "performance-gozo". Quanto àquelas categorias sociais que não têm como atender às demandas normativas do paradigma neoliberal, elas são rapidamente reduzidas ao estatuto da super-fluidade inútil. Se os direitos políticos e as garantias sociais que constituíram o modelo do Estado de bem-estar social democrático dependeram das lutas e da organização política das populações marginalizadas, o ataque contemporâneo exatamente àquele arcabouço legal ilustra bem o colapso da própria democracia, deixando-nos diante de duas opções complementares: ou bem o engajamento do indivíduo num sistema de competições desprovido de quaisquer garantias, ou bem tornar-se inviável e abjeto, para retomar a terminologia de Butler. Assim, a lógica normativa do mercado e da forma-empresa parecem atingir o cerne mesmo das democracias, reforçando desigualdades e exclusões até o ponto de produzirem "'sub-cidadãos' e 'não-cidadãos'."[99] Dardot e Laval observam ainda que essa "erosão progressiva dos direitos sociais do cidadão" acaba por alcançar também os "fundamentos da cidadania *enquanto tal*," de sorte que assim se inaugura uma "nova fase na história das sociedades ocidentais."[100]

Wendy Brown chega a essa mesma conclusão ao afirmar que a redução da cidadania política democrática ao estatuto mercado-lógico neoliberal do "auto-cuidado" produz um desinvestimento profundo dos valores do "bem comum" e da "cidadania ativa", os quais tampouco se mostravam assim tão consistentes na "tábua de valores da democracia liberal."[101] Para a autora, fundamentos cruciais da democracia como a "igualdade, autonomia política e liberdade, cidadania, governo da lei, imprensa livre", mesmo que jamais tenham sido implementados de maneira satisfatória em

99. Cf. Dardot, P; Laval, C. *La nouvelle raison du monde, op. cit.*, p. 461.

100. Cf. Dardot, P; Laval, C. *La nouvelle raison du monde, op. cit.*, pp. 461-462.

101. Cf. Brown, Wendy. "American Nightmare: Neoliberalism, Neoconservatism, and De-democratization", *op. cit.*, p. 695.

pandemia e pandemonio livro.indd 75 13/08/2020 18:30:27

diversas democracias do mundo, começam agora a ser "postos em xeque" ou, ao menos, "desafiados de maneira severa" pelo espraiamento da racionalidade política neoliberal, pois essa se vale de "princípios de governança alternativos."[102] Compreende-se também que a destruição do sistema de direitos e garantias sociais que havia se tornado consubstancial à nossa concepção de democracia e de cidadania se associe à perda de toda e qualquer medida e decoro por parte dos governantes, aspecto característico deste período de generalização e acirramento do paradigma neoliberal da forma-empresa:

> O cinismo, a mentira, o desprezo, o filisteísmo, o esgarçamento da linguagem e dos gestos, a arrogância do dinheiro e a brutalidade da dominação valem como títulos para governar em nome apenas da 'eficácia'. (...) A nova racionalidade promove seus próprios critérios de validação, os quais nada têm que ver com princípios morais e jurídicos da democracia liberal.[103]

Ao contraporem os princípios fundamentais da democracia e os do dispositivo neoliberal, ou seja, ao contraporem soberania popular e disseminação da forma-empresa para todos os domínios da vida social, Dardot e Laval chegam à conclusão de que o neoliberalismo traz consigo certas efeitos de "*antidemocratismo*".[104] Não parece haver incongruência entre a expansão hegemônica do neoliberalismo e a crise contemporânea das democracias, podendo-se caracterizar o dispositivo neoliberal de governamento da vida de indivíduos e populações como sendo, no mínimo,"a-democrático."[105] E mesmo que não se possa estabelecer uma clara e inequívoca equação entre neoliberalismo e autoritarismo ou ditaduras, sabemos que o Chile sob a ditadura de Pinochet foi um labora-

102. Cf. Brown, Wendy. "American Nightmare: Neoliberalism, Neoconservatism, and De-democratization", *op. cit.*, p. 696.

103. Cf. Dardot, P; Laval, C. *La nouvelle raison du monde*, *op. cit.*, pp. 461-462.

104. Cf. Dardot, P; Laval, C. *La nouvelle raison du monde*, *op. cit.*, p. 464.

105. Cf. Dardot, P; Laval, C. *La nouvelle raison du monde*. p. 469.

pandemia e pandemonio livro.indd 76 13/08/2020 18:30:27

tório de experimentações neoliberais cujas consequências sociais mostram-se agora aos olhos de todos. Ademais, Wendy Brown também mostrou que o neoliberalismo se acopla muito facilmente ao neoconservadorismo, produzindo-se, assim, fortes efeitos de "des-democratização". Mesmo que o neoliberalismo não dependa de qualquer sistema de valores religiosos, não é difícil que se estabeleça uma confluência entre ele e o *ethos* neoconservador inspirado no fundamentalismo cristão. Nos dois casos, afinal, encontra-se o denominador comum do "cidadão antidemocrático", aquele que não

> ama nem quer liberdade ou igualdade, mesmo que de um tipo liberal; o cidadão que não espera nem verdade nem prestação de contas da governança e dos atos de estado; que não se preocupa com a exorbitante concentração de poder econômico e político, com a suspensão rotineira do domínio da lei ou com demais formulações não democráticas de finalidade nacional, seja em casa ou no estrangeiro.[106]

Segundo Brown, a racionalidade econômico-política do neoliberalismo produz o desmantelamento do arcabouço de valores e instituições que caracterizaram a democracia, suscitando um contínuo desprezo pela autonomia política. O neoliberalismo também transforma problemas políticos em questões individuais, para as quais apenas o mercado apresentaria soluções, bem como produz um cidadão-consumidor, entregue a crescentes ações governamentais de regulamentação e controle. Em suma, o neoliberalismo contribui para a produção de efeitos "des-democráticos" que escancaram as portas para o fortalecimento de movimentos neoconservadores, os quais não apenas desprezam os valores democráticos, como defendem ideias e práticas antidemocráticas, sobretudo ali onde tais movimentos possam encontrar apoio no fundamentalismo religioso.

Tudo isto, por certo, indica que o neoliberalismo produz efeitos colaterais bastante violentos e excludentes. Embora seu propósito não seja a produção da morte violenta de parcelas da

106. Cf. Brown, Wendy. "American Nightmare: Neoliberalism, Neoconservatism, and De-democratization", *op. cit.*, p. 692.

pandemia e pandemonio livro.indd 77 13/08/2020 18:30:28

população, esta é uma de suas consequências colaterais, especialmente para aquelas vidas que não podem ou que não querem se adaptar aos padrões neoliberais de competição. Deste modo, em consonância com as estratégias estatais de caráter biopolítico, também as estratégias neoliberais de condução de condutas da população somente visam ao incentivo da vida daquelas parcelas da população que se espelham no ideal normativo do Homem de Bem, a respeito do qual retornarei adiante.

pandemia e pandemonio livro.indd 78 13/08/2020 18:30:28

Bacurau, um filme para pensar o Brasil

Desde o início da pandemia, foi se tornando cada dia mais evidente que o maior problema do governo Bolsonaro excedia a proposição de políticas públicas de caráter discriminatório, bem como estava além da proposição indiscriminada de políticas neoliberais, produtoras de fortes efeitos de exclusão e precarização da vida da população brasileira. Por outro lado, a chegada da pandemia ao Brasil parece nos mostrar que até mesmo aquelas estratégias biopolíticas imunitárias, associadas ao neoliberalismo mais radical e desenfreado, viram-se recobertas e subordinadas a um conjunto de ações, discursos e omissões estatais, cujo resultado foi a generalização da matabilidade, isto é, a expansão da exposição à morte de toda a população brasileira. Se tal genocídio se manifesta com ainda mais intensidade dentre as populações já historicamente vulneradas e precarizadas no país, o descontrole geral em relação à situação sanitária no Brasil pôs em risco, ao menos potencialmente, todas as vidas, independentemente de quaisquer critérios ou crivos de hierarquização valorativa: eis aí o caráter necropolítico do governo Bolsonaro.

Para aclimatar essa hipótese acerca da guinada necropolítica do governo Bolsonaro durante a pandemia, parece-me pertinente trazer à tona o segundo impulso que me levou a redigir este livro: o filme *Bacurau*, de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Afinal, a compreensão da atualidade e do vigor da noção de necropolítica para esclarecer o descalabro da política nacional começou a tomar forma em meu pensamento após assistir àquele filme. Foi também refletindo sobre *Bacurau* que comecei a vislumbrar a temática acerca da articulação entre biopolítica, neoliberalismo e necropolítica, aspecto central na história que ali é contada e que, de meu ponto de vista, também é crucial para compreendermos o que aconteceu conosco quando a pandemia se encontrou com o pandemônio político do (des)governo Bolsonaro.

Deixo de lado o comentário sobre as muitas qualidades e procedimentos estéticos que perpassam o filme desde sua abertura apoteótica até seu final grandioso[107] e me concentro apenas na-

107. Cf. Duarte, A.: "O sertão entre as margens e o centro do mundo atual: notas sobre Bacurau." In: Revista VISO, op. cit.

pandemia e pandemonio livro.indd 82 13/08/2020 18:30:28

queles aspectos do filme que me inspiraram mais imediatamente a propor a presente discussão acerca das relações entre biopolítica, neoliberalismo e necropolítica no Brasil atual.

Já de início somos apresentados a um problema bastante antigo e conhecido no sertão brasileiro, a falta de água nas comunidades pobres e distantes dos grandes centros urbanos. No entanto, vistas as coisas mais de perto, o problema em *Bacurau* não diz respeito ao descaso dos políticos locais em prover tais comunidades de condições básicas de vida, pois trata-se aqui de uma escassez politicamente induzida e provocada. O vilarejo de Bacurau depende do transporte de água num caminhão-pipa, porque o açude da cidade está interditado pela ação violenta de indivíduos que, à primeira vista, parecem estar a serviço do prefeito Tony Jr. (Thardelly Lima). As relações entre os habitantes da vila e o prefeito não são as melhores e tudo indica que os cidadãos resistem em ser governados pela autoridade política, entrando em conflito com o coronel local. Isto fica claro quando o político se apresenta na cidadezinha para negociar com a população o apoio para as próximas eleições e todos os habitantes desaparecem subitamente: eles se escondem, mas, de seus esconderijos, dirigem toda sorte de impropérios ao prefeito, protegidos pelo anonimato. Em suma, como os habitantes não reconhecem a autoridade do prefeito, este põe em ação um jogo biopolítico bastante conhecido no sertão e em outras regiões empobrecidas do Brasil, pelo qual se condicionam as condições básicas de vida da população ao apoio que venham a conceder aos líderes políticos locais.

Para o aspecto que aqui nos interessa, trata-se de pensar uma noção de biopolítica à brasileira, voltada especificamente para o caso das populações pobres do sertão do Nordeste. Evidentemente, não estamos diante de uma vertente da biopolítica cuja ação governamental visaria a incentivar, incrementar e melhorar as condições de vida da população. Não se trata de jogar com sua liberdade de maneira a estabelecer mecanismos de condução de sua conduta por meios relativamente pacíficos. Por outro lado, o que está em questão é algo bastante mais agressivo, pois se trata de forçar a população local a aceitar e reconhecer a autoridade

pandemia e pandemonio livro.indd 83 13/08/2020 18:30:28

do chefe político local, em troca da garantia das condições mais básicas de suas vidas. Portanto, já de saída estamos confrontados com uma vertente da biopolítica que se define como forma particular de governar a vida da população por meio da criação artificial e controlada de situações de escassez, visando a forçar os cidadãos a apoiarem o governante local em troca da garantia de condições mínimas de sobrevivência. No filme, ademais, esse velho e duro jogo biopolítico à brasileira se faz complementar por um sutil jogo fármaco-político, que passa pela distribuição de psicotrópicos (com data de validade vencida) que buscam controlar o humor e as emoções daquela aguerrida população. Segundo os termos dessa fármaco-biopolítica, não se deve apenas apaziguar as necessidades de cultura, alimentação e saúde da população, pois também é essencial acalmar seus humores, a fim de diminuir e controlar sua hostilidade política. Se o abuso de poder pelo prefeito é óbvio, também é verdade que os habitantes do vilarejo não se deixam governar facilmente: eles dizem não, se organizam, resistem de maneira concertada.

Entretanto, esse jogo biopolítico do governamento da vida da população por vias 'duras' e 'suaves' começa a se transformar com a chegada repentina de dois motociclistas vindos de fora da comunidade. Essa súbita aparição coincide com o incompreensível assassinato de uma família de pequenos proprietários rurais, precedido pela cena noturna, premonitória e assustadora, em que um tropel de cavalos apavorados, em desabalada carreira, invade a rua central do vilarejo em plena madrugada. Os diretores criam uma atmosfera de suspense e estranheza crescentes, que culmina numa cena brutal em que os próprios motociclistas são chacinados a sangue-frio por um grupo de estrangeiros cujos propósitos permanecem momentaneamente enigmáticos. Sabe-se apenas que os forasteiros falam inglês e são supremacistas brancos, racistas até à medula, o que se evidencia pela maneira depreciativa com que demarcam sua própria branquitude em relação à dos dois motociclistas, os quais não são considerados suficientemente brancos, a despeito da opinião que eles têm a seu próprio respeito quando se comparam com os habitantes do sertão. A ironia é clara:

pandemia e pandemonio livro.indd 84 13/08/2020 18:30:28

assim como os motociclistas do Sudeste desprezam o povo de Bacurau, também os estrangeiros ridicularizam os seus desejos de distinção racial, social e cultural.

Somente após o assassinato dos motociclistas, meros *local contractors* terceirizados, é que começamos a compreender qual é a trama do filme: na verdade, seu fio condutor não segue as regras daquele jogo biopolítico à brasileira, mas as regras de um jogo necropolítico posto em ação por uma organização internacional que visa a promover o extermínio da população local, transformada em bestas de caça destinadas ao abate por armas de fogo de última geração e *drones* de caráter *vintage*. Se no jogo biopolítico inicial o governante negociava com a população a garantia das suas condições vitais básicas, tudo se altera radicalmente com a introdução do jogo da necropolítica, segundo o qual a produção regulada e organizada da morte se desvincula de qualquer restrição ligada à garantia da vida: o objetivo já não é mais negociar com a vida, mas eliminar vidas tornadas descartáveis e supérfluas, reduzidas a mero cálculo numérico na conta dos atiradores que competem entre si. Se no jogo biopolítico permanecia possível certa margem de manobra e de liberdade nas relações de poder e resistência entre a autoridade política local e a população da comunidade, agora tudo muda de figura com a instituição de um campo de extermínio sob condições tecnológicas previamente estabelecidas e planejadas para acentuar, tanto quanto possível, o terror sobre os habitantes. Por certo, ao final da história compreenderemos que desde sempre houve relações bem estabelecidas entre a autoridade política local e a quadrilha internacional de assassinos, aspecto que evidencia a existência de uma zona cinzenta entre certas vertentes mais agressivas da biopolítica e a própria necropolítica como política destinada a promover a morte em escala de massa.

Nesse jogo necropolítico muito particular, o assassinato é gratuito e não determinado pela defesa de quaisquer interesses econômicos ou políticos particulares. Temos aqui uma alegoria contemporânea da violência pela violência: trata-se de matar por esporte; porque isso nos satisfaz; porque fortalece nossas convicções fanáticas e racistas; porque é excitante suscitar o pavor

pandemia e pandemonio livro.indd 85 13/08/2020 18:30:28

na população; porque matar torna mais vivas nossas existências apagadas e insignificantes; porque, ao matar, isso nos permite descarregar afetos reativos como o ódio, o desejo sexual reprimido e o desejo de poder absoluto. Este é também um jogo de busca de gratificação imediata e sem qualquer compromisso com o outro: os mortos não têm identidade, são apenas números no *score* de cada jogador. A vila de Bacurau constitui, portanto, a alegoria de um campo de extermínio a céu aberto, onde podem se praticar quaisquer atrocidades, a exemplo do nazismo ou dos primeiros genocídios de populações autóctones promovidos pelo imperialismo europeu na África, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Não por acaso, o líder do bando de competidores internacionais no macabro jogo necropolítico é Michael (Udo Kier), um alemão que há muito emigrou para os Estados Unidos e cujo comportamento sinistro faz pensar em Kurtz, o comerciante de marfim perdido no fundo da selva africana em *Coração das Trevas*, de Conrad[108], mas também no Coronel Kurtz, o militar desertor enlouquecido nos confins da selva do Vietnam, encenado por Marlon Brando em *Apocalypse Now*, de Coppola.

Mas não se pense que este jogo mortífero não siga regras bastante precisas, aspecto cuja consideração nos leva à figura do neoliberalismo. Acoplando-se a necropolítica ao neoliberalismo, os competidores ganham pontos toda vez que abatem alguém a tiros, mas devem fazê-lo sempre e somente de acordo com regras pré-definidas, as quais se destinam a estabelecer as condições da competição: cada competidor tem à sua disposição certo número de tiros para abater certo número de indivíduos, na dependência do tipo de arma de fogo que porta. Por sua vez, as condições do assassinato também devem ser precedidas por uma estrita preparação das piores condições possíveis para as pessoas que serão cassadas: corte de internet, corte do abastecimento de água, corte da energia elétrica, emboscadas, em suma, sabotagem completa de toda e qualquer infraestrutura de proteção. As prescrições desse jogo infernal são estabelecidas remotamente por pessoas que jamais

108. Conrad, Joseph. *Coração das Trevas*. Traduzido por Sérgio Flaksman. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

pandemia e pandemonio livro.indd 86 13/08/2020 18:30:28

aparecem – de fato, não importa quem sejam – e cujas ordens são transmitidas aos competidores por meio de dispositivos de transmissão conectados aos seus ouvidos. Assim, o jogo depende da frieza, da destreza, da astúcia e da impessoalidade de jogadores que competem acirradamente entre si e que não têm quaisquer relacionamentos mútuos estáveis, para além do estrito respeito a regras vindas de alhures, sem jamais tomar em consideração as consequências derivadas de sua máxima observância.

Aquilo que à primeira vista pareceria ser um exagero ficcional, específico ao gênero das distopias, acaba por se constituir, então, como a alegoria de uma das piores formas de violência sociopolítica contemporânea, pela via do acoplamento entre biopolítica, neoliberalismo e necropolítica. De fato, ao criar esse grupo de assassinos impessoais e globalizados, racistas e reacionários, Mendonça e Dornelles nos mostram que a racionalidade agressiva e competitiva do neoliberalismo – que desregulamenta direitos e expõe populações já vulneráveis ao risco da superfluidade e da morte – se articula perfeitamente com a violência fanática originada do conservadorismo racista e do fundamentalismo cristão, posto que ambos têm em comum o desprezo pelas instituições e procedimentos democráticos. Assim, no coração do sertão empobrecido do Nordeste brasileiro, encontramos uma perfeita alegoria das violências que já transcorrem cotidianamente nos centros globalizados e modernos, ou seja, o abandono e mesmo a eliminação dos pobres, das mulheres, dos negros e negras, dos índios e índias, da população LGBTI+, das crianças. Afinal, a constituição do mercado neoliberal transnacional como foco irradiador da violência contemporânea se dá a partir do bloqueio, desqualificação, segregação e aniquilação daqueles que não vivem de acordo com seus preceitos competitivos.

pandemia e pandemonio livro.indd 87 13/08/2020 18:30:28

***

Até aqui mostramos de que maneira o filme *Bacurau* nos oferece uma ilustração bastante concreta e palpável acerca do modo como os fenômenos da biopolítica, necropolítica e neoliberalismo se exercem entre nós. No entanto, o filme ainda nos tem muito a ensinar acerca de quais são as populações sobre as quais se exercem tais formas de gestão da vida e de produção da morte. Este é um aspecto que foi pouquíssimo observado pelos críticos e analistas do filme, que tenderam a passar por alto quem é e como se comporta a população de *Bacurau*, aquela destinada ao abate pelo conluio entre as autoridades políticas locais e o bando internacional de assassinos.

Com extrema habilidade, Mendonça e Dornelles desmontam nossas expectativas quando nos apresentam a vila de Bacurau por meio da recusa de quaisquer representações folclóricas do Nordeste e do sertão. Teresa (Babi Colem) volta ao vilarejo para participar do enterro de sua avó Carmelita, personagem interpretada por Lia de Itamaracá, figura central da cultura popular de Pernambuco. A princípio, os diretores parecem nos mergulhar num ritual fúnebre tradicional, com orações coletivas, carpideiras, lenços brancos em sinal de adeus no cemitério. Mas nada nesse ritual é propriamente tradicional, pois, em vez de uma canção religiosa, o que ouvimos durante o cortejo fúnebre é uma canção misteriosa de Sérgio Ricardo, "Bichos da Noite", invocação dos seres e dos poderes noturnos, pagãos. Esse desvio em relação às tradições religiosas do sertão é decisivo no filme, sendo digno de nota que a Igreja Católica do vilarejo tenha sido transformada em dispensa de armazenamento para coisas da vida cotidiana. Esta ausência da religiosidade cristã abre espaço para o predomínio de outras manifestações culturais, sejam elas populares ou eruditas, como o jogo da capoeira, a composição musical com rimas populares, a menção à biblioteca do professor Plínio e a aula de música para as crianças na escola, além das tomadas que mostram a fachada do Museu Histórico da cidade. Essa ausência discreta, porém decisiva, da religião cristã, deixa espaço aberto para a aparição de formas de vida marginais, isto é, situadas à margem das normas

pandemia e pandemonio livro.indd 88 13/08/2020 18:30:28

patriarcais, definindo-se pela tolerância e pelo respeito às práticas e orientações sexuais não-hegemônicas. Comparada à masculinidade tóxica das autoridades locais e dos poderes internacionais, a população de Bacurau incorpora a radical alteridade: eles são o Outro, talvez por isso estejam marcados para o abate.

Merece atenção a maneira sutil pela qual os diretores vão nos dando indícios acerca da vida cotidiana dessa comunidade *queer*, desviante das normas hegemônicas que definem o padrão do bom comportamento sexual e social. Já o próprio discurso fúnebre do professor Plínio alude à diversidade da família da matriarca falecida, composta por trabalhadores simples e por médicos; por pessoas que vivem no sertão, no sudeste do Brasil ou na Europa; por músicos, prostitutas e michês, mas não por bandidos. Descreve-se, assim, o caráter complexo e diversificado de uma comunidade que nos é apresentada como uma heterotopia no sentido de Foucault: Bacurau faz parte desses lugares "absolutamente" outros, é um desses "contra-espaços", dessas "utopias localizadas", simultaneamente "míticas e reais", que desafiam os lugares comuns e normais onde habitualmente moramos.[109]

Após o enterro de dona Carmelita, quando o cotidiano da vila volta ao seu ritmo normal, vemos um homem e duas mulheres que tomam banho juntos, nus: a água é escassa e não há lugar para moralismos. Na sequência chega ao vilarejo um caminhão com prostitutas, michês e travestis, conduzido por uma mulher de meia-idade cujos cabelos são tingidos de lilás. Sua chegada repentina não perturba a vida dos moradores e os forasteiros são recebidos com morna indiferença, o que indica que estamos distantes da hipersexualização de mulheres e crianças pelo turismo sexual, tão evidente no Nordeste e em outras regiões do país. Em Bacurau, as crianças frequentam a escola e os professores cuidam de sua educação. Os e as profissionais do sexo não são vistos pelos moradores como pecadores ou como aberrações. E é assim que, pouco a pouco, nos damos conta de que nesta pequena comunidade sertaneja há um casal composto por uma travesti e

109. Foucault, Michel. *Le corps utopique, les hétérotopies*. Clémency: Lignes, 2009, p. 24 e p. 25.

pandemia e pandemonio livro.indd 89 13/08/2020 18:30:28

seu companheiro, ambos negros. A prostituição é considerada pelos habitantes de Bacurau como um trabalho entre outros e Domingas não parece se importar quando sua companheira vai para a cama com um dos michês do caminhão. No entanto, tudo muda de figura quando, ao deixar a vila, o Prefeito obriga uma das prostitutas do caminhão-bordel a acompanhá-lo para prestar-lhe serviços sexuais que, talvez, nem mesmo lhe sejam pagos. Domingas se aproxima do veículo do Prefeito e lhe diz em tom ameaçador, numa das cenas memoráveis do filme: "Se você machucar a menina eu corto teu pau e dou pras galinhas." O que incomoda a comunidade não é a prostituição, mas a violência do homem branco contra a mulher negra.

Firma-se, assim, a imagem da vila de Bacurau como heterotopia frente a um Brasil hoje aterrorizado por sua própria diversidade. Ela é este lugar outro, real e mítico, onde convivem negros e brancos, crianças e idosos, heterossexuais e homossexuais, prostitutas e professores, a médica Domingas e o feiticeiro Damiano (Carlos Francisco), responsável pela fabricação de pílulas feitas a partir da maceração de plantas alucinógenas, ingrediente fundamental quando chega a hora da luta contra os invasores e a comunidade tem que suspender seus medos e sua civilidade. Finalmente, em Bacurau há também criminosos tentando abandonar o crime, como Acácio (Thomás Aquino), apelidado Pacote, codinome adequado para um jovem assassino urbano com ares de sedutor. O personagem de Acácio torna os meandros do filme ainda mais nuançados, já que ele está a meio caminho entre o matador frio e o jovem solidário por quem Teresa se sente atraída. Acácio é também o elo de ligação entre os habitantes de Bacurau e o perigoso bando de Lunga (Silvero Pereira), ao qual os habitantes recorrem quando compreendem que a vida da comunidade está em risco e que medidas extremas são necessárias e urgentes.

Lunga e seu bando fazem sua aparição numa cena inesquecível, de grande poder imagético: dele, o espectador vê apenas os olhos refletidos em um pequeno pedaço de vidro, que faz as vezes de espelho enquanto ele aplica um lápis preto ao contorno dos

pandemia e pandemonio livro.indd 90 13/08/2020 18:30:28

olhos. Com esse gesto, vemos que ele tem as unhas compridas e pintadas com esmalte preto, e que seus dedos portam muitos anéis. O contraste entre o homem rude e o gestual feminino e delicado se acentua ainda mais, visto que a sequência toda se faz acompanhar de uma música de câmara melodiosa e nostálgica, a valsa "Entre as Hortênsias", de Nelson Ferreira. Lunga é um personagem enigmático, indecifrável. Como defini-lo? Lunga não é um único personagem, mas sim um personagem único, multifacetado: ele é a personificação de uma mistura racial cujo resultado escapa ao velho mito do cadinho das raças convivendo harmoniosamente num país sem racismo e discriminação. Visto sob o sol ofuscante do sertão, Lunga parece um sertanejo de pele clara e cabelos aloirados. Durante a noite, no entanto, ele parece quase preto, com seu corpo bronzeado e musculoso. Na luta violenta Lunga parecerá um índio, cuja pintura do rosto e do corpo se faz com o sangue daqueles a quem ele mata sem piedade a golpes de facão, cortando-lhes a cabeça. Lunga é uma espécie de memória coletiva incorporada, em seu corpo e em seu rosto se encontram os rostos e os corpos de todos aqueles que, ao longo da história do Brasil, ousaram resistir à dominação violenta pela violência. Ele nunca sorri e suas sobrancelhas estão sempre franzidas, como se estivesse possuído pelo espírito daqueles cangaceiros, daqueles escravos fugidos e daqueles índios canibais que nunca fizeram a paz com os dominadores de origem europeia. Em suma, Lunga parece incorporar, no sentido das religiões de matriz africana, o espírito daqueles vencidos da história, cuja derrota não se deveu à falta de luta e de coragem. Lunga é urbano e rural, homem e mulher, ex-aluno com dons para a escrita e frio assassino profissional que nada cobra quando se trata de salvar os habitantes da vila que um dia o banira de seus limites.

Quando finalmente chega a hora da guerra contra os perigosos invasores, o Museu Histórico de Bacurau assume importância capital, pois é nesse espaço de cultura e aprendizado que os habitantes de Bacurau aprendem a se defender com suas próprias armas. Essa escolha dos diretores é plena de significado. De fato, é a história das lutas de resistência do povo do Nordeste que é

pandemia e pandemonio livro.indd 91 13/08/2020 18:30:28

celebrada e preservada no Museu, e se Lunga está escondido ali dentro, é para melhor ressaltar que ele encarna o espírito dos condenados da Terra, ou seja, que ele é o anjo (exterminador) que retorna ao mundo dos vivos para suspender o transcurso do tempo histórico e ressuscitar a causa perdida dos mortos, como pensado por Walter Benjamin em suas teses sobre o conceito de história.[110]

110. Benjamin, Walter. "Sobre o conceito de história". In *Walter Benjamin, obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política.* São Paulo. Brasiliense, 1986. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet.

pandemia e pandemonio livro.indd 92 13/08/2020 18:30:28

Crise da democracia e necropolítica

Em primeiro lugar, cabe observar que a noção de necropolítica formulada por Achille Mbembe não possui caráter sistemático. Ela se tornou conhecida a partir de um ensaio traduzido para o inglês, publicado em 2003, levando algum tempo até que se tornasse relevante no contexto intelectual latino-americano.[111] Para construir a noção de necropolítica Mbembe se apropria de diferentes referências teóricas, incluindo as noções foucaultianas de biopolítica e de poder soberano; a noção de Agamben de estado de exceção; a noção de Schmitt sobre o estado de sítio; além das análises de Hannah Arendt sobre o imperialismo e sobre o terror totalitário posto em prática nos campos de concentração e de extermínio pelo nazismo. Este é o pano de fundo teórico a partir do qual Mbembe propõe a interrogação que orienta seu ensaio sobre a necropolítica: "que lugar é dado à vida, à morte e ao corpo humano", quando tais elementos se veem "inscritos na ordem do poder?"[112] Mais precisamente, trata-se de questionar aquelas formas de exercício da soberania, seja ela estatal ou paraestatal, que demandam a "'instrumentalização generalizada da população humana e a destruição material de corpos humanos e populações'."[113] Seu pressuposto de base é o de que tais formas letais de exercício da soberania constituem o "*nomos*" de inúmeras experiências políticas contemporâneas, de modo que o problema teórico da soberania deve ser examinado à luz de conceitos concretos como os da "vida e da morte".[114]

Um dos principais méritos de Mbembe foi o de ter formulado a noção de necropolítica tendo como parâmetro de referência a escravidão negra e os processos de colonização baseados no sistema da *plantation*, sem deixar de considerar, também, a dolorosa memória e os efeitos persistentes desses traços coloniais no período de pós-colonização. Como ressaltado por Fátima Lima,

111. Cf. Díaz, Antonio Fuentes. (org.) *Necropolítica. Violéncia y Excépcion en América Latina*. Puebla: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2012.

112. Cf. Mbembe, *Necropolítica, op. cit.*, p. 7.

113. Cf. Mbembe, *Necropolítica, op. cit.*, pp. 10-11.

114. Cf. Mbembe, *Necropolítica, op. cit.*, p. 11.

pandemia e pandemonio livro.indd 96 13/08/2020 18:30:28

Mbembe inaugurou o deslocamento das análises "centradas em contextos europeus para pensarmos a forma de constituição desses diagramas de poder não apenas nos contextos pós-coloniais de Áfricas, mas também nos processos de colonização e nos traços de colonialidade, que ainda imperam com força nos contextos brasileiros, tendo como espinha dorsal as questões raciais contemporâneas."[115] De fato, num primeiro momento, Mbembe foca suas análises acerca do poder de matar no contexto da empresa colonial fundada na escravidão como força de trabalho reduzida ao estatuto de coisa negociável e descartável, o que pressupõe enquadrar a vida do escravo nos marcos do terror e da morte: "Qualquer relato histórico do surgimento do terror moderno precisa tratar da escravidão, que pode ser considerada uma das primeiras manifestações da experimentação biopolítica."[116] Essa citação mostra certa ambiguidade em seu pensamento: por um lado, parece que a noção de necropolítica destina-se a pensar os efeitos de violência da biopolítica, tal como anunciados por Foucault já no âmbito histórico do processo de colonização do Novo Mundo, associados à escravização de populações nativas e africanas.[117] Por outro lado, porém, na conclusão do ensaio o próprio Mbembe procura demarcar a distinção entre a biopolítica de Foucault e a necropolítica, como veremos.

Por um lado, ao empregar as categorias de Foucault, Arendt, Agamben e Schmitt para pensar a empresa colonial, Mbembe deixar de discutir aspectos importantes relativos à própria natureza do racismo, que não se manifestou nos séculos XVI e XVII

115. Lima, Fátima. "Bionecropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe. In *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Rio de Janeiro, 70: 20-33, 2018, p. 20.

116. Cf. Mbembe, *Necropolítica*, *op. cit.*, p. 27.

117. Mbembe desenvolve sua reflexão sobre o processo e os efeitos de longa duração do processo de colonização ao explorar e aprofundar uma breve sugestão de Foucault, contida na aula de 17 de março de 1976 do curso *Em defesa da sociedade*: "O racismo vai se desenvolver *primo* com a colonização, ou seja, com o genocídio colonizador." Cf. Foucault, *Em defesa da sociedade*, *op. cit.*, p. 307. Agradeço a Benjamim Brum Neto por me recordar dessa passagem.

pandemia e pandemonio livro.indd 97 13/08/2020 18:30:28

segundo os mesmos termos em que passou a se manifestar na passagem do século XVIII para o XIX e, ainda mais, ao longo do século XX e mesmo no século XXI: há certamente diferenças importantes entre a construção teológica, a construção histórica e a construção biológica do racismo.[118] Por outro lado, é inegável o ganho teórico aportado pela aplicação de teorizações e conceitos de pensadores contemporâneos para pensar e repensar as implicações de longa duração do processo de escravização colonial. Em análises perspicazes, Mbembe se vale de Agamben e de Arendt para refletir sobre o sistema da *plantation* como encarnação por excelência do "estado de exceção", no qual a "humanidade do escravo aparece como uma sombra personificada", isto é, como o resultado de um longo e doloroso processo, por meio do qual se opera uma "tripla perda: perda de um 'lar', perda de direitos sobre seu corpo e perda de estatuto político."[119] A vida do escravo somente assume valor na medida em que é propriedade, coisa possuída por outrem mediante o pagamento de certo preço, de maneira que, ao final das contas, tal vida se reduz à "forma de morte-em-vida".[120] Para o autor, o regime colonial é a perfeita figuração das situações políticas definidas pelo estado de exceção e pelo estado de sítio, onde o terror desatrelado da lei impõe sua vigência, tendo a raça e o racismo como seus pontos de apoio essenciais. Mbembe também se vale das análises de Arendt acerca do imperialismo colonial dos finais do século XIX e início do XX, entendido como "síntese entre massacre e burocracia, essa encarnação da racionalidade ocidental."[121] A partir dessas considerações, ele propôs a formulação exemplar segundo a qual

> as colônias são zonas em que guerra e desordem, figuras internas e externas da política, ficam lado a lado ou se alternam. Como tal, as colônias são o local por excelência em que os controles e as garantias podem ser suspensos (...). O fato de

118. Agradeço às observações precisas de Daniel Verginelli Galantin a esse respeito.

119. Cf. Mbembe, *Necropolítica, op. cit.*, p. 27.

120. Cf. Mbembe, *Necropolítica, op. cit.*, p. 29.

121. Cf. Mbembe, *Necropolítica, op. cit.*, p. 32.

pandemia e pandemonio livro.indd 98 13/08/2020 18:30:28

> que as colônias podem ser governadas na ausência absoluta de lei provém da negação racial de qualquer vínculo comum entre o conquistador e o nativo.[122]

Daí porque, como também já observara Hannah Arendt, nas colônias o senhor pode matar a seu bel-prazer, pois não aniquila um ser humano, mas sim, apenas mais uma parte da natureza selvagem, destinada a ser civilizada ou exterminada. Consequentemente, no contexto colonial "a distinção entre guerra e paz não é pertinente. As guerras coloniais são concebidas como expressão de uma hostilidade absoluta que coloca o conquistador face a um inimigo absoluto."[123] Em contextos de soberania tóxica e letal, a noção de "inimigo", sobretudo em seu caráter "ficcional", se torna decisiva.[124] Tal noção acerca do inimigo como figura central para a ativação dos procedimentos de aniquilação de vidas e corpos está associada à concepção foucaultiana acerca da clivagem que distingue e hierarquiza os vivos e os mortos com base no racismo: "A raça foi a sombra sempre presente no pensamento e na prática das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros – ou a dominação a ser exercida sobre eles."[125]

Outro aspecto interessante das análises de Mbembe é que elas não dizem respeito apenas ao passado colonial, mas iluminam nosso próprio tempo, particularmente nos contextos pós-coloniais, neocoloniais, nas franjas do capitalismo e nas periferias dos grandes centros urbanos, regiões que continuam semelhantes ao modelo espacial da "cidade do colonizado" descrita por Fanon, aquele lugar "'sem espaço'" onde os "'homens vivem uns sobre os outros'."[126] Para o autor, "a forma mais bem-sucedida de necropoder é a ocupação colonial contemporânea da Palestina,"[127] pois ali se encadeiam

122. Cf. Mbembe, *Necropolítica*, *op. cit.*, p. 35.
123. Cf. Mbembe, *Necropolítica*, *op. cit.*, p. 37.
124. Cf. Mbembe, *Necropolítica*, *op. cit.*, p. 17.
125. Cf. Mbembe, *Necropolítica*, *op. cit.*, p. 18.
126. Cf. Mbembe, *Necropolítica*, *op. cit.*, p. 41.
127. Idem.

pandemia e pandemonio livro.indd 99 13/08/2020 18:30:28

várias modalidades distintas de poder: "disciplinar, biopolítico, necropolítico. A combinação dos três possibilita ao poder colonial a dominação absoluta sobre o território ocupado."[128] Um último aspecto a ser mencionado é o fato de que a necropolítica requer a constituição de máquinas estatais e paraestatais, preparadas para sustentar uma guerra contínua, mesmo que não declarada, contra inimigos internos e externos à comunidade, sejam eles quem forem: "Milícias urbanas, exércitos privados, exércitos de senhores regionais, segurança privada e exército de Estado proclamam, todos, o direito de exercer violência ou matar."[129] Isto significa que, sob um regime necropolítico, a vida é vivida em meio à dor, ao sofrimento e aos excessos e abusos do poder.

***

Vimos anteriormente que as estratégias biopolíticas de governamento da vida da população trazem consigo efeitos colaterais de exclusão e morte de determinadas parcelas da população. Como notamos, Foucault não deixou de observar que não haveria contradição entre o poder de gerência e incremento da vida e o poder de matar aos milhões para garantir as melhores condições vitais para certa parcela da população. Em suma, Foucault não deixou de observar que, a partir do momento em que o estado buscou fazer viver, as guerras se tornaram mais sangrentas e os genocídios e holocaustos se multiplicaram, dentro e fora da nação.[130] Contudo, também argumentei que o exercício de relações de poder visando a governar a vida da população não apresentaria sempre os mesmos efeitos de exclusão e violência, havendo certa dependência quanto ao tipo de regime político responsável por sua implementação.

Ora, à luz dessas considerações anteriores cabe observar que, quando se fala em necropolítica, o acento já se deslocou da gestão da vida para o plano da produção calculada da morte. Deste modo, cabe concordar com Mbembe quando ele afirma

128. Cf. Mbembe, *Necropolítica*, *op. cit.*, p. 48.

129. Cf. Mbembe, *Necropolítica*, *op. cit.*, p. 53.

130. Cf. Foucault, *História da Sexualidade*, *op.cit.*, p. 129.

pandemia e pandemonio livro.indd 100 13/08/2020 18:30:28

que "a noção de biopoder é insuficiente para dar conta das formas contemporâneas da submissão da vida ao poder da morte."[131] Segundo o camaronês, as noções de necropolítica e de necropoder se destinam justamente a "dar conta das várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, as armas de fogo são dispostas com o objetivo de provocar a destruição máxima de pessoas e criar 'mundos de morte', formas únicas e novas de existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o estatuto de 'mortos-vivos'."[132]

Em outros termos, sob a necropolítica já não se trataria mais de considerar os potenciais efeitos violentos ou letais implicados na majoração das forças vitais de uma parcela da população, mas de pensar que a própria garantia das condições e padrões de vida de uma parcela ínfima da população exige, requer, demanda, impõe e depende do sofrimento e da morte de gigantescas parcelas da população. Um regime necropolítico predefine quais parcelas da população tornam-se *a priori* privadas das condições necessárias para viver sua vida de maneira digna. Por isto, sob um regime necropolítico tais mortes não merecem sequer luto e consideração: são estatísticas e nada mais, são mortes desprovidas de significação simbólica, não estão destinadas ao pesar. ("E daí?", disse o presidente.) Em outras palavras, a necropolítica não pode ser pensada como um mecanismo de gestão da vida, pois ela somente se exerce por meio da produção da violência e da morte, a tal ponto que a morte e o sofrimento tornam-se indissociáveis dos benefícios que possam ser auferidos à vida de minúsculas parcelas da população. Portanto, sob a necropolítica a garantia da vida de uns poucos depende intrinsecamente da exploração, descarte e eliminação da vida de milhares de outros.

De certo modo, isto já era evidente na associação de Mbembe entre necropolítica e escravidão, aspecto que demarca sua distinção para com as diferentes figuras biopolíticas de gestão da vida das populações. Por este motivo, considero que a noção de "bionecro-

131. Cf. Mbembe, *Necropolítica, op. cit.*, p. 71.

132. Idem.

pandemia e pandemonio livro.indd 101 13/08/2020 18:30:28

política", proposta por Fátima Lima[133] e por Sílvio Gallo[134], pode nos levar a confundir regimes de poder distintos, fundindo-os em uma única figura conceitual. Contudo, se biopolítica e necropolítica não são tecnologias de poder exatamente iguais, a despeito de sua íntima proximidade – ambas têm no racismo a justificativa de seu exercício – tampouco se deve pensar que ali onde vige a biopolítica a necropolítica se encontre ausente ou vice-versa. Afinal, não é porque as lógicas da biopolítica e da necropolítica se distinguem quanto aos seus propósitos, que elas se tornam incompatíveis entre si, da mesma forma como os mecanismos distintos de exercício do poder soberano, do poder disciplinar, do neoliberalismo e da biopolítica tampouco se excluem ou se sucedem historicamente entre si.[135] Desta maneira, faz sentido pensar a necropolítica como "conceito intercessor"[136], isto é, como passível de se acoplar com o conceito de biopolítica, de sorte que a "bionecropolítica" seja entendida enquanto um "operador" que permita entender a convergência entre necropolítica e biopolítica, mas não como descrição conceitual de uma tecnologia específica e unitária.[137] Uma coisa ao menos me parece evidente: a noção

133. Lima, Fátima. "Bionecropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe", *op. cit.*

134. Veja-se a palestra de Gallo para o blog Soma Libertária: "Fascismo e bionecropolítica na pandemia". Veja-se https://www.youtube.com/watch?v=ameViPfVMTU. Acessado em 25 de maio de 2020.

135. Cf. Duarte, André. "Biopolítica e Soberania em Foucault: uma resposta às críticas de Agamben e Esposito." In: Guilherme Castelo Branco; Helton Adverse. (Org.). *Clássicos e Contemporâneos em Filosofia Política*. Rio de Janeiro: Relicário, 2015; "Poder soberano, terrorismo de Estado e biopolítica: fronteiras cinzentas." In: Guilherme Castelo Branco. (Org.). *Terrorismo de Estado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013; Yazbek, André Constantino. "Soberania e biopolítica: dos nexos entre poder soberano e biopoder no pensamento político de Michel Foucault e de seus usos na atualidade." In: *Revista de Filosofia AURORA*, vol. 31, n. 52, p. 118-140, jan./abr. 2019, p. 137.

136. Lima, Fátima. "Bionecropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe", *op.cit.*, p. 22.

137. Agradeço a Isabela Bueno por me disponibilizar um texto

pandemia e pandemonio livro.indd 102 13/08/2020 18:30:28

de necropolítica de Achille Mbembe mostra-se mais do que adequada para pensar o Brasil contemporâneo, seja no período pré-pandemia quanto, e, sobretudo, durante a pandemia.

ainda inédito, já aprovado para publicação pela revista *Kinesis*, em que a noção de bionecropolítica é empregada como conceito operador, visando a elucidar a convergência entre ambas as tecnologias de poder.

pandemia e pandemonio livro.indd 103 13/08/2020 18:30:28

A pandemia e o pandemônio político brasileiro

pandemia e pandemonio livro.indd 105 13/08/2020 18:30:29

Na quase totalidade do mundo vimos como sempre foi e continua sendo mais do que dramática a disputa entre salvar vidas ou salvar a economia, Portugal, Argentina e Nova Zelândia, dentre alguns outros países governados por mulheres, sendo as notáveis exceções.[138] Na Itália, na França, na Espanha, mas sobretudo na Inglaterra e nos Estados Unidos, a disputa segue palmo a palmo entre as medidas de proteção da vida e as fortes pressões econômicas visando ao rápido retorno à antiga normalidade. Já durante os meses de fevereiro e março pudemos ver o que aconteceu naqueles países que demoraram a agir organizadamente para deter os efeitos da pandemia, assim como os terríveis efeitos dessa demora: a cada dia acompanhamos pela televisão as cenas dantescas no interior dos hospitais, as ruas desertas, a comoção diante do sofrimento, a impossibilidade de velar os mortos etc. Em diversos países a disputa contra a morte continua aguerrida, mas parece estar sendo vencida com a adoção por parte dos governantes das orientações científicas propostas pela Organização Mundial da Saúde: quarentena, distanciamento social, testagem em massa, medidas sanitárias básicas, uso de máscaras, até mesmo o drástico *lockdown*. Em cada país que relaxa apressadamente algumas daquelas medidas sanitárias temos visto o aumento do número de contaminações e de mortes.

A pandemia chegou ao Brasil em um período relativamente tardio, quando já se sabia o que aconteceria ao país caso medidas sanitárias e econômicas emergenciais não fossem rapidamente adotadas. Inicialmente, alguns prefeitos e governadores assumiram medidas sanitárias preventivas; isso aconteceu a partir da segunda metade do mês de março de 2020. Desde o princípio, contudo, aquela tomada de posição em defesa da vida da população foi entendida pelo presidente da república como uma afronta política que visava a destruir a economia do país e, assim, dar cabo dos seus planos políticos de reeleição em 2022: "Brevemente o povo saberá que foi enganado por esses governadores e por grande parte da mídia nessa questão do coronavírus. (...) Espero que

138. Veja-se matéria da BBC News disponível em https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52376867. Consultado em 19.06.20.

pandemia e pandemonio livro.indd 106 13/08/2020 18:30:29

não venham me culpar lá na frente pela quantidade de milhões e milhões de desempregados na minha pessoa." (22.03.20)

Esse conflito entre a vida ou o bolso, que em determinado momento assumiu entre nós a oposição caricata entre salvar a vida do CPF ou a vida do CNPJ (é sempre reconfortante substituir as pessoas por siglas), estendeu-se até o ponto em que as mortes começaram a se acelerar em progressão exponencial, em função de um relaxamento do isolamento social malfeito e não planejado cientificamente.[139] Em suma, quando mais se esperava que todas as autoridades do país pusessem em prática políticas públicas orientadas cientificamente e coordenadas nacionalmente para conter os horrores já testemunhados em outros países, compreendemos que a pandemia e o pandemônio político já haviam se entrelaçado no Brasil. O Ministério da Saúde não se esforçou para coordenar as ações das Secretarias Estaduais e Municipais e o próprio presidente jamais se comprometeu em dar qualquer bom exemplo de responsabilidade sanitária, antes pelo contrário: promoveu aglomerações, cumprimentou apoiadores, receitou remédios milagrosos, não usou máscara, recusou-se inicialmente a mostrar os resultados de seus testes para a Covid-19, demitiu um ministro da Saúde e viu seu sucessor abandonar o cargo pouco depois, bem como instalou no cargo vago um militar sem qualquer formação nas ciências da saúde, e este, por sua vez, loteou diversos outros cargos do Ministério entre militares que também não tinham qualquer formação na área.

O resultado dessa inépcia planejada é o de que até o final do mês de junho de 2020 já haviam morrido mais de 55 mil brasileiros. País algum passou por um período tão prolongado de quarentena, mas, como ela jamais foi posta em prática de maneira

139. Matéria do jornal O Globo de 06.06.20, com epidemiologistas, tem como título "População foi liberada para ir ao abatedouro, diz integrante do portal Covid-19 sobre redução do isolamento." https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/populacao-foi-liberada-para-ir-ao-abatedouro-diz-integrante-do-portal-covid-19-brasil-sobre-reducao-do-distanciamento-24459467?versao=amp&__twitter_impression=true Consultada em 10.06.20

pandemia e pandemonio livro.indd 107 13/08/2020 18:30:29

eficaz e planejada, tampouco impediu a aceleração do ritmo das contaminações e das mortes. Ninguém sabe até onde irá o descalabro, mas estimativas matemáticas bem fundadas fazem projeções desastrosas e sugerem que o Brasil pode mesmo vir a ultrapassar o recorde atual de mais de 120 mil mortes pela Covid-19, ainda nas mãos dos Estados Unidos de Donald Trump, ídolo maior de Jair Bolsonaro. E, note-se bem, até mesmo nos Estados Unidos, com todo o negacionismo de Trump, houve maior preocupação em coordenar ações cientificamente orientadas, ao passo em que no Brasil as autoridades simplesmente fecharam os olhos para a pilha de cadáveres que cotidianamente se amontoam nas câmaras frigoríficas instaladas junto aos hospitais.

Chego, então, àquilo que cumpre ser pensado: a atitude descomprometida de diversas autoridades públicas para com a vida em geral e, sobretudo, para com o sofrimento e morte dos nossos concidadãos, já submetidos a longos processos históricos de vulneração. Concidadãos? Somos de fato um país de cidadãos? Não é o que parece, a julgar pelo rosário de afirmações inacreditáveis do presidente. Prestemos atenção no que disse a mais importante autoridade política do país durante os primeiros meses da pandemia. Quando as mortes pelo vírus começaram a acontecer, ele se pronunciou sobre a "histeria" (16.03.20) em torno de uma suposta "gripezinha" (20.03.20). Quando as cifras de mortes oficialmente notificadas (descontando-se a gigantesca subnotificação por falta de testagem massiva) começavam a se tornar assustadoras, o presidente disse que não falaria mais no assunto: "não sou coveiro, tá?" (20.04.20). Durante a infame reunião ministerial que veio a público na íntegra, ficamos sabemos que ao primeiro mandatário do país mais incomodava a abertura de covas rasas do que as centenas de mortos que elas tentavam canhestramente acondicionar: "O que esses caras fizeram com o vírus, esse bosta desse governador de São Paulo, esse estrume do Rio de Janeiro, entre outros, é exatamente isso. Aproveitaram o vírus, tá um bosta de um prefeito lá de Manaus agora, abrindo covas coletivas." (22.04.20) Quando as mortes já ultrapassavam a marca das mais de 5 mil, veio a célebre e desdenhosa afirmação:

pandemia e pandemonio livro.indd 108 13/08/2020 18:30:29

"E daí? Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre." (28.04.20) E quando já havíamos ultrapassado a marca dos 30 mil mortos, uma apoiadora lhe pediu que se pronunciasse sobre o sofrimento das famílias e a resposta foi a seguinte: "A gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo". (1.06.20) Finalmente, quando o país já superara a cifra das 35 mil mortes, decidiu-se que o Ministério da Saúde mudaria o protocolo de contagem dos óbitos de maneira a maquiar dados desconfortáveis, decisão prontamente anulada pelo STF. E o ritmo dos absurdos prosseguiu em ritmo estonteante: na tarde do dia 11.06.20, o presidente voltou a duvidar do número de mortos pela Covid-19 e incitou a população a "dar um jeito" de entrar nos hospitais para filmar a realidade ali dentro. No dia seguinte, seis pessoas invadiram um hospital de referência no tratamento da doença na cidade do Rio de Janeiro e promoveram depredações e gritaria. Enquanto isso, no final de junho de 2020, a vizinha Argentina ainda não chegara à marca dos mil e quinhentos mortos, mas as medidas preventivas persistiam em vigor e até mesmo voltavam a se intensificar.

Se é certo que no mundo todo as pressões econômicas levaram a um aumento mais do que considerável do número de mortes, como compreender o tamanho descaso das autoridades brasileiras diante da explosão diária dos casos de contaminação e morte pelo novo vírus? Tudo se passa entre nós como se não houvesse o que fazer, como se não houvesse alternativas políticas, sanitárias, econômicas: eis o sentido desse descaso planejado, muito significativo quanto ao modo como se valoram a vida e a morte no Brasil. Se ações, omissões e discursos como os acima mencionados puderam ser pronunciados pela máxima autoridade política do país, sem maiores consequências, certamente cabe refletir com urgência sobre esse problema.

***

Para elucidar a situação crítica e caótica que a pandemia escancarou entre nós, Vladimir Safatle se valeu da noção de "Estado suicidário", definindo-o como o "novo estágio nos

pandemia e pandemonio livro.indd 109 13/08/2020 18:30:29

modelos de gestão imanentes ao neoliberalismo."[140] Para Safatle, seria um engano considerar que se trate apenas da "já tradicional figura do necroestado nacional," pois já estaríamos muito além da "temática necropolítica do estado como gestor da morte e do desaparecimento." Para ele, o que a pandemia nos revelou acerca do atual estado de coisas sob o governo Bolsonaro é a figura do Estado como "o ator contínuo de sua própria catástrofe," como "cultivador de sua própria explosão. Para ser mais preciso, ele é a mistura da administração da morte de setores de sua própria população e do flerte contínuo e arriscado com sua própria destruição." Para Safatle, portanto, o governo Bolsonaro orienta-se pelo desejo de destruição, donde as ações e omissões que têm generalizado a morte da população até o estágio do genocídio, temática geral com a qual estou de acordo, embora não pelos mesmos motivos e argumentos, como veremos. De todo modo, seu ensaio está repleto de excelentes *insights* para pensar a conjuntura nacional sob a pandemia. Inspirando-se em Mbembe, Safatle argumenta que a pandemia evidenciou o fato de vivermos uma curiosa mistura de "capitalismo e escravidão", nossa elite econômica sendo composta por "senhores de escravos que aprenderam a falar business english". Donde a conclusão de que, entre nós, "o engenho não pode parar," pois, "pior que o medo da pandemia deve ser o medo do desemprego". Essa mistura entre capitalismo e escravidão é parte constitutiva da história nacional, a novidade sendo que, agora, essa lógica genocida passou a ser "aplicada a toda a população", que se viu reduzida ao estatuto de "suprimento descartável para que o processo de acumulação e concentração não pare sob hipótese alguma."

Em meio a tantas considerações esclarecedoras, o aspecto que me parece problemático em sua reflexão diz respeito à ideia central do ensaio, segundo a qual o governo Bolsonaro estaria destinado a produzir sua própria destruição e a destruição do Estado e do país como um todo, a exemplo do que Safatle sugere

140. Veja-se Safatle, Vladimir. *"Bem vindo ao Estado suicidário.* In *Pandemia Crítica.* São Paulo, N-1, 2020. Disponível em https://n-1edicoes.org/004 Consultado em 10.06.2020. As citações que seguem se referem sempre a este texto de Safatle.

pandemia e pandemonio livro.indd 110 13/08/2020 18:30:29

ao estabelecer uma comparação com o famoso "telegrama 71", no qual Hitler comandara a destruição da Alemanha uma vez perdida a guerra, em 1945. A comparação induz a pensar que o governo Bolsonaro se alimenta de um impulso autodestrutivo beirando a megalomania patológica, o que não deixa de ser uma forma de associá-lo ao desvario. A perspectiva analítica de Safatle certamente não se reduz a esse aspecto, mas é certo que vários críticos têm insistido em ressaltar certos traços psíquicos de Jair Bolsonaro que remeteriam à psicopatia, à loucura, à burrice ou à vaidade desvairada. É muito possível que haja algum conteúdo de verdade nesses diagnósticos, mas o problema é que tais avaliações se concentram no indivíduo e deixam por pensar o caráter mais ou menos estruturado de suas ações, discursos e omissões políticas, este sendo o aspecto mais importante a ser investigado.[141]

De meu ponto de vista, o sonho de Bolsonaro não parece ser a destruição de tudo e de todos, a começar por si mesmo: alguém consegue imaginá-lo capaz de suicidar-se em um quarto do Palácio do Alvorada? Fiel à sua vocação autoritária, o sonho político de Bolsonaro seria a volta do regime militar em sua fase mais violenta. Entretanto, tudo leva a crer que ele não dispõe de condições para aplicar o 'autogolpe' – do contrário, já o teria imposto – e há mesmo que se considerar que o mundo contemporâneo talvez já não apresente condições geopolíticas para esse tipo de ruptura institucional violenta da democracia. Como observou Miguel Lago, "golpes de Estado não são mais dispositivos úteis para subverter as democracias liberais."[142] Na impossibilidade

141. Marcos Nobre observou que considerar Bolsonaro como louco ou ignorante não só nos desobriga de pensar a lógica política que estrutura suas ações, como também pode isentá-lo de ser responsabilizado por elas. Cf. *Ponto Final*. São Paulo: Todavia, 2020, p.6.

142. Cf. "Uma esfinge na Presidência." In *Revista Piauí*, ed. 163, abril de 2020. Disponível em https://piaui.folha.uol.com.br/materia/uma-esfinge-na-presidencia/ Consultado em 25.06.20. Segundo Lago, o presidente "apenas busca outro formato de democracia. Bolsonaro não precisa dar um golpe, porque pode fazer uma revolução autoritária" com base no ativismo digital de apoiadores fanatizados, já que temos o único

pandemia e pandemonio livro.indd 111 13/08/2020 18:30:29

de exterminar a democracia por completo, seu 'projeto' político – se é que se pode empregar tal termo nessas circunstâncias sem corrompê-lo definitivamente – é a guerra como tática cotidiana para criar condições que levem à constituição de uma democracia iliberal, no limite do autoritarismo, ou uma democracia imunitária, produtora de exclusões e depurações sistemáticas contra supostos inimigos.[143] Ou seja, seu plano político é instituir entre nós uma democracia sem *demos*[144], destruindo-se o vínculo que une democracia e ação política organizada por parte daquelas parcelas da população comprometidas com os ideais democráticos, seja porque vincularam suas vidas a ele, seja porque suas próprias vidas dependem da preservação de políticas públicas orientadas por ideais democráticos que visam a garantir condições mais dignas para sua existência. Deste modo, se o governo Bolsonaro tem uma meta, ela não se orienta pelo projeto de um Estado suicidário, mas pela constituição de uma democracia de fachada, em que os interesses de seus familiares, os do grande capital rentista e os do agronegócio possam ser salvaguardados da crítica e do conflito. Se é certo que Bolsonaro aposta no caos e

---

presidente no mundo que decidiu governar apenas e tão somente recorrendo às redes sociais. A recente investida do STF contra o presidente, ao instaurar a investigação sobre as *fake news*, confirma aquela tese. No entanto, a recente barganha de Bolsonaro com o 'Centrão', a fim de se proteger de um possível *impeachment*, põe em questão o argumento central de Lago, de que Bolsonaro aposta no próprio impedimento como condição para manter sua base digital permanentemente mobilizada e encurralar definitivamente a democracia: "Com o impeachment, Bolsonaro coloca as instituições contra a parede e põe em marcha a revolução."

143. Donatella Di Cesare observou que a democracia imunitária opera segundo uma "dupla via", ou seja, "quanto mais se multiplicam os benefícios e garantias para quem está dentro, tanto mais cresce o abandono dos excluídos." Cf. "O vírus soberano". In *Revista Piauí*, n. 163, abril de 2020. Disponível em https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-virus-soberano/#_ftnref1 Consultado em 13.06.20.

144. Discuto a noção de democracia sem *demos* e o *demos* como instância de renovação da democracia no capítulo 7.

pandemia e pandemonio livro.indd 112 13/08/2020 18:30:29

na desordem, não teríamos aqui um fim destrutivo em si mesmo, pois, instaurado o caos, ele próprio pretenderá se apresentar como seu antídoto, isto é, como o salvador da ordem e da paz: essa é a lógica da milícia e do miliciano, que ele conhece tão bem e tão de perto. A despeito de seus movimentos táticos no sentido de distender a relação maximamente conflituosa com as instituições democráticas, sobretudo a partir de concessões feitas ao chamado 'Centrão' no Congresso Nacional, ainda assim a aposta antipolítica de Bolsonaro parece realmente ser a do tudo ou nada, sempre no limite do intolerável, sempre visando a descosturar o tecido e a operacionalidade das instituições democráticas, que ele submete continuamente a sessões de tortura.[145]

Dito isto, reforço que este ensaio não pretende analisar e esmiuçar cada detalhe dos movimentos mais do que erráticos do (des)governo Bolsonaro, nem tampouco propor uma análise política conjuntural, avaliando as correlações de força em jogo, mas sim propor um diagnóstico filosófico geral acerca da crise da democracia brasileira atual no marco do dispositivo de governamento da vida da população, que se opera entre nós a partir de estratégias biopolíticas, neoliberais e necropolíticas. Segundo tal perspectiva filosófico-política, cabe pensar o contexto geral em que

145. Avritzer definiu a antipolítica do governo Bolsonaro como "a reação à ideia de que instituições e representantes eleitos devem discutir, negociar e processar respostas a temas em debate no país. A antipolítica constitui uma negação de atributos como a negociação ou a coalizão. Ela se estabeleceu no Brasil a partir da suposta luta anticorrupção." Cf. *Política e antipolítica*, São Paulo: Todavia, 2020, p. 19. A definição é pertinente, ao mesmo tempo em que deixa de considerar os poderosos efeitos de esgarçamento institucional da democracia promovidos pelas ações, discursos e omissões do (des)governo Bolsonaro, os quais vão muito além da ideia de uma política sem negociação. O cientista político Miguel Lago propôs outra metáfora para descrever a relação de Bolsonaro com as instituições democráticas, para as quais ele "lança um enigma ... para ver se elas respondem. Se não o fizerem, serão devoradas." Cf. "Uma esfinge na Presidência." In *Revista Piauí*, ed. 163, abril de 2020. Disponível em https://piaui.folha.uol.com.br/materia/uma-esfinge-na-presidencia/ Consultado em 25.06.20.

pandemia e pandemonio livro.indd 113 13/08/2020 18:30:29

se processa essa guerra cotidiana contra a democracia e as instituições democráticas. O que pretendo é esboçar o enquadramento histórico de longa duração em que se enraíza a crise que agora ameaça corroer a democracia brasileira, assim como analisar tal crise levando em consideração os mecanismos de sua operacionalização pelos atos e palavras do (des)governo Bolsonaro aqui e agora.

Arrisco formular uma primeira hipótese, a fim de delinear o quadro histórico geral da crise contemporânea da democracia brasileira, escancarada com a inépcia governamental diante da pandemia: é possível que nossa longa tradição escravocrata tenha nos tornado um tanto insensíveis para a morte do outro, sobretudo quando se trata das populações negra e parda e todas as populações sujeitas a processos históricos de vulneração e precarização. Como o Brasil nunca passou por *uma* guerra, talvez por isso mesmo nunca nos tenhamos dado conta de que sempre vivemos *em* uma guerra permanente. Diversos dados mostram que o Brasil é o país onde mais se mata no mundo, com números de mortes superiores ao de países em guerra há anos.[146] Também é certo que essa altíssima taxa de mortalidade possui claros marcadores sociais: quem mais morre são os negros e pardos, as mulheres, a população LGBTI+.[147]

146. Veja-se a matéria https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/11/politica/1513002815_459310.html

147. Ainda que não haja dados oficiais, estimativas produzidas pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) dão conta da morte de uma pessoa LGBT por dia no país. Cf. https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/17/brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-23-horas-aponta-entidade-lgbt.ghtml Consultado em 19.06.20. Dados do Monitor da Violência dão conta de que em 2019 houve 3.739 homicídios dolosos de mulheres, sendo que, deste total, 1314 das mortes se deveram ao fato de as vítimas serem mulheres (feminicídio). Cf. https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/03/05/mesmo-com-queda-recorde-de-mortes-de-mulheres-brasil-tem-alta-no-numero-de-feminicidios-em-2019.ghtml Consultado em 19.06.20. Segundo dados do IBGE, a população negra corre 2.7 vezes mais risco de ser assassinada do que a população branca no Brasil. Entre 2012 e 2017, houve 255 mil mortes de negros no país. Cf. https://exame.com/brasil/ibge-populacao-negra-e-principal-vitima-de-homicidio-no-brasil/ Consultado

pandemia e pandemonio livro.indd 114 13/08/2020 18:30:29

De fato, é mais do que plausível considerar que a insensibilidade de nossos governantes e demais autoridades públicas diante da vida e da morte seja pré-covidiana e esteja conosco desde longa data. Achille Mbembe tem razão ao observar que uma das "particularidades" do sistema colonial e escravocrata é justamente a produção de efeitos perversos de longa duração, produzindo-se sofrimentos que não demandam nem "responsabilidade, nem solicitude, nem simpatia e frequentemente nem a piedade. Pelo contrário, tudo foi feito para diminuir a capacidade de alguém sofrer por causa do sofrimento (...), de ser afetado por ele."[148] Outro efeito de longa duração do sistema colonial escravocrata diz respeito ao fato de que as parcelas da população destinadas à suprema exploração e matabilidade nem sequer sejam reconhecidas como parte de uma 'mesma' população: ainda que sejam nacionais, são vistos e percebidos como se fossem estranhos, são os outros, são aqueles aos quais se nega integralmente qualquer forma de reconhecimento. Segundo Mbembe,

> O poder necropolítico opera por uma espécie de reversão entre a vida e a morte, como se a vida fosse apenas o meio da morte. Ele sempre procura abolir a distinção entre meios e fins. É por essa razão que ele é indiferente aos sinais objetivos de crueldade. A seus olhos, o crime é uma parte fundamental da revelação e a morte de seus inimigos é, em princípio, desprovida de qualquer simbolismo. Não há nada trágico nessa morte. É por isso que o poder necropolítico pode multiplicá-la *ad infinitum*, seja em pequenas doses (modo celular e molecular), seja por estímulos espasmódicos – a estratégia dos 'pequenos massacres' ... de acordo com uma lógica implacável de separação, estrangulamento e vivissecção (...). Em grande parte o racismo é o motor do princípio necropolítico, pois é o nome da destruição organizada, o nome de uma economia sacrificial cuja operação requer a redução generalizada do preço de vida (...).[149]

em 20.06.20.

148. Cf. Mbembe, Achille. *Politiques de l'Inimitié*. Paris: Éditions de la Decouverte, 2016, p. 33.

149. Cf. Mbembe, *Politiques de l'Inimitié*, *op. cit.* pp. 157-158.

pandemia e pandemonio livro.indd 115 13/08/2020 18:30:29

Por certo, essa memória renitente das violências coloniais é importantíssima para compreendermos e caracterizarmos os discursos, as ações e as omissões de nossos governantes e autoridades frente à intensificação da pandemia, mas talvez nem mesmo esse elemento histórico de longa duração seja suficiente para compreendermos o absurdo que nos confronta agora. Afinal, estamos diante do processo de transformação do Brasil num gigantesco laboratório a céu aberto, no qual se testa a produção e a banalização constantes da morte, sem que nem mesmo reste espaço para o luto por essas perdas que se acumulam e que não parecem chocar as autoridades do país. Cifras de mortos que seriam consideradas intoleráveis na imensa maioria dos países parecem aceitáveis no Brasil. Como pensar esse fenômeno mais profundamente, do ponto de vista de sua operacionalização cotidiana?

Para avançar um pouco mais sobre esse terreno, considero necessário formular outra hipótese para tentar explicar o que nos está acontecendo enquanto população e enquanto país. Creio que o (des)governo Bolsonaro e a crise da democracia brasileira que ele produz e agrava cotidianamente devem ser analisados levando-se em conta o complexo dispositivo de governamento da vida da população, no qual se encontram articuladas estratégias governamentais distintas, mas complementares entre si, passíveis de descrição com as noções de biopolítica, neoliberalismo e necropolítica. Desde o *impeachment* de Dilma Roussef em 2016, até o fim do primeiro ano do mandato presidencial de Jair Bolsonaro, em 2019, já era notável como haviam se agravado os efeitos agressivos e imunitários inerentes ao dispositivo de poder pelo qual se opera entre nós a gestão da vida e a produção da morte da população. No entanto, ao dar-se o mau-encontro com a pandemia do novo Coronavírus, ocorreu um importante deslocamento no interior daquele dispositivo de poder, pois agora, ao que tudo indica, é o vetor necropolítico que assume precedência sobre as demais estratégias de governamento, acentuando-se ainda mais os efeitos letais inerentes à biopolítica e ao neoliberalismo, até o ponto em que se abriram as portas do inferno e chegamos à

pandemia e pandemonio livro.indd 116 13/08/2020 18:30:29

produção governamental da morte em escala de massas. Ainda não é possível saber de quantas maneiras esse mau-encontro afetará a dinâmica institucional já crítica de nossa democracia. Não sabemos se ele acentuará essa crise até o ponto da desfiguração de nossa democracia, ou se, por outro lado, a própria incapacidade de administrar e combater essa pandemia não antecipará a crise do projeto político de Bolsonaro, inviabilizando seu intento de instauração de uma democracia sem *demos*. Por ora, importa manter a atenção fincada no presente e refinar as análises acerca do *modus operandi* da antipolítica do (des)governo Bolsonaro diante da pandemia. Importa chamar a atenção para suas ações, discursos e omissões, os quais tornaram toda a população brasileira potencialmente matável, segundo o lema macabro do fazer morrer e do deixar morrer. A hipótese defendida aqui, portanto, é a de que o descalabro governamental de Jair Bolsonaro diante da pandemia tem de ser referido ao marco da necropolítica como instância organizadora das estratégias biopolíticas imunitárias e do neoliberalismo desabrido que ele pretende instalar no país. Em uma palavra, a ideia é a de que, sob o império da pandemia, a necropolítica tornou-se a dinâmica governamental predominante, implementando-se a partir da acentuação dos efeitos de morte já intrínsecos à biopolítica e ao neoliberalismo.

Fazer morrer: isso se dá não apenas segundo o modelo pensado por Mbembe, isto é, a partir da constituição de uma máquina (estatal ou paraestatal) de guerra visando a multiplicar as mortes por meio de atos violentos deliberados, como, por exemplo, nas ações policiais nas favelas do Rio de Janeiro, felizmente proibidas pelo STF durante a pandemia. Trata-se também, e sobretudo, de fazer morrer por meio de ações, discursos e omissões governamentais que, indiretamente, acabam levando à produção da morte em massa, ocasionada por um misto de incompetência e descaso planejado para com a vida da população, sobretudo a população mais sujeita a processos históricos de vulneração. "Quer que eu faça o quê?", perguntou aquele que deveria saber o que fazer num momento dramático como o que agora vivemos.

pandemia e pandemonio livro.indd 117 13/08/2020 18:30:29

Desde o princípio da pandemia o presidente também foi muito explícito ao afirmar e reafirmar a precedência das atividades econômicas sobre a vida da população, supondo que seria possível preservar a 'vida' da economia expondo milhares de trabalhadores e consumidores ao risco da contaminação e da morte. Infenso ao absurdo de sua estratégia, mas confiante na sua suposta eficácia política, o presidente disse com toda clareza que os pobres precisavam sair às ruas para trabalhar e ganhar seu sustento, deixando implícito que o estado brasileiro pouco ou quase nada faria por eles: "Vai condenar esse cara a ficar dentro de casa? Ficar dentro de casa? Ele não tem poupança, não tem renda. A geladeira, se tiver, já acabou a comida, pô. Tem que trabalhar, tem que sustentar a família, cuidar dos filhos." (29.03.20) Vemos aqui de que maneira a estratégia neoliberal de responsabilização do indivíduo por sua própria sorte vê-se agora subordinada à lógica necropolítica da exposição à morte. Essa associação letal só reforça o sentimento já bem enraizado entre nós de que cada um precisa cuidar da própria vida, sendo impensável e inconcebível imaginar que o Estado possa ou mesmo deva se encarregar de desenhar políticas públicas visando a proteger e incentivar a vida da população. Recordemos que o auxílio emergencial foi arrancado ao (des)governo pelo Congresso Nacional mediante forte apelo popular, e que seu valor somente foi aumentado de 200 reais para 600 reais no mesmo contexto de indignação pela inação de Bolsonaro diante da pandemia. De fato, trata-se de jogar com o comportamento da população: entre a incerteza quanto à contaminação e quanto à evolução da doença em cada um, e a certeza de que o auxílio ou chegará tarde demais, ou sequer chegará, à população mais pobre não restam dúvidas quanto à única opção disponível: sair às ruas para ganhar o pão de cada dia. Com isso vai se naturalizando a ausência de alternativas em termos de política econômica, que deixa de ser uma opção política para se transformar numa fatalidade incontornável. Segundo Rodrigo Nunes, "a renda básica emergencial, da qual Bolsonaro tenta extrair lucro político mesmo enquanto planeja eliminá-la, só saiu sob pressão social. Também por isso o governo sabotou ativamente o combate à Covid-19

pandemia e pandemonio livro.indd 118 13/08/2020 18:30:29

desde o início. O objetivo sempre foi criar as condições em que a escolha entre a economia e a vida parecesse natural e inevitável."[150]

Fazer morrer: com seus discursos atrapalhados, mas absolutamente eficazes para manter aceso o maçarico da base fanatizada de apoiadores, e para deixar ainda mais confusa boa parte da população, o presidente declarou que não deveria haver isolamento social, mas apenas vertical, de modo que apenas os mais velhos e os portadores de outras doenças crônicas deixassem de levar vida normal, resguardando-se, ao passo em que todos os demais deveriam sair de casa para trabalhar. Seu pressuposto era o de que somente quando 70% da população já tivesse sido contaminada a pandemia perderia sua força no país.[151] Pouco importa, pelo visto, que os idosos e demais membros familiares que pertençam a grupos de risco venham a se contaminar e a morrer em decorrência do contato com os membros da família que saíram às ruas para trabalhar ou para se divertir. Pouco importa que os efeitos da estratégia de imunidade de rebanho à brasileira sejam a contaminação instantânea de milhões de pessoas ao mesmo tempo, aumentando-se, assim, os riscos de morte para milhares de brasileiros. Se morrerem, talvez seja porque já não fossem suficientemente saudáveis para sobreviver e produzir, contribuindo para o futuro da nação. Houve até mesmo o rumor sobre discursos de assessores econômicos do Ministério da Economia, prevendo que a morte de idosos teria impacto positivo sobre a Previdência Social. Em meio ao caos e à desorganização generalizada, o presidente também prescreveu e gastou milhões

150. Cf. Nunes, Rodrigo. "Necropolítica de Bolsonaro aponta para futuro distópico." Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/06/vidas-de-negros-e-pobres-se-tornam-descartaveis-na-pandemia-afirma-professor.shtml Consultado em 22.06.20. Agradeço a meu pai, Paulo de Tarso Barbosa Duarte, por chamar minha atenção para esse interessante artigo.

151. Notícia do Correio Braziliense do dia 18.04.20 informa que o presidente afirmou que 70% do país vai se contaminar e que não há o que fazer, ninguém pode se "acovardar." Cf. https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/04/18/interna_politica,845999/70-da-populacao-vai-ser-contaminada-diz-bolsonaro-a-apoiadores.shtml

pandemia e pandemonio livro.indd 119 13/08/2020 18:30:29

para fabricar Cloroquina e Hidroxicloroquina nos laboratórios do Exército, bem como aceitou doações de milhões de drágeas desses remédios vindos dos Estados Unidos, mesmo que não haja qualquer comprovação científica de que eles possam ser eficazes contra a infecção pelo novo vírus.[152] Antes pelo contrário, já que apresentam efeitos colaterais que podem mesmo levar à morte os pacientes já debilitados pela Covid-19, pois provocam efeitos colaterais como arritmias e aceleração dos batimentos cardíacos.

Trata-se também de fazer morrer quando o presidente veta trechos da lei destinada a proteger as populações indígenas, quilombolas e tradicionais no contexto da pandemia, tais como os que previam acesso universal à água potável por parte de comunidades indígenas; distribuição gratuita de materiais de higiene, limpeza e desinfecção de superfícies; oferta de leitos emergenciais em hospitais e em UTIs, bem como aquisição de aparelhagem para tratamento de enfermos graves; colocação de pontos de internet e distribuição de material informativo nas aldeias. Também foram vetados mecanismos para facilitar o acesso ao auxílio emergencial por parte de indígenas, quilombolas e demais populações tradicionais e ribeirinhas. [153]Considere-se ainda o veto à obrigatoriedade do uso de máscaras nas prisões, estabelecimentos sócio-educativos e demais estabelecimentos fechados onde haja reunião de pessoas. Fazer morrer, por fim: mesmo alertado por comissão especial da necessidade de reforçar medidas de isolamento social, o ministro interino da saúde transferiu a responsabilidade pela garantia dessas medidas

152. Notícia de 14.04.20 da Folha de São Paulo informa que o governo produziu 22 milhões de comprimidos a mando de Bolsonaro. Cf. https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2020/04/a-pedido-de-bolsonaro-exercito-ja-produziu-22-milhoes-de-comprimidos-de-cloroquina.shtml Notícia do dia 31.05.20 publicada no jornal O Globo informa que os EUA doarão 2 milhões de comprimidos ao Brasil. Cf. https://oglobo.globo.com/sociedade/estados-unidos-anunciam-envio-de-2-milhoes-de-doses-de-cloroquina-para-brasil-24455665 Consultado em 28.06.20.

153. Cf Notícia do Correio Braziliense do dia 08/07/2020, disponível em https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/07/08/interna_politica,870438/covid-19-bolsonaro-veta-trechos-de-lei-sobre-medidas-de-protecao-a-in.shtml.

pandemia e pandemonio livro.indd 120 13/08/2020 18:30:29

para autoridades estaduais e sugeriu retorno ao convívio social, como forma de aliviar as tensões mentais decorrentes da pandemia e do próprio isolamento[154]. A mensagem é clara: há populações que podem ser expostas ao contágio, à contaminação e à morte.

Mas também se trata de deixar morrer, de abandonar, de deixar ao acaso e à sorte: a ajuda econômica ou demora muito a chegar, ou sequer chega a quem mais dela precisa. Ao mesmo tempo, dada a ineficiência do sistema, milhares de indivíduos que não precisavam daquela ajuda dela se beneficiaram.[155] Uma vez mais a necropolítica sobredeterminou o neoliberalismo à brasileira, como se faz evidente na afirmação do Ministro da Economia, Paulo Guedes: "Se falarmos que vai ter mais três meses, mais três meses, mais três meses, aí ninguém trabalha. Ninguém sai de casa e o isolamento vai ser de oito anos, porque a vida está boa, está tudo tranquilo." (19.05.20) O comentário de Rodrigo Nunes é novamente esclarecedor a esse respeito: "se a gravidade do que está ocorrendo chama menos a atenção do que deveria é também porque a ideia de que devemos sofrer pela economia já está amplamente naturalizada."[156] Dentre os abandonados pelo

154. Cf. Notícia do Portal G1 do dia 20.07.20, disponível em https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/07/23/comite-do-ministerio-alertou-pazuello-que-sem-isolamento-pais-poderia-levar-ate-2-anos-para-controlar-a-pandemia.ghtml. A matéria cita um trecho de documento assinado pelo ministro: "retomar as atividades e o convívio social são também fatores de promoção da saúde mental das pessoas, uma vez que o confinamento, o medo do adoecimento e da perda de pessoas próximas, a incerteza sobre o futuro, o desemprego e a diminuição da renda, são efeitos colaterais da pandemia pelo sars-cov-2 e têm produzido adoecimento mental em todo o mundo".

155. Notícia do dia 4.06.20 do Portal UOL informa que, segundo levantamentos do TCU, aproximadamente 8 milhões de brasileiros podem ter recebido o auxílio emergencial indevidamente, dentre os quais 73 mil militares e jovens de classe média. Cf. https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/04/auxilio-emergencial-crime-fraude-estelionato-r-600.htm Consultado em 28.06.20.

156. Cf. "Necropolítica de Bolsonaro aponta para futuro distópico." Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissi-

pandemia e pandemonio livro.indd 121 13/08/2020 18:30:29

(des)governo incluem-se também os pequenos e os microempresários, os quais jamais conseguiram linhas de crédito e foram deixados para morrer, enquanto o mercado financeiro (bancos e corretoras) recebeu aportes de 1.2 trilhão de reais.[157] Os bancos têm oferecido doações beneméritas para o combate ao vírus, mas não chegaram a projetar a tempo um mecanismo articulado e organizado de oferta de linhas de crédito a juros módicos. E como não há nada a esconder e tudo pode ser dito às claras, o ministro da Economia afirmou sem qualquer ambiguidade que "vai ganhar dinheiro usando recursos públicos para salvar grandes companhias. Agora, nós vamos perder dinheiro salvando empresas pequenininhas". (22.04.20) Deixar morrer: os hospitais da rede pública sofrem com graves problemas de gestão administrativa e, com o aumento descontrolado das contaminações e infecções, começam a não ter condições de atender à totalidade da população adoecida, sendo obrigados a escolher entre quem viverá e quem morrerá. Onde há leitos de UTI, falta pessoal médico e desaparecem insumos básicos, como material de proteção individual e até mesmo anestésicos para procedimentos de intubação de pacientes. Onde estes insumos existem, escasseiam ou desaparecem os leitos disponíveis e a consequência letal se repete. Há também casos de hospitais preparados para receber pacientes, mas que não os recebem por incúria administrativa, para não falar nas investigações policiais que examinam casos suspeitos de corrupção na compra de respiradores e desvio de verbas das secretarias de saúde de estados e municípios. Por fim, como se já não bastasse, há também o dado estarrecedor de que 66% do total de 39 bilhões empenhados pelo Ministério da Saúde para o enfrentamento da pandemia ainda não foi usado até agora, embora já tenhamos ultrapassado a marca dos 55 mil mortos.[158]

---

ma/2020/06/vidas-de-negros-e-pobres-se-tornam-descartaveis-na-pandemia-afirma-professor.shtml Consultado em 22.06.20.

157. Cf. notícia do Infomoney de 23.03.20, disponível em https://www.infomoney.com.br/economia/com-crise-banco-central-ja-anunciou-r-12-trilhao-em-recursos-para-bancos/ Consultado em 12.06.20.

158. Cf. a Coluna de Mônica Bergamo no Jornal Folha de São

pandemia e pandemonio livro.indd 122 13/08/2020 18:30:29

Vejamos agora o que aconteceu quando biopolítica e necropolítica se associaram sob a égide desta última durante a pandemia. Afinal, sob o registro necropolítico, as clivagens de caráter biopolítico imunitário não foram desativadas entre nós, antes pelo contrário. Assim, o presidente insistiu, por exemplo, em que era preciso "enfrentar o vírus como homem, pô, não como moleque." (29.03.20) Temos nessa declaração o conluio entre duas perspectivas discriminatórias complementares: por um lado, Bolsonaro fundou seu modelo de governança durante a pandemia numa mistura de "capacitismo" e "masculinidade tóxica", como afirmaram Ortega e Orsini[159]; por outro lado, temos aqui, também, o racismo como componente estruturador da biopolítica à brasileira, explicitado na oposição entre o moleque, o descendente de escravos e ex-escravos, o indivíduo sem ocupação formal e que vive perambulando pelas ruas da cidade, e o Homem de Bem, o modelo imaginário do cidadão bolsonarista.

Como observou Grada Kilomba, "formas de opressão não operam em singularidade; elas se entrecruzam."[160] Deste modo, devemos entender que o racismo se associa ao capacitismo, ao machismo, ao classismo, ao sexismo, bem como às discriminações e violências que atingem cotidianamente as minorias religiosas e a população LGBTI+. Entre nós brasileiros, o paradigma normativo do bolsonarismo, isto é, o Homem de Bem, designa um amálgama de diversas qualidades sociais distintas, porém complementares e, às vezes, mesmo sobrepostas entre si. Entre nós, a figura social do Homem de Bem constitui uma noção genérica e, portanto, não restrita ao gênero masculino, embora certamente o

---

Paulo do dia 20.06.20. Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/06/ministerio-da-saude-tem-66-das-verbas-para-acoes-contra-a-covid-19-paradas.shtml Consultado em 22.06.20.

159. Ortega, Francisco e Orsini, Michael. "Dissecando o autoritarismo relutante e capacitista frente ao coronavírus no Brasil." In *Pandemia Crítica*. São Paulo, N-1, 2020. Disponível em https://n-1edicoes.org/031. Consultado em 12.06.2020.

160. Kilomba, G. Memórias da Plantação. RJ: Cobogó, 2019, p. 18. Tradução de Jess Oliveira.

pandemia e pandemonio livro.indd 123 13/08/2020 18:30:29

privilegie. Ela engloba todo sujeito que se considere branco, que afirme sua branquitude como norma e que negue a existência do racismo no país, a exemplo do atual Presidente da Fundação Palmares. Também designa quem afirma conspicuamente sua heterossexualidade e valores viris relacionados ao armamentismo, quem se vangloria de ser portador de capital humano e de ter 'subido' na vida à custa apenas de seus próprios esforços, bem como se refere a quem quer que comungue de vagos preceitos cristãos, importando, sobretudo, ser contrário a religiões de matriz africana. Também diz respeito a quem defenda ostensivamente valores tradicionais quanto à constituição da família e quanto ao significado do patriotismo e do amor à liberdade, que deve ser verde-amarela, já que nossa bandeira jamais será vermelha, segundo o conhecido bordão bolsonarista [161]. No contexto político brasileiro recente, portanto, aquelas parcelas da população que não querem e/ou que não podem encarnar o ideal normativo do bolsonarismo, o Homem de Bem, são destinadas à suspeita, ao abandono e mesmo à morte, dependendo de sua posição no complexo jogo social brasileiro. O Homem de Bem é o modelo normativo por excelência do bolsonarismo, movimento político que se constrói em torno de um ideal unificado de povo, segundo o critério do temor e do rechaço à diversidade e à pluralidade, imediatamente associados às figuras fantasmáticas do Outro, do Abjeto, daqueles e daquelas que, portanto, podem ser expostos/as à violência e ao risco da eliminação. [162]

161. Leonardo Avritzer recuperou este pronunciamento de Bolsonaro no dia 19.04.20: "Todos no Brasil têm que entender que estão submissos à vontade do povo brasileiro. Tenho certeza, todos nós juramos um dia dar a vida pela pátria. E vamos fazer o que for possível para mudar o destino do Brasil. Chega da velha política'." Cf. *Política e antipolítica, op. cit.*, pp. 37-38.

162. Isabela Kalil tem proposto excelentes análises sobre o universo do Bolsonarismo a partir de pesquisas etnográficas qualitativas. Cf. "Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro". Disponível em https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf Veja-se também a pesquisa sociológica de Esther Solano, "Crise da democracia e extremismos de direi-

pandemia e pandemonio livro.indd 124 13/08/2020 18:30:29

Um aspecto característico e peculiar da biopolítica associada à necropolítica à brasileira diz respeito ao fato de que os nossos 'estrangeiros', isto é, os nossos 'indesejáveis', são parte constituinte do próprio povo brasileiro, muito embora façam parte justamente daquela parcela do povo que propriamente não conta e que de fato nunca contou, pois viveu desde sempre exposta ao perigo da violência e da morte violenta. No Brasil, essa população relegada a um lugar social vulnerável e desprotegido encontra na raça, no gênero e na classe social os marcadores que definem seu estatuto como população matável. Deste modo, não terá sido por acaso que, entre nós, quando o recente acirramento da divisão político-ideológica se agravou, desde 2013-2014, ativou-se imediatamente o mecanismo biopolítico de unificação nacional por meio da promoção de discursos de ódio e discriminação contra aquela parte da população historicamente marginalizada, a qual se tornou o alvo prioritário de manifestações públicas violentas e discriminatórias. No Brasil, portanto, a ativação da lógica biopolítica de produção da unidade pela exclusão, segundo a regra da oposição imunitária entre nós e eles, fez com que a categoria dos 'indesejáveis' recaísse justamente sobre aquelas parcelas da população já historicamente atingidas por altos índices de mortalidade socialmente induzida, seja pelos efeitos da miséria, da violência policial e para-policial, seja pelo patriarcalismo e pelo racismo estrutural[163], que passaram a pautar o rechaço das políticas de igualdade de gênero e a promover a discriminação quanto à orientação sexual.

Não casualmente, portanto, a crise contemporânea da democracia brasileira se faz acompanhar do fenômeno do "pânico moral", em vista do qual polêmicas agressivas em torno de questões relativas à definição dos gêneros e da orientação sexual assumem

---

ta". Disponível em in https://www.nocaute.blog.br/wp-content/uploads/2018/07/14508.pdf Consultado em 2.08.2020.

163. Cf. Almeida, Silvio. *Racismo Estrutural*. Coleção Feminismos Plurais. Dirigida por Djamila Ribeiro. São Paulo: Pólen Livros, formato Kindle, 2019. [redacted]. Almeida também propõe uma importante análise sobre as relações entre racismo, biopolítica, necropolítica e neoliberalismo no Brasil.

corrigir 2019.

pandemia e pandemonio livro.indd 125 13/08/2020 18:30:29

proporções desmesuradas.[164] É sabido que os movimentos políticos ultraconservadores fazem do corpo, do gênero e da sexualidade pontos de apoio. É a partir daí que buscam combater avanços democráticos no campo das ideias e das políticas públicas contra a discriminação e a violência, que recaem sobre aquelas populações que se encontram às margens da heteronormatividade, da branquitude, da cisgeneridade e do patriarcalismo. No contexto da chamada 'ideologia de gênero', armadilha pseudo-conceitual que visa a fazer do corpo, do sexo e do desejo entidades aprisionadas em uma concepção canhestra do biológico e da natureza, eivada de preconceitos tradicionais de caráter moral e religioso, o gênero e a diversidade sexual são transformados em armas para uma guerra cultural e político-moral. Disseminam-se, assim, toda sorte de preconceitos reacionários contra importantes conquistas políticas de populações marginalizadas. Nesse contexto, a defesa da família e da criança assumem um papel central, o que corrobora a formulação de Gayle Rubin em sua história dos pânicos morais nos Estados Unidos do final do século XIX até meados do XX.[165]

Se quisermos caracterizar a crise atual da democracia brasileira em sentido forte, e não apenas em sentido conjuntural, então devemos compreender que boa parte dos riscos que a assediam se constituem a partir da ativação da lógica biopolítica imunitária, com seu processo de unificação política a partir de segregações e discriminações promovidas desde o seu interior. No caso brasileiro, portanto, o problema não se situa no plano do reconhecimento das diferenças existentes entre os nacionais e os estrangeiros, mas no modo como nossa democracia enfrenta ou se desvia dos dilemas derivados da complexidade histórica e social em que está enraizada. Mais importante e mais urgente do que estabelecer uma tipificação de regimes políticos, a fim de

164. Cf. César, Maria Rita de Assis; Duarte, André. "Governamento e Pânico Moral: corpo, gênero e diversidade sexual em tempos sombrios." In *EDUCAR EM REVISTA*, v. 33, p. 141-155, 2017.

165. Cf. Rubin, G. "Thinking sex. Notes for a radical theory of the politics of sexuality". In: Abelove, H.; Barale, M. A.; Halperin, D. M. (Orgs.). *The lesbian and gay studies reader.* New York: Routledge, 1993.

pandemia e pandemonio livro.indd 126 13/08/2020 18:30:29

determinar se ainda vivemos numa democracia, numa quase-ditadura ou num estado de exceção permanente, é reconhecer que o cultivo sistemático de um *ethos* autoritário pode vir a minar o regime democrático com grande rapidez. Além de ser um regime político determinado, o autoritarismo é também e, sobretudo, uma maneira cotidiana de viver, um estilo de vida e de habitar o mundo, um modo privativo de nele se manifestar, isto é, aquele modo de ser no mundo que não reconhece o seu caráter plural e diversificado, que não reconhece que habitamos o mundo com outros que não são à nossa imagem e semelhança. O *ethos* autoritário é aquela estranha forma de viver em comum que se nutre da produção e reprodução da violência, do ódio, do preconceito, da ignorância e da vontade de promover a morte. O *ethos* autoritário define o estilo de vida do Homem de Bem, que cultiva um profundo desejo de ordem patriarcal, que ama a pureza e odeia as diferenças e a diversidade, que adora as hierarquias e tem horror à igualdade, é aquela forma de vida que abraça o tradicionalismo nacionalista vulgar e superficial e que propõe a exclusão social e a morte a quem quer que discorde daquele ideal fantasmático.

Desde pelo menos 2013-2014 temos assistido no Brasil a um acirramento da divisão de caráter biopolítico e imunitário, que contrapõe o modelo ideal normativo do Homem de Bem a todos aqueles e aquelas que não encarnam ou espelham tal ideal, os 'comunistas', designação genérica que, a despeito de completamente absurda, possui importante significado no interior do fanatismo bolsonarista.[166] No Brasil contemporâneo

166. Em sua análise do bolsonarismo João Cezar de Castro Rocha indica a centralidade da noção de "guerra cultural", com o predomínio de um vocabulário bélico focado nas ideias de eliminação dos inimigos e de purificação da política brasileira do comunismo. Para o autor, o bolsonarismo estrutura-se a partir de três eixos complementares: o entendimento do comunismo e de seus supostos perigos a partir da Doutrina de Segurança Nacional do regime civil-militar; a releitura da história brasileira e do significado da ditadura militar tal como formulada por militares no livro ORVIL, que procura anular a narrativa do livro *Brasil Nunca Mais*; e o "sistema de crenças de Olavo de Carvalho", contra o qual não há argumento possível, dado seu caráter híper-sectário. Cf. https://www.terra.com.br/no-

pandemia e pandemonio livro.indd 127 13/08/2020 18:30:29

os 'comunistas' são todos aqueles que não possam ser imediatamente reconhecidos como fiéis adeptos do bolsonarismo: são os baderneiros, os que supostamente não trabalham e por isso não enriquecem, os que não vivem como empreendedores, os que não afirmam cotidianamente sua heterossexualidade tóxica e viril, os que não professam vagos ideais cristãos e assim por diante, até o ponto de abranger até mesmo todas as oposições políticas, sejam elas do matiz político que forem. Não importa: quem quer que discorde do ideário bolsonarista será um comunista, alguém a ser prontamente combatido pelas redes sociais, mas não apenas.

Ora, as ações, discursos e omissões do (des)governo Bolsonaro diante da crise pandêmica acabaram por acentuar e agravar ainda mais o risco de exposição à morte das populações precarizadas, até o ponto em que, ao menos potencialmente, agora é toda a população brasileira que se vê exposta ao risco da morte por asfixia. Por certo, biopolítica, neoliberalismo e necropolítica já se encontravam bem articulados nesta ex-colônia profundamente marcada pelo racismo como componente estrutural de sua constituição[167]. Ocorre, entretanto, que a pandemia parece ter provocado entre nós um sutil deslocamento de ênfases, de sorte que a partir de agora o vetor necropolítico da produção da morte por ações e omissões governamentais passou a recobrir e a subordinar os vetores biopolíticos e neoliberais, acentuando seus efeitos letais.

Assim, o argumento de que a pandemia expandiu os efeitos da necropolítica para a totalidade da população brasileira não

---

ticias/brasil/politica/pesquisador-sucesso-do-bolsonarismo-inviabiliza-governo,d72bd1c4c0c1553d077bbdae6a549c18p8qy7lo3.html; https://www.jornalopcao.com.br/entrevistas/o-verbo-dominante-nos-videos-dos-intelectuais-bolsonaristas-e-eliminar-e-o-substantivo-e-limpeza-239580/ https://www.pressreader.com/brazil/folha-de-s-paulo/20200516/282548725460430

167. Silvio de Almeida observa que "a análise de Achille Mbembe sobre a configuração atual da soberania é absolutamente condizente com o atual estágio das relações na economia do capitalismo pós-fordista e sob a égide da política neoliberal. As políticas de austeridade e o encurtamento das redes de proteção social mergulham o mundo no permanente pesadelo do desamparo e da desesperança." Cf. Racismo Estrutural, op.cit., formato Kindle.

pandemia e pandemonio livro.indd 128 13/08/2020 18:30:30

implica apagar ou dissimular o genocídio das populações negras, indígenas e tradicionais, atualmente em curso em nosso país. Pelo contrário: sob a égide da necropolítica, a biopolítica e o neoliberalismo à brasileira tornaram-se ainda mais agressivos. Não restam dúvidas, pois, que nunca estivemos todos no mesmo barco, diferentemente do que também afirmou Markus Gabriel,[168] pois sabemos que o vírus ataca mais incisivamente e mais extensivamente as populações precarizadas, havendo claro recorte de classe, gênero e etnia quando se avaliam os fatores de 'comorbidade' social que acentuam o poder de letalidade do vírus. Como afirmou Judith Butler, a condição precária tem de ser entendida como a "situação politicamente induzida, na qual determinadas populações sofrem as consequências da deterioração de redes de apoio sociais e econômicas mais do que outras, e ficam diferencialmente expostas ao dano, à violência e à morte."[169] Deste modo, se o vírus não discrimina os corpos nos quais se instala e os destrói, as formas sociais de organização política e econômica da vida humana produzem discriminações acentuadas, separando e hierarquizando aquelas vidas que "vale proteger da morte e essas vidas que se considera que não vale a pena proteger da doença e da morte."[170] É também incontestável que as mulheres, em particular as mulheres pobres e negras, moradoras das periferias, sofrem mais as consequências da quarentena do que os homens, posto que sobre elas recai a sobrecarga das tarefas domésticas, do cuidado com os filhos e sua educação, a violência doméstica etc.

Em síntese, o argumento aqui defendido é o de que, em meio à pandemia, explicitou-se e intensificou-se a generalização da superfluidade e da matabilidade da população brasileira enquanto tal, para além dos critérios biopolíticos que, entre nós, sempre distinguiram quais vidas tinham valor e quais vidas tinham menos-valia. Como afirmou Rodrigo Nunes, a necropolítica

168. Cf. Gabriel, Markus. "El vírus, el sistema letal y algunas pistas para después de la pandemia." In: *Sopa de Wuhan, op. cit.*, p. 132.

169. Cf. Butler, *Notes toward a performative theory of assembly*, *op.cit.*, p. 33.

170. Cf. Butler, Judith. "El capitalismo tiene sus límites." In *Sopa de Wuhan. op. cit.*

pandemia e pandemonio livro.indd 129 13/08/2020 18:30:30

"sempre esteve nas entrelinhas ou, antes, nas fronteiras entre diferentes populações e territórios. Se o termo é usado para hoje falar do governo Bolsonaro, não é por uma diferença de natureza, mas de grau: neste, o componente necropolítico é não só mais intenso como mais escancarado."[171] Contudo, e a despeito de todo estupor que essas considerações nos produzem, talvez nada disso seja assim tão surpreendente. Basta recordar que o atual presidente, quando ainda deputado, lá pelos idos de 1999, fez o elogio público de técnicas de tortura, declarando-se favorável à sua prática e afirmando que o povo brasileiro também seria favorável a ela. Mais ainda, declarou também que se fosse presidente daria um "golpe" e "fecharia o congresso nacional", pois o país somente mudará quando houver uma "guerra civil aqui dentro, e fazendo o trabalho que o regime militar não fez, matando uns trinta mil. (...) Se vai morrer alguns inocentes, tudo bem...".[172] Um presidente cujo herói máximo é um torturador, e que em plena campanha presidencial ameaçou fuzilar aqueles que não comungam de seus ideais ("a petralhada"), ou enviá-los para a "ponta da praia", em alusão a um forte da marinha no qual se praticavam torturas e mortes durante a ditadura civil-militar, não poderia senão desprezar toda e qualquer vida que não a sua própria e a de seus familiares mais próximos, os filhos acima de tudo e de todos.

Se quisermos ser fieis ao lema do (des)governo Bolsonaro, "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos", então cabe ainda observar, com Roberto Esposito, que "O monoteísmo político – a ideia de que a um único Deus deve corresponder um único rei e um único reino – expressa a essência mesma da imunização em sua versão mais violenta: o fechamento de fronteiras que não tolera nada de externo ao próprio, que exclui a ideia mesma de um fora, que não admite nada alheio que possa ameaçar a lógica do Uno-todo."[173] Em outros termos, é preciso começar a prestar

171. Cf. "Necropolítica de Bolsonaro aponta para futuro distópico." Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/06/vidas-de-negros-e-pobres-se-tornam-descartaveis-na-pandemia-afirma-professor.shtml Consultado em 22.06.20.

172. Cf. https://www.youtube.com/watch?v=M-tkPPwT9Xw

173. Cf. Esposito, *Comunidad, imunidad, biopolítica*, *op.cit.*, p. 118.

pandemia e pandemonio livro.indd 130 13/08/2020 18:30:30

atenção ao léxico teológico-político que municia a metafísica tropical da violência guerreira do bolsonarismo, sem desconsiderar os significados subjacentes ao seu emprego reiterado da defesa da 'liberdade' e da democracia como governo do 'povo' no contexto do combate aos 'comunistas', sempre a ponto de tomarem o poder no Brasil. Tem-se mesmo a impressão de que estamos diante de uma experiência mais ou menos voluntária de destruição diluviana, da qual devem sobreviver apenas aquelas formas de vida depuradas da pluralidade, da diversidade, do 'comunismo': enfim, as formas de vida compatíveis com o ideal fantasmático do Homem de Bem, com as peculiaridades que essa construção comporta entre nós brasileiros.[174]

E como se tudo isso já não fosse suficientemente insólito, abraçada ao presidente ainda encontramos uma famosa atriz, de cuja meteórica passagem pela Secretaria da Cultura nos terá restado apenas a seguinte pérola, síntese das relações entre vida e morte na política brasileira: "Cara, desculpa, na humanidade não para de morrer gente. Se você falar de vida do lado tem morte (...). Não quero arrastar um cemitério de mortos nas minhas costas, sou leve, tô viva!" (Regina Duarte, 7.05.20) O descabimento dessa afirmação encontra seu reverso complementar na sentença sumária e mais do que elucidativa, proferida por uma *digital influencer* que promoveu e divulgou imagens de uma festa em sua casa pelas redes sociais durante a pandemia: "Foda-se a vida." Realmente, resta muito o que pensar a respeito das relações entre vida, morte e política no Brasil.

A chegada da pandemia acelerou diversos processos sociais, econômicos, culturais e políticos já em curso entre nós, agravando e deteriorando ainda mais as condições de vida da população e das próprias instituições democráticas. Ao mesmo tempo, a inépcia planejada do (des)governo Bolsonaro também parece ter feito com que aquelas mesmas instituições democráticas finalmente

174. Esta sugestão me foi feita por Carolina Langnor, cuja pesquisa doutoral sobre as narrativas do novo conservadorismo, com suas metáforas teológicas de apelo popular, deixam entrever um horizonte de salvação religiosa facilmente assimilável pelo fanatismo político.

pandemia e pandemonio livro.indd 131 13/08/2020 18:30:30

despertassem de seu sono letárgico e começassem a reagir, sob o risco iminente de serem definitivamente descaracterizadas enquanto tais. A pandemia encontrou-se no Brasil com o pandemônio político e o desenlace dessa trágica convergência ainda é incerto e imprevisível. Resta uma única certeza: ou a democracia brasileira se renova e se fortalece, ou Bolsonaro e o bolsonarismo a deformarão até o ponto em que nem será preciso eliminá-la.

pandemia e pandemonio livro.indd 132 13/08/2020 18:30:30

Da democracia sem *demos* ao poder da democracia

O argumento que defendo aqui é o de que, se há um 'projeto' político do bolsonarismo, este diz respeito à criação de condições para que se instaure entre nós uma democracia sem *demos*, isto é, sem povo, descontada a horda de apoiadores fanatizados: uma democracia em que certos procedimentos democráticos mínimos sejam relativamente preservados, mas em que os agentes coletivos da luta por direitos deem lugar a indivíduos isolados, desenraizados e despolitizados, responsabilizados em sentido econômico e moral por seu sucesso ou fracasso socioeconômico, ou marginalizados por causa de seu engajamento político.

A noção de democracia sem *demos* assume aqui o contorno de um diagnóstico crítico voltado para o exame das condições pelas quais uma democracia entra em crise e corre o risco de se esvaziar por completo no contexto do espraiamento da governamentalidade neoliberal[175] e das práticas de governamento biopolítico e necropolítico. A despeito de importantes semelhanças quanto aos objetivos, distancio-me do caminho teórico a partir do qual Catherine Colliot-Thélène defendeu em seu livro, *La démcratie sans demos*,[176] a tese segundo a qual uma democracia sem *demos* seria a alternativa para a crise democrática contemporânea. A proposta interessante de Colliot-Thélène é a de desvincular as lutas políticas do sujeito de direito da figura unitária do *demos*, concebida por ela segundo os moldes do cidadão autolegislador pertencente à comunidade de um Estado-nacional determinado, visando com isso a ampliar as possibilidades de ação política democrática, para além das limitações impostas pela esfera da soberania nacional e suas exigências de unidade e identidade. A bem dizer, esta proposta de democratização da democracia, no sentido da expansão de seus limites visando a englobar aqueles e aquelas que se encontram dela privados/as, é uma tese que também defendo, embora a partir de uma outra via teórica, que passa pela ressignificação da noção mesma de democracia e, assim, também

175. Cf. Brown, Wendy. *Undoing the demos. Neoliberalism stealth revolution*. Nova York: Zone books, 2015.

176. Cf. Colliot-Thélène, Catherine. *La démocratie sans demos*. Paris, PUF, Pratiques théoriques, 2011.

pandemia e pandemonio livro.indd 136 13/08/2020 18:30:30

por uma reavaliação acerca do significado do poder do *demos*.[177] Deste modo, se for correto afirmar que o 'projeto' político do bolsonarismo é a instituição entre nós de uma democracia sem *demos*, então será preciso explicitar as linhas gerais da compreensão particular de democracia como poder do *demos* aqui defendida.

Jacques Rancière, Judith Butler e Hannah Arendt nos permitem formular um outro entendimento acerca do papel e do significado do *demos* como componente decisivo de uma democracia, sob a condição de não o compreender segundo a terminologia das modernas teorias jurídico-políticas da soberania, que definem o cidadão como o portador do título de cidadania atribuído por um Estado nacional. Para abordar a crise da democracia e pensar alternativas para seu enfrentamento, parece-me essencial ir além de uma definição filosófico-política que limite o entendimento do exercício da cidadania a aspectos jurídico-políticos de caráter legal. Ou seja, pensar a democracia não pode significar entendê-la apenas enquanto regime político que deve cumprir certos ritos constitucionalmente estabelecidos, como eleições periódicas justas e livres, respeito à liberdade de imprensa, respeito à Constituição e um sistema equilibrado de divisão de poderes e *checks and balances*, dentre outras características institucionais tradicionalmente reconhecidas como inerentes à tradição liberal. Para além dessa definição jurídico-política institucional, embora de modo algum contra ela, entendo a democracia segundo uma concepção ético-política substantiva e performativa, em vista da qual sua potência vital está relacionada à sua capacidade de se reinventar, de se transformar e, sobretudo, de alargar e redefinir o âmbito daqueles que podem contar como cidadãos.

177. A base dos argumentos que compõem esse capítulo foi previamente formulada em dois artigos: cf. Duarte, André. "Direito a ter direitos como performatividade política: reler Arendt com Butler." In Caderno CRH, n. 89, 2020. Dossiê 60 anos de A condição Humana, de Hannah Arendt; e "Democracia em crise: biopolítica e governamento neoliberal de populações". In *Revista Educação e Filosofia*, *op. cit.*

pandemia e pandemonio livro.indd 137 13/08/2020 18:30:30

Em *O ódio à democracia*, Jacques Rancière oferece-nos indicações importantes para repensar o sentido do *demos* e, deste modo, também o sentido da democracia.[178] Rancière argumenta que a democracia não deve ser entendida como forma de governo ou como forma de sociedade, nem tampouco como regime político constitucional, capaz de conter os riscos inerentes aos excessos da atividade política coletiva, ou os perigos próprios à despolitização dos indivíduos recolhidos à fruição de seus bens privados. Ao referir-se à instauração da democracia entre os gregos, Rancière a entende como aquela forma peculiar de exercício da coisa política baseada no princípio (*archê*) anárquico da ausência de princípio. Trata-se de defender a ideia de que a democracia, sendo o poder do povo, é o poder daqueles que não possuem quaisquer títulos ou atributos particulares que os qualifiquem para governar. Segundo o autor, uma democracia não pode estar fundada no predomínio inconteste de qualquer saber científico, da riqueza ou de quaisquer outros títulos de nascimento ou insígnias religiosas transcendentes: "Democracia quer dizer isto em primeiro lugar: um governo 'anárquico', fundado em nada outro que a ausência de qualquer título para governar."[179] Nesse sentido, a democracia é uma forma de exercício da política, que estabelece um claro limite a toda forma de governo fundada em autoridades extrapolíticas. Se o "escândalo democrático" reside no fato de que uma democracia é o exercício da coisa política que se instaura na ausência de fundamento uno, isto é, na ausência e mesmo na recusa de todo e qualquer "princípio da comunidade", então não faria sentido falar em sociedade democrática ou em forma democrática de governo.[180] Para o autor, toda forma de governo é "oligárquica" e está assentada sobre uma máquina governamental que reproduz a desigualdade entre governantes e governados, a qual, por sua vez, baseia-se nas desigualdades socioeconômicas da sociedade.

178. Cf. Rancière, *La haine de la démocratie.* Paris: La Fabrique, 2005.

179. Cf. Rancière, *La haine de la démocratie, op. cit.*, p. 48.

180. Cf. Rancière, *La haine de la démocratie, op. cit.*, p.58.

pandemia e pandemonio livro.indd 138 13/08/2020 18:30:30

A democracia como "poder do povo" jamais se identifica a uma "forma jurídico-política"[181] determinada, pois não é a manifestação da vontade geral, não advém da reunião de todo povo, não é o poder da classe trabalhadora nem é o poder da maioria, mas é apenas o "poder próprio àqueles que não têm mais títulos para governar do que para serem governados."[182] É por isso que o autor pode, então, definir a democracia segundo a fórmula filosófica de um "poder do povo" que se mostra sempre "heterotópico", isto é, que se mostra como lugar outro em relação ao governo oligárquico e em relação às desigualdades sociais que amparam e fundamentam toda forma de governo. Para Rancière, portanto, o "poder do povo" é aquela instância que "afasta o governo dele próprio ao afastar a sociedade dela mesma. Assim, ele é também aquilo que separa o exercício do governo da representação da sociedade."[183] Ora, como é que se dá esse processo de afastamento ou separação pelo qual o "poder do povo" instaura uma heterotopia em relação às desigualdades sociais que fundam os governos ao dar títulos às oligarquias? Este é o aspecto que interessa reter, a fim de esclarecer a concepção de democracia que embasa a presente reflexão, no contraponto da discussão do bolsonarismo como 'projeto' de uma democracia sem povo ou de uma democracia onde o povo seja apenas aquela parcela da população estritamente identificada com o modelo normativo do Homem de Bem.

O poder do povo é pensado por Rancière como luta constante pelo alargamento do âmbito público contra as forças que impõem sua privatização, em consonância com os interesses sociais e econômicos do governo oligárquico: assim, democracia "quer dizer lutar contra a repartição do público e do privado, que assegura a dupla dominação da oligarquia no Estado e na sociedade."[184] De uma perspectiva histórica, essa luta foi a constante luta democrática pela redefinição e ampliação do número daqueles que são reconhecidos como iguais, fazendo com que os

181. Cf. Rancière, *La haine de la démocratie*, *op. cit.*, p. 62.

182. Cf. Rancière, *La haine de la démocratie*, *op. cit.*, p. 54.

183. Cf. Rancière, *La haine de la démocratie*, *op. cit.*, p. 59.

184. Cf. Rancière, *La haine de la démocratie*, *op. cit.*, pp. 62-63.

pandemia e pandemonio livro.indd 139 13/08/2020 18:30:30

anteriormente reconhecidos como desiguais, antes relegados à esfera privada, pudessem finalmente aceder à esfera política. Ora, essa luta sempre exigiu transformar em espaços público-políticos aqueles espaços que, em dado momento, haviam sido considerados como privados, como não-políticos. Foi assim que as mulheres e os trabalhadores acederam à cena política, foi assim também que espaços como a fábrica, a escola, o domicílio, dentre tantos outros, passaram a ser reconhecidos como lugares políticos, como passíveis de politização. Segundo Rancière, portanto,

> o movimento democrático é então, de fato, um duplo movimento de transgressão de limites, um movimento para estender a igualdade do homem público a outros domínios da vida comum, e em particular a todos aqueles que são governados pelo ilimitado da riqueza do capitalismo, um movimento também para reafirmar o pertencimento de todos e de qualquer um a essa esfera pública incessantemente privatizada.[185]

O aspecto que interessa enfatizar acerca dessa análise sobre a potência da democracia enquanto poder do povo que se desloca e se amplia, reside em que o alargamento do âmbito daqueles e daquelas que podem contar como cidadãos e cidadãs, assim como a ampliação dos espaços passíveis de serem submetidos a princípios de igualdade, depende justamente das ações coletivas daqueles e daquelas que, em dado momento, se encontraram privados/as de direitos e de cidadania, sendo barrados/as do espaço público e relegados/as aos espaços privados: mulheres, negros/as, indígenas, pobres, trabalhadores/as, migrantes e assim por diante. Se o poder do povo se exerce na ausência de um título para seu exercício, então o exercício da política enquanto luta coletiva mostra que são exatamente aquelas categorias sociais desprovidas formalmente do título de cidadania que instauram e exercem de fato os direitos que lhes são negados. E elas o fazem ao se engajarem em lutas políticas e sociais pelos direitos de que se encontram privadas, alargando continuamente a esfera da democracia. O exemplo proposto por Rancière acerca dessa tese político-performativa é esclarecedor:

185. Cf. Rancière, *La haine de la démocratie, op. cit.*, p. 65.

pandemia e pandemonio livro.indd 140 13/08/2020 18:30:30

> A jovem negra que, em um dia de dezembro de 1955, em Montgomery (Alabama), decidiu permanecer em seu lugar no ônibus, um lugar que não era seu, decidiu por isso mesmo que, enquanto cidadã dos Estados Unidos, ela tinha o direito que ela não tinha enquanto habitante de um Estado que interditava aquele lugar a todo indivíduo que tivesse em seu sangue um pouco mais de 1/16 de sangue 'não-caucasiano'.[186]

Donde a conclusão de que, no processo das lutas democráticas, as ações dos sujeitos operam no "intervalo das identidades"[187], produzindo transformações e reconfigurações acerca do sentido do que é particular e do que é universal, do que é público e do que é privado. De meu ponto de vista, se não se pode desconsiderar que a democracia também se define como conjunto de regras legais previamente estabelecidas, tampouco se pode deixar de levar em consideração que ela se institui e acontece justamente quando as lutas políticas alargam as fronteiras legalmente estabelecidas acerca da posse de direitos e do usufruto da cidadania. Eis aqui o efeito e a eficácia da ação política das feministas e dos agentes políticos que em algum momento estiveram privados do acesso ao universo público-político. Desde sempre, tais categorias marginalizadas agiram política e democraticamente valendo-se dos direitos de cidadania de que se encontravam privadas por causa das leis vigentes. Segundo Rancière,

> O processo democrático deve, pois, constantemente recolocar em jogo o universal sob uma forma polêmica. O processo democrático é o processo desta perpétua recolocação em jogo, desta invenção de formas de subjetivação e de casos de verificação que contrariam a perpétua privatização da vida pública. A democracia significa, neste sentido, a impureza da política, a recusa da pretensão dos governos de encarnar um princípio uno da vida pública e de circunscrever a compreensão e a extensão desta vida pública. Se há uma 'ilimitação' própria à democracia, é nisto que ela reside: não na multiplicação exponencial das necessidades ou dos desejos emanados dos

186. Cf. Rancière, *La haine de la démocratie*, *op. cit.*, pp. 68-69.
187. Cf. Rancière, *La haine de la démocratie*, *op. cit.*, p. 69.

pandemia e pandemonio livro.indd 141 13/08/2020 18:30:30

> indivíduos, mas no movimento que desloca sem cessar os limites do público e do privado, do político e do social."[188]

Tomando essas reflexões de Rancière como referência, pode-se afirmar que o poder do *demos* que caracteriza a democracia está associado às lutas políticas visando ao reconhecimento e à inclusão de populações historicamente privadas de direitos, do acesso a bens públicos de cidadania e das próprias condições socioeconômicas para a garantia da manutenção de suas vidas. Deste modo, uma democracia forte ou saudável não remete à situação ideal em que todos já desfrutariam, em condições de igualdade, de uma pletora de direitos e proteções civis garantidos legalmente por um Estado soberano. Por outro lado, uma democracia forte seria aquela capaz de ampliar e redefinir, no curso de lutas e conflitos sociais, e como o seu resultado político, o número daqueles/as que contam como beneficiários/as dos chamados bens de cidadania, isto é, o número daqueles e daquelas cujas ações coletivas levaram à conquista de novos direitos e de melhores condições sociais e econômicas. Numa palavra, portanto, democracias fortes são aquelas capazes de se modificar em razão de ações políticas organizadas e levadas a cabo justamente por parte daquelas populações historicamente sujeitas a processos de vulneração e marginalização. Se, como constata Rancière, a democracia é "a ação que incessantemente arranca aos governantes oligárquicos o monopólio da vida pública e que arranca à riqueza o poder absoluto sobre as vidas,"[189] então se compreende porque o grande sonho da oligarquia (ou dos ditadores) seja "governar sem povo, quer dizer, sem divisão do povo: governar sem política."[190]

A partir dessas teses de Rancière sobre a democracia como poder do povo exercido em ato, chegamos a uma concepção performativa acerca do poder político. Segundo a perspectiva de uma noção performativa de democracia, mais importante do que saber como fundar a política no direito, na moral ou em qualquer

188. Cf. Rancière, *La haine de la démocratie, op. cit.*, p. 70.
189. Cf. Rancière, *La haine de la démocratie, op. cit.*, p.105.
190. Cf. Rancière, *La haine de la démocratie, op. cit.*, p. 88.

pandemia e pandemonio livro.indd 142 13/08/2020 18:30:30

concepção epistemológica é entender a política como ação coletiva, bem como avaliar seus resultados no contexto de lutas políticas levadas a cabo, justamente, por sujeitos que se encontram em uma posição marginal em relação aos detentores do título da cidadania. A importância desta concepção performativa acerca da democracia reside em que ela permite repensar a ação política, a cidadania e a figura do *demos* para além das restrições legais e institucionais, vinculadas à soberania dos Estados-nacionais, que tendem a limitar o escopo da democracia e da cidadania. Segundo esta concepção performativa da política democrática, a democracia é posta em ação quando homens e mulheres decidem se reunir e agir e discursar politicamente em concerto, segundo a terminologia de Hannah Arendt. Afinal, é nesse instante que os agentes políticos se constituem como membros iguais de uma comunidade política constituída em ato, antes mesmo de sua formalização jurídica, uma comunidade política entendida como instauração de um mundo comum, construído sob a égide do princípio da justiça. Como disse Hannah Arendt,

> tornamo-nos iguais como membros de um grupo por força da nossa decisão de nos garantirmos direitos reciprocamente iguais. Nossa vida política baseia-se na suposição de que podemos produzir igualdade através da organização, porque o homem pode agir sobre o mundo comum e mudá-lo e construí-lo juntamente com os seus iguais e somente com os seus iguais.[191]

Inspirando-se nessas ideias, Judith Butler propôs uma interessante interpretação da noção arendtiana do "direito a ter direitos", proposta por Arendt em *Origens do Totalitarismo*.[192] Em sua interpretação, Butler enfatiza o poder performativo do "direito a ter direitos", isto é, sua capacidade de produzir efeitos de cidadania no curso das lutas políticas levadas a cabo pelas populações subalternizadas, que lutam para conquistar a cidadania e os direitos de que se encontram privadas. Contrariamente à interpretação proposta por Seyla Benhabib, segundo a qual a

191. Cf. Arendt, *Origens do totalitarismo*, *op. cit.*, p. 335.

192. Cf. Arendt, *Origens do totalitarismo*, *op. cit.*, p. 330; tradução revisada.

pandemia e pandemonio livro.indd 143 13/08/2020 18:30:30

noção arendtiana seria um "imperativo moral dirigido a todos os homens indistintamente (à humanidade enquanto tal)"[193], Butler entende aquela fórmula como dotada da capacidade de produzir em ato aquilo pelo quê se luta, esta sendo a condição para que, posteriormente, a demanda política dos que se encontram privados de direitos venha a ganhar institucionalidade, adentrando o âmbito dos códigos legais. Como argumentei em outra oportunidade[194], a eficácia política do princípio arendtiano do "direito a ter direitos" não depende de sua cuidadosa fundamentação epistemológico-moral no conceito de dignidade intrínseca do Homem, mas da consideração dos efeitos políticos produzidos pelas lutas levadas a cabo por homens e mulheres que carecem dos bens de cidadania. Menos que um postulado moral ou um imperativo em vista do reconhecimento da dignidade intrínseca da pluralidade humana, o "direito a ter direitos" inspira a luta pela pertença a um mundo político comum sob condições de igualdade e de justiça, elementos políticos sem os quais não pode haver garantia de quaisquer direitos. O "direito a ter direitos" seria, então, uma insígnia política para incentivar a luta daqueles/as que são discriminados/as, excluídos/as ou privados/as de direitos no interior da comunidade estatal. Em seu diálogo com Spivak, Butler menciona manifestações políticas de migrantes ilegais de origem latina na Califórnia, em meados dos anos 2000, cujo ápice residia em cantar o hino nacional norte-americano em espanhol, demonstrando-se, assim, a complexidade da relação entre a comunidade latina e os Estados-Unidos. Para Butler, trata-se aí de uma forma de ação política que institui em ato, performativamente, justamente aquilo de que os agentes se encontram formalmente destituídos, isto é, direitos e cidadania. Para Butler,

193. Cf. Benhabib, Seyla. *Los derechos de los otros. Extranjeros, residentes y ciudadanos*. Tradução de G. Zadunaiski. Barcelona: Gedisa, 2005, p. 50.

194. Cf. Duarte, "Judith Butler e Hannah Arendt em diálogo: repensar a ética e a política". In: *Vida e Liberdade: entre a ética e a política*. Curitiba: PUCPRESS, 2016, v.1, pp. 311-336; Duarte, "Direito a ter direitos como performatividade política: reler Arendt com Butler."

pandemia e pandemonio livro.indd 144 13/08/2020 18:30:30

> Exercer a liberdade e afirmar a igualdade precisamente em relação a uma autoridade que as obstrui é mostrar como a liberdade e a igualdade podem e devem se mover para além de suas articulações positivas. (...) O chamado para este exercício da liberdade que vem com a cidadania é o exercício daquela liberdade numa forma incipiente: ela começa por exercer aquilo que reivindica.[195]

Em textos mais recentes, Butler tem se concentrado ainda mais na discussão do caráter performativo das noções arendtianas acerca do agir e do discursar coletivos. O pensamento político de Arendt permite compreender como a ação e o discurso coletivos instauram novos espaços políticos, e mesmo novas realidades políticas entre os agentes, excedendo e alargando as fronteiras legais e institucionais da esfera pública formalmente constituída nos limites da representação, permitindo, ainda, a redefinição das fronteiras tradicionais que separam o público do privado.[196] De fato, em *A condição humana*, Arendt afirma que a política e o poder surgem originariamente do "espaço da aparência" que vem "a existir sempre que os homens se reúnem na modalidade do discurso e da ação."[197] Trata-se de um espaço comum que "precede toda e qualquer constituição formal da esfera pública e as várias formas de governo,"[198] e cuja própria existência depende de que homens e mulheres permaneçam juntos e dispostos a agir e a falar entre si, desaparecendo quando quer que se vejam isolados uns dos outros. Nesse sentido, trata-se também de um espaço político comum, até certo ponto intangível, cuja possibilidade depende do estar junto e do agir conjunto, de sorte que não possui uma

195. Cf. Butler, J.; Spivak, Gayatri Chakravorty. *Who Sings the Nation-State?: Language, Politics, Belonging*. Seagull Books, 2010, pp. 66-67 e p. 68.

196. Desenvolvi esse argumento no texto "Hannah Arendt e o pensamento político: a arte de distinguir e relacionar conceitos." In: *Argumentos*: Revista de Filosofia (Online), v. 1, p. 39-63, 2013.

197. Cf. Arendt, H. *The human condition*. Chicago, University of Chicago Press, 1989, p. 199.

198. Idem.

pandemia e pandemonio livro.indd 145 13/08/2020 18:30:30

realidade durável e estável ao longo do tempo. Como afirma a autora, "a *polis*, a rigor, não é a cidade-estado em sua localização física; é a organização do povo tal como ela desponta do agir e falar conjuntos e seu verdadeiro espaço se encontra entre as pessoas que vivem em conjunto para esse propósito, não importa onde estejam."[199]

Finalmente, a reflexão de Butler traz ainda importantes contribuições para repensar a ação democrática, ao ressaltar a peculiar e paradoxal potência ético-política da noção de precariedade. As noções de precariedade e de vida precária são abordadas em sua reflexão numa dupla direção complementar: sócio-política e ontológica. Na primeira delas, Butler ressalta as ações e omissões governamentais por meio das quais se produz a precarização socialmente induzida de parcelas da população. Na via ontológico-fenomenológica, a autora enfatiza que a noção de precariedade assume o caráter de um quase-fundamento ético-político, a partir do qual se pode repensar as possibilidades de resistência dos corpos frágeis e vulneráveis, cujas formas de engajamento político ganham amparo normativo. É também a partir dessa dupla reflexão sobre a precariedade, que Butler passa a considerar mais detidamente a ação política levada a cabo por movimentos sociais mais amplos e diversificados que o feminista, como os movimentos pacifista, ecológico e contra os efeitos perversos da globalização neoliberal, dentre outros.

Em *Precarious Life*, de 2004, Butler argumentou que a insuperável interdependência que nos caracteriza enquanto habitantes de um mesmo mundo deveria nos fazer ver o absurdo das políticas de segurança máxima. Tais políticas pretendem controlar o incontrolável e conquistar o impossível, isto é, tornar-nos totalmente protegidos contra toda forma de ataque, ao mesmo tempo em que franqueiam a via para a eliminação de

199. Cf. Arendt, *The human condition*, *op. cit*, p. 198. Desenvolvi estes argumentos em estudos anteriores. Cf. Duarte, A. "Comunidade, singularização e subjetivação: notas sobre os coletivos políticos do presente." In: *O Que nos Faz Pensar* (PUCRJ), v. 35, p. 12-34, 2015; "Hannah Arendt como pensadora da comunidade." In: *O Que nos Faz Pensar* (PUCRJ), v. 29, p. 22-40, 2011.

pandemia e pandemonio livro.indd 146 13/08/2020 18:30:30

quaisquer inimigos. Seu objetivo naquela obra era convidar os norte-americanos a acolherem a dor e o luto infligidos pelos ataques terroristas do 11 de setembro, levando-os a extrair daí uma nova forma de reflexão ético-política: em vez de reagir de maneira cega e explosiva, produzindo ainda mais sofrimento no mundo, melhor seria refletir sobre a desigualdade na distribuição mundial da precariedade que nos é comum. Tratava-se de tomar aquela triste e aterrorizadora oportunidade como ocasião para imaginar um mundo menos violento, "no qual a interdependência inevitável seja reconhecida como a base para uma comunidade política global."[200] Somos vulneráveis e nos encontramos expostos à precariedade porque vivemos num mundo em que as relações de interdependência são inescapáveis, isto é, jamais seremos soberanos no sentido de nos tornarmos protegidos contra toda e qualquer agressão vinda dos outros. Em outras palavras, assumir tal soberania somente pode levar à multiplicação de atos de violência crescentes, numa espiral interminável. Os ataques terroristas e as violentas reações norte-americanas subsequentes mostraram a Butler que a clivagem entre as vidas dignas de ser louvadas e veladas e as vidas indignas e inumanas "opera de maneira a produzir e manter algumas concepções excludentes acerca de quem é humano em sentido normativo: o que conta como vida vivível e como morte que se deve velar?"[201]

Foi no contexto dessa reflexão sobre o caráter ontológico-*ek-stático* da existência humana, sempre transpassada por relações de interdependência mútua, que Butler assumiu em seu pensamento uma base normativa a partir da qual passou a pensar as lutas e demandas por direitos iguais e por iguais garantias para a viabilidade de todas as formas de vida em um mundo plural e compartilhado. Seguindo as trilhas da análise arendtiana do julgamento de Adolf Eichmann, o responsável pela engenharia de transportes e deportações que tornou possível a solução

200. Cf. Butler, Judith. *Precarious life. The powers of mourning and violence.* Londres e Nova York: Verso, 2004, pp. xii-xiii.

201. Cf. Butler, *Precarious life*, pp. xiv-xv.

pandemia e pandemonio livro.indd 147 13/08/2020 18:30:30

final nos campos de morte do nazismo[202], Butler caracterizou o genocídio como o resultado de uma decisão absurda, porque violadora do princípio ético-político e existencial da pluralidade: "o caráter não-escolhido da coabitação é, para Arendt, a condição de nossa própria existência ético-política."[203] Butler vincula esse preceito ontológico-normativo arendtiano acerca da pluralidade como condição humana inescapável, ao caráter frágil e precário de todas as formas de vida, extraindo daí um programa político para o agir coletivo:

> *devemos conceber instituições e políticas que afirmem e preservem o caráter não-escolhido da coabitação plural e sem fim*. Não apenas vivemos com aqueles que nunca teremos escolhido e para com os quais não temos um sentido imediato de pertencimento social, mas também estamos obrigados a preservar aquelas vidas e a pluralidade aberta que é a população global.[204]

Se a política está associada à administração da condição existencial da precariedade humana, então é preciso reconhecer que há populações mais expostas do que outras aos efeitos da precariedade que nos é constitutiva. Assumindo o pressuposto de que todas as formas de vida devem ser tratadas de maneira igualitária, bem como devem ser igualmente vivíveis, Butler propõe uma política pós-identitária de alianças, destinada a englobar as categorias sociais mais sujeitas e expostas aos processos de indução social e política da precariedade. Políticas de aliança ou de coalizão pós-identitária entre populações vulneradas são políticas que ressaltam a interdependência e o caráter relacional e compartilhado de nossa subjetividade, transcendendo o ho-

202. Cf. Arendt, Hannah. *Eichmann in Jerusalen: a report on the banality of Evil.* Nova York: Penguin Books, 1992.

203. Cf. Butler, Judith. "Precarious Life and the Obligations of Cohabitation", 2011. Disponível em http://bodiesinmovement.blogspot.fr/2011/06/lecture-judith-butler-precarious-life.html Consultado em 24.06.20.

204. Butler, "Precarious Life and the Obligations of Cohabitation", *op. cit.*, p.13; itálicos da autora.

pandemia e pandemonio livro.indd 148 13/08/2020 18:30:30

rizonte restrito das políticas definidas a partir de identidades fechadas e excludentes. Ao pensar o problema sócio-político da precariedade a que estão expostas diversas categorias de pessoas, e mesmo populações inteiras, a questão que se coloca para Butler é a da formação de "alianças entre várias minorias ou populações consideradas descartáveis."[205] Segundo a autora, portanto, a condição da precariedade deve favorecer a formação de alianças e coalizões entre os precarizados, mesmo, e sobretudo, a despeito da inexistência de quaisquer laços identitários entre eles:

> Precariedade é a rubrica que reúne mulheres, *queers*, pessoas transgêneras, os pobres, os habilitados de modo diferente, os apátridas, mas também minorias religiosas ou étnicas: é uma condição social e econômica, mas não uma identidade (de fato, ela perpassa todas essas categorias e produz alianças potenciais entre aqueles que não se reconhecem como pertencentes uns aos outros).[206]

Ao observar o recrudescimento das políticas e das mensagens de ódio que induzem ao aumento da violência e da discriminação contra as populações precarizadas, isto é, diante da intensificação dos processos de exclusão do sujeito considerado inviável e abjeto, Butler apela às lutas por justiça social como condição para minorar os efeitos da precariedade que nos é constitutiva, mas que, de modo algum, pode ser dissociada das instituições sociais e políticas sob as quais existimos. Por certo, a "precariedade expõe nossa socialidade às dimensões frágeis e necessárias de nossa interdependência"[207] e constitui o princípio de uma "ontologia social diferente", no sentido de que "ninguém escapa à dimensão precária da vida social – poder-se-ia dizer que

205. Cf. Butler, *Notes toward a performative theory of assembly*, *op. cit.*, p. 27.

206. Cf. Butler, *Notes toward a performative theory of assembly*, *op. cit.*, p. p. 59.

207. Cf. Butler, "Precarious Life and the Obligations of Cohabitation", *op. cit.*, p.20.

pandemia e pandemonio livro.indd 149 13/08/2020 18:30:30

ela é nossa comum não-fundação."[208] Entretanto, seu propósito não é permanecer no plano de uma reflexão ontológica sobre o existente humano, mas, antes, definir a precariedade como princípio normativo ético-político, capaz de orientar a ação coletiva visando a garantir condições de viabilidade e vivibilidade àquelas formas de vida mais evidentemente expostas à morte e à vulnerabilidade socialmente induzidas. Deste modo, em vez de considerar a precariedade como fatalidade ou passividade insuperáveis, que obstariam ou tornariam fútil toda ação ético-política, Butler argumenta que "lutamos na, a partir da e contra a precariedade."[209] Numa perspectiva ético-política, portanto, a noção de "precariedade somente faz sentido, se formos capazes de identificar como temas claramente políticos a dependência corporal e as necessidades, a fome e a necessidade de abrigo, a vulnerabilidade à destruição e à injúria, assim como formas de confiança social que nos deixem viver e façam prosperar as paixões vinculadas à nossa própria persistência."[210]

Compreende-se, assim, porque a disseminação de discursos de ódio e de incitação à violência e discriminação contra as populações vulneradas e suas formas de luta, de resistência e de ação coletiva, pode levar não apenas à estagnação da democracia, mas à sua crise no sentido aqui determinado, ou seja, o de seu esvaziamento ou perversão. A crise da democracia não pode ser entendida apenas no sentido de seu esgarçamento jurídico-político e institucional, ou como decorrência de graves problemas econômicos, sociais ou culturais de natureza local e circunstancial, mas deve também ser entendida como resultado de um modo ultraconservador de ser no mundo, que enxerga a democracia sob a perspectiva do ódio, segundo os termos de Rancière. A proliferação de discursos e atos de ódio contra populações vulneradas as reduz à figura estigmatizada da abjeção indesejável, acionando-se,

208. Butler, "Precarious Life and the Obligations of Cohabitation", *op.* cit, p. 21.

209. Butler, "Precarious Life and the Obligations of Cohabitation", *op.* cit, p. 24.

210. Butler, "Precarious Life and the Obligations of Cohabitation", *op.* cit, p. 19.

pandemia e pandemonio livro.indd 150 13/08/2020 18:30:30

assim, a lógica biopolítica imunitária da cisão da sociedade em um 'nós' e um 'eles', que legitima políticas de amedrontamento, vigilância, controle e extermínio.

Por outro lado, as populações que se encontram à margem do ideal fantasmático do Homem de Bem são aquelas que reinventam a democracia como poder do *demos* em suas lutas e demais formas de resistência. Esclarece-se, assim, a natureza da relação entre *demos* e democracia, com o quê, ademais, também se compreende por que a democracia entra em crise terminal, quando as populações vulneráveis se tornam o alvo de discursos de ódio, preconceito, discriminação e violência. Numa palavra, a democracia entra em crise quando se bloqueia a via que permite sua redefinição e ampliação contínuas, a fim de expandir o âmbito da cidadania e do acesso às condições para uma vida digna.

pandemia e pandemonio livro.indd 151 13/08/2020 18:30:30

O bolsonarismo como ideologia

pandemia e pandemonio livro.indd 153 13/08/2020 18:30:31

Finalmente, cabe indagar como e por que o (des)governo Bolsonaro pode contar ainda com o apoio declarado de expressiva parcela do eleitorado.[211] Hannah Arendt, creio, pode nos oferecer algumas indicações a esse respeito. Se é certo que a extrema-direita mundial contemporânea não deve ser reduzida ao papel de mera repetidora das práticas e discursos do fascismo e do totalitarismo do século passado, persistem paralelos entre essas diferentes figurações do extremismo antidemocrático, caracterizado por formas de governo que se amparam no ódio, na produção intensiva de discriminações e na criação de condições propícias para o abandono e genocídio de populações inteiras. Na parte final deste ensaio gostaria, então, de me deter na noção arendtiana de ideologia totalitária, a fim de explicitar alguns aspectos importantes envolvidos na adesão fanatizada de parte expressiva dos eleitores brasileiros a um projeto necropolítico de esvaziamento da democracia.

Tomo como ponto de partida um texto de Thiago Dias da Silva, no qual o autor sugere que retornemos ao *Origens do Totalitarismo*, de Hannah Arendt, para compreender alguns aspectos do presente nacional.[212] Para isso, contudo, o autor adverte que é preciso evitar qualquer decalque dogmático dos grandes temas e conceitos da reflexão arendtiana, datada dos finais dos anos 1940 e início dos anos 1950, sobre o nosso próprio tempo e realidade. Assim, um primeiro aspecto importante a se considerar é o fato de que o Brasil não se

211. Pesquisa DataFolha de 28.05.20, feita por telefone, aspecto que torna seu resultado menos fiável do que a pesquisa por entrevista presencial, indica que a aprovação do governo Bolsonaro, já sob os efeitos da pandemia, permanece estabilizada na faixa dos 33%; a taxa dos que o consideram regular chega a 22% e a taxa dos que o reprovam chega a 43%. Embora se observe a diminuição da taxa de avaliações que consideram o governo como regular e o crescimento da taxa de sua reprovação, não deixa de ser digno de nota que mais de 30% do eleitorado ainda se mostre satisfeito com seu desempenho.

212. Cf. da Silva, Thiago Dias: "Hannah Arendt e o ativismo dos indiferentes do bolsonarismo". Disponível em https://revistacult.uol.com.br/home/hannah-arendt-bolsonarismo/. Consultado em 15/04/2020. As citações subsequentes se referem a este ensaio. Agradeço a Eduardo Surian Matias por me haver sugerido este texto.

pandemia e pandemonio livro.indd 154 13/08/2020 18:30:31

encontra sob um regime totalitário e nem tampouco parece rumar para esse horizonte, ao menos se respeitarmos as linhas gerais da definição arendtiana do totalitarismo.[213] Um primeiro aspecto importante a esse respeito passa já pela constatação de que o bolsonarismo sequer constitui uma ideologia coesa, capaz de definir e propor um objetivo político concreto. Na melhor das hipóteses o bolsonarismo pode ser entendido como o amálgama de diversos elementos ideológicos negativos, tanto no sentido de que não se sabe ao certo o que pretendem alcançar, quanto no sentido de que se orientam por práticas e por discursos políticos de caráter eminentemente destrutivo. Se o bolsonarismo não apresenta um programa político consistente, sabemos claramente o que ele não quer: não quer diversidade e pluralidade, entendidos como sintomas de desordem, de perda de unidade e de perda dos valores tradicionais da família, da religião cristã e da pátria. Também não quer promover direitos sociais, identificados ao temor de um suposto comunismo já a ponto de se instalar no país. Não quer tampouco promover igualdade, identificada com a perda das diferenciações sociais e com uma noção vaga e espúria acerca de supostos privilégios para os pobres e demais categorias sociais historicamente vulneradas no país (Segundo Bolsonaro, no Brasil "tudo é coitadismo. Coitado do negro, coitado da mulher, coitado do gay, coitado do nordestino, coitado do piauiense. Vamos acabar com isso", disse ele em 23.10.2018). Finalmente, o bolsonarismo repudia o pensamento, a ciência e a crítica, motivo pelo qual ataca as Universidades públicas e as acusa de serem antros de promoção da balbúrdia, do consumo de drogas e de organização de orgias sexuais etc. Antes de caracterizarmos apressadamente essa carência de programa político do bolsonarismo como sua falha política mais grosseira, cabe recordar que, para Arendt, a indiferença para com qualquer programa de governo indica não apenas a "originalidade" das formas fanatizadas e extremistas de exercício do poder, mas também a redução de qualquer debate acerca do exercício do poder a "meras formalidades".[214]

213. Discuti a concepção arendtiana do totalitarismo no cap. 1 de *O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia no pensamento de Hannah Arendt.* São Paulo: Paz e Terra, 2000.

214. Cf. Arendt, *Origens do Totalitarismo, op. cit.*, p. 407.

pandemia e pandemonio livro.indd 155 13/08/2020 18:30:31

A base de apoio ao candidato e ao presidente Bolsonaro constitui-se a partir daquilo que Thiago da Silva denominou, sob a inspiração de Arendt, como um movimento de politização moralizada dos indiferentes, isto é, daqueles indivíduos que jamais se interessaram pela política como coisa comum. Quando os indiferentes se politizam, eles acabam por moralizar as relações políticas, donde a importância do tema do combate à corrupção como elemento amalgamador do bolsonarismo enquanto movimento.[215] Essa moralização da política também traz consigo a politização dos costumes e dos valores morais, donde o ódio à diversidade sexual, religiosa, cultural, regional etc. Quando se politizam, os indiferentes não levam em consideração a política como assunto de interesse comum, mas a reduzem a um jogo mesquinho de interesses privados, aos quais acrescentam apelos emocionados a valores morais tradicionais. Esta atitude moralizadora para com a política perpassa todas as classes sociais, o que lhe dá aspecto de coesão, razoabilidade e respeitabilidade. Segundo essa lógica moralizadora e privatizadora da coisa política, tudo se passa como se os problemas da economia nacional pudessem ser resolvidos "se todos acordarem mais cedo para trabalhar", afirma Thiago da Silva. Do mesmo modo, os problemas sociais seriam rapidamente solucionados por meio da aplicação de "castigos mais severos. Insensíveis ao tempo da política, acreditam que grandes mudanças exigem apenas o tempo de demonstração de suas verdades, creem no fim instantâneo da corrupção e nos efeitos imediatos de leis moralizantes." A política passa a ser vista como atividade que deve ser recusada, gerando-se, então, o sentimento de revolta contra o sistema político e sua temporalidade e dinâmica próprias. Tais problemas se acentuam ainda mais em tempos de uso intensivo

215. Leonardo Avritzer argumentou que o combate à corrupção assumiu no Brasil, no período entre 2014-2018, um papel perigosamente totalitário, operando segundo a "chave analítica" que distingue e contrapõe "limpos" contra "impuros", Cf. *Política e antipolítica*, *op. cit.*, p. 20. Ainda segundo Avritzer, "Com a Lava Jato, o direito no Brasil seguiu o molde de experiências totalitárias, renunciando à ideia de que a lei deveria ser a única fonte para determinar o que é legal ou ilegal." *Op. cit,* p.20.

pandemia e pandemonio livro.indd 156 13/08/2020 18:30:31

das redes sociais, aspecto que agrava os perigos do bolsonarismo como tomada de posição política que se volta contra a política.

Se é certo que o bolsonarismo não constitui uma ideologia coesa, creio que a maneira como Arendt definiu a ideologia totalitária oferece importantes indicações para compreendermos a força coesiva do apoio a Bolsonaro, mesmo sob condições políticas, econômicas e sanitárias mais do que adversas. Não se trata, portanto, de pensar um suposto conteúdo totalitário impregnado no bolsonarismo, mas de pensar a forma ideológica a partir da qual o bolsonarismo enquanto movimento político opera, sustentando e promovendo efeitos de fanatismo. Como afirmou Marcos Nobre, "desde que ficou evidente que a pandemia iria atingi-lo em cheio, ali pelo início de março de 2020, Bolsonaro decidiu refugiar-se no seu bastião mais fanático de apoiadores."[216] Cabe notar, primeiramente, que o fenômeno do fanatismo político não deve ser entendido como pertencente ao campo da psicopatologia. O fanatismo político não é o mesmo que o cultivo perverso ou doentio da maldade pela maldade ou por puro prazer, embora, em termos políticos, toda forma de perversão se faça acompanhar de fanatismo. Mas nem todo fanático é um perverso ou um sociopata. Aqueles que se deixam fanatizar por ideologias políticas autoritárias são bastante normais em seu cotidiano, são até assustadoramente normais, no sentido de seu desejo de conformação às normas que procuram impor aos demais: podem ser excelentes pais de família, podem ser sociáveis, amistosos, podem ser até mesmo intelectualmente bem formados. Lembremo-nos da Alemanha nazista.

---

216. Cf. Nobre, *Ponto Final, op. cit.*, p. 12. O grau de fanatismo político desta base de apoio é certamente variável. Marcos Nobre ampara-se em pesquisa de opinião do Instituto DataFolha de setembro de 2019 para afirmar que o chamado núcleo duro do bolsonarismo gira em torno de 12% dos eleitores. Cf. *Ponto Final, op. cit.,* p.72. Ora, essa parcela radicalizada exerce poderoso efeito político sobre aquelas parcelas mais amplas, cuja avaliação do governo engloba aqueles que o avaliam como bom ou ótimo até aqueles que o avaliam como apenas regular, e cuja soma chega a aproximadamente 55% dos eleitores, como vimos.

pandemia e pandemonio livro.indd 157 13/08/2020 18:30:31

Pensar o fanatismo também requer pensar o mundo no qual ele faz sua aparição e se enraíza. Recordo que, para Arendt, o fanatismo político tem de ser entendido em associação com a categoria social das "massas", aquele contingente de

> pessoas que, seja por causa de seu número, seja por causa da indiferença, ou por causa da combinação de ambos, não podem ser integradas em nenhuma organização baseada no interesse comum (...). Potencialmente, as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder de voto.[217]

O traço que melhor caracteriza as massas é sua desarticulação e desinteresse pelo mundo comum, isto é, sua perda de qualquer "interesse comum" e mesmo sua perda do "senso comum", pois não consideram que haja um sentido comum "entre" as pessoas, um elo capaz de estabelecer alguma forma de relação entre elas e o mundo enquanto mundo compartilhado. Há certamente muitos motivos históricos, sociais, políticos e filosóficos pelos quais se pode observar essa perda de vínculo comum no mundo contemporâneo, mas o que importa ressaltar aqui é que ela significa a perda do laço que se estabelece entre as pessoas em uma determinada comunidade, instaurando-se, assim, um modo privativo de ser no mundo, que Arendt definiu como a "moderna alienação do homem frente ao mundo."[218] *Amor mundi*, a insígnia primeira do pensamento arendtiano, é uma atitude ou um modo de ser no mundo que o fanático político simplesmente desconhece: ele pode amar um Deus, um líder, sua família, seus valores morais e o que mais se quiser, mas jamais será capaz de compreender que se possa amar o mundo em sua pluralidade e diversidade. O fanático jamais entenderá o mundo como aquilo que resulta do esforço coletivo orientado para a constituição do que é comum e do que é público, jamais poderá reconhecer que amar o mundo é respeitar sua pluralidade intrínseca.

217. Cf. Arendt, *Origens do Totalitarismo, op. cit.*, p. 361.

218. Cf. Arendt, *Entre o Passado e o Futuro, op. cit.*, p. 84.

pandemia e pandemonio livro.indd 158 13/08/2020 18:30:31

O fanatismo político é um fenômeno que depende da recusa em se pensar o mundo historicamente, motivo pelo qual rechaça também toda e qualquer tradição política, sendo antissistêmico por definição. O fanático político se entende como não-político ou como anti-político, o que é muito perigoso, pois se ampara em um modo de ser no mundo desprovido de profundidade e indiferente para com as consequências de seus próprios atos. Uma existência banal é também aquela que pode perpetrar o mal sem nem mesmo se dar conta daquilo que faz: justamente por não ter raízes, o mal no âmbito da política pode se espalhar com grande rapidez sobre a superfície do mundo, como um fungo, segundo a opinião de Arendt.[219] Como ela nos recorda, "o nazismo começou sem qualquer base tradicional e seria bom perceber o perigo desta negação radical de toda tradição, que foi o seu traço principal desde o começo".[220] Outro aspecto importante para a constituição de movimentos de fanatismo político diz respeito à existência de vastas parcelas da população expostas à condição de superfluidade e insignificância, no sentido da sua ausência de lugar e relevância no mundo. Segundo Arendt, "o perigo que o totalitarismo põe diante de nossos olhos – e este perigo, por definição, não será superado meramente com a derrota dos governos totalitários – se origina do desenraizamento (*rootlessness*) e da ausência de lugar (*homelessness*), que poderiam ser chamados como os perigos da desolação (*loneliness*) e da superfluidade".[221] Assim, é das entranhas de uma sociedade atomizada, em que as relações intersubjetivas se encontram esgarçadas, que provêm os adeptos do fanatismo político. Num contexto como este, Arendt nos adverte de que a propaganda pode, então, "insultar o senso comum", visto que de todo modo ele já perdera sua "validade."[222]

219. Veja-se http://www.ihu.unisinos.br/169-noticias/noticias-2015/539470-o-mal-pode-ser-extremo-nao-radical-carta-de-hannah-arendt-; consultado em 10.06.20

220. Cf. Arendt, Hannah. *Essays in Understanding*. Nova York: Harcourt-Brace Jovanovich, 1994, p. 108.

221. Cf. Arendt, *Essays in Understanding, op. cit.*, p. 360.

222. Cf. Arendt, *Origens do Totalitarismo, op. cit.*, pp. 401-402.

pandemia e pandemonio livro.indd 159 13/08/2020 18:30:31

Finalmente, observe-se que não há fanatismo político na ausência de um líder carismático, embora nem todo líder carismático lidere movimentos políticos de fanáticos. Em fenômenos de sectarismo político radicalizado, o líder de massas é sempre infalível em suas predições, nunca pode admitir que errou. É a partir de seu discurso que se formulam as premissas ideológicas do movimento, formuladas a partir do total desprezo para com a verdade dos fatos, já que os "fatos dependem exclusivamente do poder do homem que os inventa."[223] O líder do movimento político sectário é a instância viva que garante a coesão do grupo que lidera, é o foco de coagulação ou ligação direta com os integrantes do movimento, estabelecendo uma ponte entre eles e o mundo, ao mesmo tempo em que ele próprio institui uma parede protetora entre os adeptos do movimento e o mundo em sua diversidade. Arendt ressalta que "a suprema tarefa do Líder é personificar a dupla função que caracteriza cada camada do movimento – agir como a defesa mágica do movimento contra o mundo exterior e, ao mesmo tempo, ser a ponte direta através da qual o movimento se liga a esse mundo."[224]

Tentemos agora caracterizar a dinâmica propriamente ideológica do bolsonarismo enquanto movimento político de fanáticos. O bolsonarismo como ideologia se distingue da demagogia política ou do emprego sistemático da mentira na política, fenômenos tão antigos como a própria invenção da política. O bolsonarismo vai mais adiante, pois visa a embaralhar a própria distinção entre verdade e mentira, tornando inócua a própria distinção. A lógica da ideologia que caracteriza os movimentos políticos fanatizados é a da radical generalização de aspectos aparentemente plausíveis de uma determinada realidade social, até o ponto em que se consiga criar um mundo fechado, isto é, um "mundo fictício capaz de competir com o mundo real, cuja principal desvantagem é não ser lógico, coerente e organizado. A coerência da ficção e o rigor organizacional permitem que a generalização sobreviva ao desmascaramento de certas mentiras

223. Cf. Arendt, *Origens do Totalitarismo, op. cit.*, p. 399.

224. Cf. Arendt, *Origens do Totalitarismo, op. cit.*, p. 424.

pandemia e pandemonio livro.indd 160 13/08/2020 18:30:31

mais específicas ..."[225] São essas realidades ideológicas ficcionais, descoladas de qualquer amparo na verdade factual, que passam a inundar as redes sociais na forma de *fake news* divulgadas por sistemas de disparo eletrônico financiados privadamente. O bolsonarismo como ideologia também visa a inviabilizar as categorias políticas ao tornar impossível a distinção entre conceitos opostos, como liberdade, democracia e ditadura: no mesmo instante em que o presidente comparece a atos públicos que pregam a intervenção militar e o fechamento do Congresso e do STF, ele também se afirma como um democrata que encarna a própria Constituição: "Eu sou realmente a Constituição."[226] Ato contínuo, aqueles que enfaticamente defendem a implantação de uma ditadura no país se consideram a si mesmos como defensores da liberdade e da própria democracia. Marcos Nobre observou muito acertadamente que, para Bolsonaro, "a 'verdadeira democracia' é apenas aquela que existia durante a ditadura militar. Quem conseguir entender a expressão 'a democracia da ditadura era a verdadeira democracia' conseguirá entender Bolsonaro."[227]

Para compreender como opera essa produção de mundos fictícios, descolados da realidade, bem como o efeito de embaralhamento de conceitos opostos no contexto do bolsonarismo como ideologia, é preciso retomar o modo como Arendt definiu a ideologia. Em se tratando de fenômenos políticos de sectarismo fanatizado, a ideologia deve ser entendida como a "lógica de uma ideia," no sentido de que "a ideologia trata o curso dos acontecimentos como se seguisse a mesma 'lei' adotada na exposição lógica de sua 'ideia'." [228] Neste sentido preciso, a ideologia nada tem que ver com a ideia de falsa consciência ou com a distorção interessada e enviesada de fatos e argumentos. Aliás, no caso do bolsonarismo como movimento político autoritário de extrema-

225. Cf. Arendt, *Origens do Totalitarismo*, *op. cit.*, p. 411.

226. Veja-se notícia do dia 20.04.20 publicada no jornal Folha de São Paulo. Cf. https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/democracia-e-liberdade-acima-de-tudo-diz-bolsonaro-apos-participar-de-ato-pro-golpe.shtml Consultado em 26.06.20.

227. Cf. *Ponto Final*, *op. cit.*, p. 20.

228. Cf. Arendt, *Origens do Totalitarismo*, *op. cit.*, p. 521.

pandemia e pandemonio livro.indd 161 13/08/2020 18:30:31

direita, sectário e fanatizado, cumpre observar que a ideologia não busca ocultar nada, antes pelo contrário, diz abertamente tudo o que há para dizer, deduzindo conclusões apressadas a partir de premissas enunciadas pelo líder, sem qualquer compromisso com a sua verificação na realidade compartilhada. Um dos talentos do líder de movimentos políticos sectários é justamente sua capacidade de escolher dentre as ideologias já existentes aqueles "elementos que mais se prestam como fundamentos para a criação de um mundo inteiramente fictício."[229] O aspecto relevante para o membro de um movimento político fanatizado não é propriamente o conteúdo da ideologia, aquilo que ela diz ou a veracidade do que é dito, mas sim o fato de que, uma vez enunciada pelo líder, ela deixa de ser questão sujeita a debate de opinião, pois se torna uma "parte tão real e intocável de sua vida como as regras de aritmética."[230] Assim, seja qual for a premissa primeira, é a própria realidade na sua totalidade que passa a ser compreendida segundo o modelo simplista de um silogismo infalível, à custa da suposição inquestionável de que

> uma ideia é suficiente para explicar tudo no desenvolvimento da premissa, e que nenhuma experiência ensina coisa alguma porque tudo está compreendido nesse coerente processo de dedução lógica. O perigo de trocar a necessária insegurança do pensamento filosófico pela explicação total da ideologia e por sua *Weltanschaaung* não é tanto o risco de ser iludido por alguma suposição geralmente vulgar e sempre destituída de crítica quanto o de trocar a liberdade inerente da capacidade humana de pensar pela camisa-de-força da lógica, que pode subjugar o homem quase tão violentamente quanto uma força externa.[231]

Dada a premissa estabelecida pelo líder do movimento político, segue-se logicamente que... Tudo depende de premissas simples e diretamente compreensíveis, acessíveis, achatadas, facilmente assimiláveis e carregadas de forte teor emocional,

229. Cf. Arendt, *Origens do Totalitarismo, op. cit.*, p. 411.

230. Cf. Arendt, *Origens do Totalitarismo, op. cit.*, p. 412.

231. Cf. Arendt, *Origens do Totalitarismo, op. cit.*, p. 522.

pandemia e pandemonio livro.indd 162 13/08/2020 18:30:31

brandindo o perigo de que meu estilo de vida, o único correto, esteja a ponto de ser eliminado pelo comunismo e sua ditadura do politicamente correto, por exemplo. Em síntese, diz Arendt, as ideologias são "sistemas de explicação da vida e do mundo que pretendem explicar tudo, passado e futuro, sem maior reconhecimento da experiência efetiva."[232] Por isso, as ideologias dos movimentos políticos de fanáticos são sempre necessariamente simplórias, embora muito eficazes: o que seduz a imaginação das massas não são fatos verificáveis, mas a coerência com que podem ser apresentados num sistema de crenças fechado.

Neste sentido, seguir uma ideologia é o verdadeiro oposto de experimentar o exercício difícil e incerto do pensamento. Se o pensamento é aberto e sujeito à dúvida, a ideologia própria aos fanatismos políticos é reconfortante, pois confere segurança e sentido de pertencimento aos membros do movimento. Arendt observou que, se as massas fogem da realidade em seu caráter diversificado, é porque já vivem em um mundo no qual estão destituídas de um lugar significativo. Ou seja, ao fugirem da realidade para a ficção sistematicamente coerente e fechada, as massas "pronunciam um veredito contra um mundo no qual são forçadas a viver e onde não podem existir".[233] Como já se encontram isoladas e atomizadas, privadas daquelas "relações comunitárias em que o bom-senso faz sentido", as massas se entregam com ardor às ficções da ideologia, pois ali se sentem seguras e valorizadas, no sentido de que tal "fuga da realidade lhes permite manter um mínimo de respeito próprio."[234] Sob o crivo da ideologia, a vida dos adeptos de um movimento político fanatizado subitamente conquista um sentido coerente, algo de que antes ela se encontrava privada. Este é um aspecto essencial para compreender o que motiva a adesão férrea ao fanatismo político: os adeptos do movimento se veem protegidos da realidade e envoltos num ambiente seguro, no qual apenas o mesmo bordão é repetido à exaustão, até alcançar ares de evidência. Enquanto o

232. Cf. Arendt, *Essays in Understanding, op. cit.*, pp. 349-350.

233. Cf. Arendt, *Origens do Totalitarismo, op. cit.*, p. 401.

234. Cf. Arendt, *Origens do Totalitarismo, op. cit.*, p. 402.

pandemia e pandemonio livro.indd 163 13/08/2020 18:30:31

pensamento é imprevisível e, portanto, a mais livre e pura dentre todas as atividades humanas, a dedução lógico-política de caráter simplório traz consigo a coerção própria de um único caminho estrito a ser seguido: obedecer é mais fácil que questionar. Assim, o seguidor ideal dos movimentos políticos marcados pelo fanatismo é "aquele para quem já não existe a diferença entre o fato e a ficção, (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios do pensamento.)"[235]

Sob o domínio da ideologia, o mundo e a própria realidade acabam perdendo toda e qualquer nuance, toda e qualquer complexidade: tudo se aplaina, tudo se achata, tudo fica mais cinzento, mas nem por isso menos seguro. O ponto de máxima saturação da lógica ideológica do sectarismo político é alcançado quando um grupo de pessoas passa a viver segundo os princípios de que, "quem não está incluído está excluído", e de que "quem não está comigo está contra mim."[236] Ora, justamente por esses motivos é impossível conversar com um bolsonarista fanático, pois ele/ela já não mantêm qualquer contato com a realidade em seu caráter necessariamente plural e compartilhado, mas vivem encerrados no interior da cadeia lógica disparada pelas premissas difundidas em escala de massas pelo líder ultraconservador do movimento.

Contudo, a despeito de sua aparência de férrea consistência, tal sistema de ideias e valores é, na realidade, bastante frágil, pois sem a força de coesão da organização viva do movimento político fanatizado, toda a coerência da ideologia sectária se esvai e os antigos adeptos deixam imediatamente de "acreditar no dogma" pelo qual, ainda ontem, estariam dispostos a "sacrificar a vida."[237] Isto significa que é preciso combater o bolsonarismo como movimento sectário desestruturando as suas formas inovadoras de organização política flexível e móvel, bastante distintas e mais ágeis que a estrutura burocrática dos partidos políticos. (Não é de se espantar que Bolsonaro não se importe em não pertencer a partido algum, portanto.) Em suma, é preciso quebrar o elo

235. Cf. Arendt, *Origens do Totalitarismo, op. cit.*, p. 526.

236. Cf. Arendt, *Origens do Totalitarismo, op. cit.*, p. 430.

237. Cf. Arendt, *Origens do Totalitarismo, op. cit.*, p. 413.

pandemia e pandemonio livro.indd 164 13/08/2020 18:30:31

que mantém unidos e coesos o líder, sua *entourage* mais próxima, a elite um pouco mais ampla que também desfruta do contato direto com o líder, os membros dos partidos políticos aderentes ao movimento, bem como a ampla gama de seus apoiadores, desde aqueles mais fanatizados, que integram os agrupamentos de vanguarda que se lançam em ações clandestinas de violência real ou pelas redes, até aquelas vastas parcelas da população que simplesmente reproduzem as estultices proferidas pela liderança e pelos círculos mais próximos do centro de poder. Um dos meios mais eficazes para se quebrar tais elos é combater e debelar a estrutura organizacional e financeira pela qual se garante a difusão em massa das premissas ideológicas do movimento pelas redes sociais. Cortando-se a fonte de propagação da ideologia, o movimento tende a se enfraquecer e a perder sua coesão viva, isto é, tende a perder seu poder de mobilização, ameaçando esfarelar-se.

Outro aspecto importante do combate à estrutura ideológica do bolsonarismo diz respeito à exigência de começar a levar a sério as ações, discursos e omissões que organizam a racionalidade (algo caótica, é verdade) do líder e de sua *entourage* mais próxima. Se não há como conversar e convencer um bolsonarista fanático a mudar de opinião por meios argumentativos, cabe a nós, ao menos, começar a treinar os ouvidos para ouvir o que diz o líder supremo do movimento. Isto é algo para o quê não temos treino, sobretudo nós, intelectuais, especialistas das sutilezas e das entrelinhas. Para combater o bolsonarismo com as armas que são as nossas por formação, não temos outra escolha senão começar a refletir sobre os possíveis significados subjacentes a tantos disparates emanados da boca do líder. Se as estratégias políticas do (des)governo Bolsonaro beiram a loucura, reconheça-se ao menos que há método nessa loucura, de sorte que o melhor que temos a fazer nesse caso é não fechar os olhos, além de abrir os ouvidos.

Gostaria de concluir este ensaio mencionando uma passagem do final de *Respiração artificial*, novela do genial Ricardo Piglia, um dos mais importantes e talentosos escritores argentinos. Nela, Piglia nos diz que Kafka é "o homem que sabe ouvir".[238] Um dos

238. Cf. Piglia, Ricardo. *Respiração artificial.* São Paulo, Com-

pandemia e pandemonio livro.indd 165 13/08/2020 18:30:31

personagens criados por Piglia, Tardewski, se refere às anotações feitas por Kafka em seu diário, após encontrar-se no Café Arcos, em 1909, na cidade de Praga, com um excêntrico pintor austríaco, que dizia em alto e bom som coisas monstruosas e aberrantes, embalado por um "egocentrismo delirante, combinado com uma autopiedade histérica."[239] A despeito de não ser mais que reles figura insignificante, já então 'A.' via sua "transformação no Führer, no Chefe, no Senhor absoluto de milhões de homens, criados, escravos, insetos submetidos a seu domínio.".[240] O infame pintor de cartões postais discursava a plenos pulmões e ninguém parecia prestar atenção aos disparates que dizia, salvo Kafka, talvez o único capaz de lhe dar ouvidos, talvez o único capaz de compreender o significado terrível daquilo que ele dizia:

> A palavra *Ungeziefer*, disse Tardewski, com que os nazistas iriam designar os detidos nos campos de concentração, é a mesma que Kafka utiliza para designar aquilo em que se transformou Gregor Samsa certa manhã ao despertar. A utopia atroz de um mundo transformado em uma imensa colônia penal, é disso que lhe fala Adolf, o desertor insignificante e grotesco, que fala a Franz Kafka, que sabe ouvi-lo, nas mesas do café Arcos, em Praga, em fins de 1909. E Kafka acredita nele. Acha que é *possível* que os projetos impossíveis e atrozes daquele homenzinho ridículo e famélico se realizem e que o mundo se transforme naquilo que as palavras estavam construindo: O Castelo da Ordem e da Cruz gamada, a máquina do mal que grava sua mensagem na carne das vítimas. Então ele não soube ouvir a voz abominável da história? O gênio de Kafka está no fato de ter compreendido que, se aquelas palavras podiam ser ditas, é porque podiam ser realizadas. (...) Kafka faz em sua ficção, antes de Hitler, o que Hitler lhe disse que ia fazer. (...) Um futuro que o próprio Hitler via como impossível, sonho gótico onde chegava a transformar-se, ele, um artista piolhento e fracassado, no Führer. Nem o próprio Hitler, tenho certeza, acreditava em 1909 que aquilo fosse possível. Mas

panhia das Letras, tradução de Heloísa Jahn, 2010.

239. Cf. Piglia, *Respiração artificial*, *op. cit.*, p. 188.

240. Cf. Piglia, *Respiração artificial*, *op. cit.*, p. 189.

pandemia e pandemonio livro.indd 166 13/08/2020 18:30:31

Kafka sim, Kafka... sabia ouvir. Estava atento ao murmúrio enfermiço da história.[241]

241. Cf. Piglia, *Respiração artificial*, *op.cit.*, pp. 190-191.

pandemia e pandemonio livro.indd 167 13/08/2020 18:30:31

Referências Bibliográficas:

AGAMBEN, GIORGIO. "La invención de una pandemia". In *Sopa de Wuhan. Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias*. Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020.

_____. *Homo sacer. L'intégrale*. 1997-2015. Paris: Seuil, 2016.

AGIS, DOMINGO FERNÁNDEZ; GONZÁLEZ, ÁNGELA SIERRA. (Orgs.) *La biopolítica en el mundo actual*. Barcelona: Laertes, 2012.

ALMEIDA, SILVIO. *Racismo Estrutural*. Coleção Feminismos Plurais. Dirigida por Djamila Ribeiro. São Paulo: Pólen Livros, 2019. Versão Kindle.

ARENDT, HANNAH. "O mal pode ser extremo, não radical. Carta de Hannah Arendt." In *Instituto Humanitas Unisinos*. Disponível *online* em http://www.ihu.unisinos.br/169-noticias/noticias-2015/539470-o-mal-pode-ser-extremo-nao-radical-carta-de-hannah-arendt-. Consultado em 10.06.2020.

_____. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2005. Tradução de Mauro W. Barbosa.

_____. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Tradução de Roberto Raposo.

_____. *Essays in Understanding*. Nova York: Harcourt-Brace Jovanovich, 1994.

_____. *The human condition*. Chicago, University of Chicago Press, 1989.

_____. *Eichmann in Jerusalen: a report on the banality of Evil*. Nova York: Penguin Books, 1992.

Avritzer, Leonardo. *Política e antipolítica*, São Paulo: Todavia, 2020

BADIOU, ALAIN. "Sobre la situación epidémica". In *Sopa de Wuhan. Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias*. Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020.

BENHABIB, SEYLA. *Los derechos de los otros. Extranjeros, residentes y ciudadanos*. Tradução de G. Zadunaiski. Barcelona: Gedisa, 2005

pandemia e pandemonio livro.indd 168 13/08/2020 18:30:31

BENJAMIN, WALTER. “Sobre o conceito de história”. In *Walter Benjamin, obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política.* São Paulo. Brasiliense, 1986. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet.

BERARDI, FRANCO ‘BIFO’. “Crónica de la psicodeflación.” In *Sopa de Wuhan. Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias*. Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020.

BINKLEY, SAM; CAPETILLO-PONCE, JORGE. *A Foucault for the 21st Century. Governmentality, Biopolitics and discipline in the new millennium.* Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2010.

BROWN, WENDY. *Undoing the demos. Neoliberalism stealth revolution*. Nova York: Zone books, 2015.

_____. “American Nightmare: Neoliberalism, Neoconservatism, and De-democratization”. In Political Theory, vol. 34, n. 6 (Dezembro) 2006.

BUTLER, JUDITH. “El capitalismo tiene sus límites.” In *Sopa de Wuhan. Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias.* Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020.

_____. *Corpos em aliança e a política das ruas. Notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens, revisão de Carla Rodrigues.

_____.; SPIVAK, GAYATRI CHAKRAVORTY. *Who Sings the Nation-State?: Language, Politics, Belonging.* Seagull Books, 2010

_____. *Bodies that Matter*. On the discursive limits of ‘Sex’. New York: Routledge, 1993.

CANDIOTTO, CÉSAR. “Os indesejáveis do mundo: a relação entre migração e pobreza na atualidade.” Instituto Ciência e Fé, v. 4, p. 33-36, 2020.

CASTELLS, MANUNEL. *Ruptura, a crise da democracia liberal*. RJ: Zahar, 2018. Tradução de Joana Angélica D’Avila Melo.

CÉSAR, MARIA RITA DE ASSIS; DUARTE, ANDRÉ. “Governamento e Pânico Moral: corpo, gênero e diversidade sexual em tempos sombrios.” In *EDUCAR EM REVISTA*, v. 33, p. 141-155, 2017.

pandemia e pandemonio livro.indd 169 13/08/2020 18:30:31

CONRAD, JOSEPH. *Coração das Trevas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008. Traduzido por Sérgio Flaksman.

COLLIOT-THÉLÈNE, CATHERINE. *La démocratie sans demos*. Paris, PUF, Pratiques théoriques, 2011.

DA SILVA, THIAGO DIAS. "Hannah Arendt e o ativismo dos indiferentes do bolsonarismo". In *Revista CULT!*. Disponível em https://revistacult.uol.com.br/home/hannah-arendt-bolsonarismo/. Consultado em 15/04/2020.

DARDOT, PIERRE; LAVAL, CHRISTIAN. *La nouvelle raison du monde*. Essai sur la société néolibérale. Paris: La découverte, 2010.

DÍAZ, ANTONIO FUENTES. *Necropolítica. Violéncia y Excépcion en América Latina*. Puebla: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2012.

DI CESARE, DONATELLA. "O vírus soberano". In *Revista Piauí*, n. 163, abril de 2020. Disponível em https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-virus-soberano/#_ftnref1

DUARTE, ANDRÉ. "A pandemia e o pandemônio". In Blog da Bazar do Tempo, disponível em https://bazardotempo.com.br/a-pandemia-e-o-pandemonio-por-andre-duarte/

_____. "Direito a ter direitos como performatividade política: reler Arendt com Butler." No prelo do *Caderno CRH*, n. 89, 2020. Dossiê 60 anos de A condição Humana, de Hannah Arendt.

_____. "Democracia em crise: biopolítica e governamento neoliberal de populações". In *Revista Educação e Filosofia*, Universidade Federal de Uberlândia, n. 68, v. 33, 2020.

_____. "'E daí?' Governo da vida e produção da morte durante a pandemia no Brasil" In *O que nos faz pensar*, Revista de Filosofia da PUC-RJ, v. 29, n. 46, 2020.

_____; CÉSAR, MARIA RITA DE ASSIS. "O sertão entre as margens e o centro do mundo atual: notas sobre Bacurau." In VISO, Cadernos de Estética Aplicada, n. 26, jan.junho de 2020.

_____; CÉSAR, MARIA RITA DE ASSIS. "Le sertão au coeur du monde actuel: vie, violence et resistance dans Bacurau." In *Revue Débordements*. Disponível em https://www.debordements.fr/Le-sertao-au-coeur-du-monde-actuel

pandemia e pandemonio livro.indd 170 13/08/2020 18:30:31

_____. “Judith Butler e Hannah Arendt em diálogo: repensar a ética e a política In: *Vida e Liberdade: entre a ética e a política*. Curitiba: PUCPRESS, 2016, v.1, p. 311-336

_____. “Comunidade, singularização e subjetivação: notas sobre os coletivos políticos do presente.” In *O Que nos Faz Pensar* (PUCRJ), v. 35, p. 12-34, 2015.

_____. “Biopolítica e Soberania em Foucault: uma resposta às críticas de Agamben e Esposito.” In: Guilherme Castelo Branco; Helton Adverse. (Org.). *Clássicos e Contemporâneos em Filosofia Política*. Rio de Janeiro: Relicário, 2015.

_____. “Hannah Arendt e o pensamento político: a arte de distinguir e relacionar conceitos.” In *Argumentos*: Revista de Filosofia (Online), v. 1, p. 39-63, 2013.

_____. “Poder soberano, terrorismo de Estado e biopolítica: fronteiras cinzentas.” In: Guilherme Castelo Branco. (Org.). *Terrorismo de Estado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. “Hannah Arendt como pensadora da comunidade.” In *O Que nos Faz Pensar* (PUCRJ), v. 29, p. 22-40, 2011.

_____. *O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia no pensamento de Hannah Arendt*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ESPOSITO, ROBERTO. *Comunidad, Imunidad, Biopolítica*. Madrid: Herder, 2009. Tradução de Alicia García Ruiz.

_____. *Bíos. Biopolítica y Filosofía*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. Tradução de Carlo R. Molinari Marotto.

FOUCAULT, MICHEL. *Dits et Écrits*. Volume I. Paris: Gallimard, 1994a.

_____. *Dits et Écrits*. Volume VI. Paris: Gallimard, 1994b.

_____. *Dits et Écrits*. Volume III. Paris, Gallimard, 1994c.

_____. *História da sexualidade. Volume I – A Vontade de Saber*. 13ª ed. Rio de Janeiro, 1999. Tradução de M. T. da Costa Albuquerque e J. A. G. de Albuquerque.

_____. *Segurança, Território, População*. SP: Martins Fontes, 2008a. Tradução de Eduardo Brandão.

pandemia e pandemonio livro.indd 171 13/08/2020 18:30:31

_____. *Nascimento da Biopolítica*. SP: Martins Fontes, 2008b. Tradução de Eduardo Brandão.

_____. *Em defesa da sociedade*. SP: Martins Fontes, 2000. Tradução de Maria Ermantina Galvão.

_____. *Vigiar e Punir. Nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1984. Tradução de Ligia M. Pondé Vassalo. 3ª ed.

_____. *Le corps utopique, les hétérotopies*. Clémency: Lignes, 2009.

FRATESCHI, YARA. "Giorgio Agamben sendo Giorgio Agamben: o filósofo e a invenção da pandemia". In Blog da Biotempo, 2020, disponível em https://blogdaboitempo.com.br/dossies-tematicos/dossie-coronavirus/ Consultado em 2 de junho de 2020.

_____. "Essencialismos filosóficos e a 'ditadura do corona': sobre Giorgio Agamben, mais uma vez". In Blog da Biotempo, 2020, disponível em https://blogdaboitempo.com.br/dossies-tematicos/dossie-coronavirus/ Consultado em 2 de junho de 2020.

GALLO, SILVIO. "Fascismo e bionecropolítica na pandemia". In *Soma Libertária*. Cf. https://www.youtube.com/watch?v=ameViPfVMTU. Acessado em 25 de maio de 2020.

HAN, BYUNG-CHUL. "La emergencia viral y el mundo de mañana." In *Sopa de Wuhan. Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias*. Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020.

KALIL, ISABELA OLIVEIRA. "Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro". Disponível em https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf Consultado em 26.07.20.

KILOMBA, GRADA. Memórias da Plantação. RJ: Cobogó, 2019. Tradução de Jess Oliveira.

KECK, F. "Les usages du biopolitique". *L'Homme*. Révue française d'anthropologie. n. 187-188, 2008. https://journals.openedition.org/lhomme/29305 Consultado em 10/05/20.

LAGO, MIGUEL. "Uma esfinge na Presidência." In *Revista Piauí*, ed. 163, abril de 2020. Disponível em https://piaui.folha.uol.com.br/materia/uma-esfinge-na-presidencia/

LEMKE, THOMAS. *Biopolitics. An advanced introduction*. Nova Yourk e Londres: New York University Press, 2011.

LEVITSKY, STEVEN.; ZIBLATT, DANIEL. *Como as democracias morrem*. RJ: Zahar Ed., 2018, p. 20. Tradução de Renato Aguiar.

LIMA, FÁTIMA. "Bionecropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe. In *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Rio de Janeiro, 70: 20-33, 2018.

MARKUS, GABRIEL. "El vírus, el sistema letal y algunas pistas para después de la pandemia." In *Sopa de Wuhan. Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias.* Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020.

MBEMBE, ACHILLE. *Necropolítica*. SP: N-1 editora, 2018. Tradução de Renata Santini.

_____. *Politiques de l'Inimitié*. Paris: Éditions de la Decouverte, 2016.

MILTON, JOHN. *Paraíso Perdido*. E-booksBrasil. Clássicos Jackson. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc., 1956. Tradução de Antonio José de Lima Leitão.

NEGRI, ANTONIO; HARDT, MICHAEL. *Imperio*. Barcelona: Paidós Ibérica, 2002. Tradução de Alcira Bixio.

NOBRE, MARCOS. *Ponto Final*. São Paulo: Todavia, 2020.

NUNES, RODRIGO. "Necropolítica de Bolsonaro aponta para futuro distópico." Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/06/vidas-de-negros-e-pobres-se-tornam-descartaveis-na-pandemia-afirma-professor.shtml

OGILVIE, BERTRAND. *L'Homme jetable. Essai sur l'extremisme et la violence extreme*. Paris: Ed. Amsterdan, 2012.

ORTEGA, FRANCISCO; ORSINI, MICHAEL. "Dissecando o autoritarismo relutante e capacitista frente ao coronavírus no Brasil." In *Pandemia Crítica*. São Paulo, N-1, 2020. Disponível em https://n-1edicoes.org/031. Consultado em 12.06.2020.

PIGLIA, RICARDO. *Respiração artificial*. São Paulo, Companhia das Letras, tradução de Heloísa Jahn, 2010.

ROCHA, JOÃO CEZAR DE CASTRO. "Sucesso do bolsonarismo inviabiliza governo." Disponível em https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/pesquisador-sucesso-do-bolsonarismo-inviabiliza-governo,d72bd1c4c0c1553d077bbdae6a549c18p8qy7lo3.html

RODRIGUES, CARLA; MARTINS, ANA CAROLINA; PINHO, ISA-

BELA; MONTEIRO, JULIANA. “Agamben sendo Agamben: por que não?”. In Blog da Biotempo, 2020, disponível em https://blogdaboitempo.com.br/dossies-tematicos/dossie-coronavirus/ Consultado em 2 de junho de 2020.

ROSE, NIKOLAS. *The politics of life itself. Biomedicine, Power and Subjectivity in the Twenty-First Century*. Princeton: Princeton University Press, 2007.

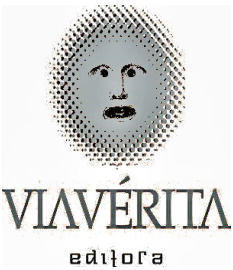
SAFATLE, VLADIMIR. *“Bem vindo ao Estado suicidário*. In *Pandemia Crítica*. São Paulo, N-1, 2020. Disponível em https://n-1edicoes.org/004 Consultado em 10.06.2020.

SOLANO, ESTHER. “Crise da democracia e extremismos de direita”. Disponível em in https://www.nocaute.blog.br/wp-content/uploads/2018/07/14508.pdf Consultado em 2.08.2020.

YAZBEK, ANDRÉ CONSTANTINO. “Soberania e biopolítica: dos nexos entre poder soberano e biopoder no pensamento político de Michel Foucault e de seus usos na atualidade.” In *Revista de Filosofia AURORA*, vol. 31, n. 52, p. 118-140, jan./abr. 2019.

ZAKARIAS, FAREED. “The rise of illiberal democracy”. In *Foreign Affairs;* Nov/Dec 1997; 76, 6.

ZIZEK, SLAVOJ. “El coronavirus es un golpe al capitalismo a lo Kill Bill.” In *Sopa de Wuhan. Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias.* Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020.



pandemia e pandemonio livro.indd 175 13/08/2020 18:30:32